

REVISTA

DA SEMANA

N.º 44—8-11-58 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil



ELIZETE:
NACIONALISMO
EM BUATE

LARGADA DE BALÕES
“SANTOS DUMONT”

VÔOS DIÁRIOS PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop

Serviço da mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — Nº 44 — Rio, 1-11-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

A CAPA

Elizete Cardoso (Ecktachrome Hélio Polito)

REPORTAGENS

Chineses (no Rio) com o diabo no corpo	4
Balões de dez mil crianças viajam pelo céu ..	11
Elizete faz nacionalismo em música de buate	22
24 Horas de Torpor	43
Ava, Ava, a Ilha do Sonho	56
Oswaldo Aranha fala no XII Aniversário da	
O N U	60

POLÍTICA

Trapézio	15
----------------	----

CINEMA

Hollywood, 1958	19
-----------------------	----

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------------	----

ENTREVISTA

Estrêla de Faria	33
------------------------	----

CONTO

O Assalto	41
-----------------	----

SOCIAIS

As verdades de Mariazinha Maranguape	26
Kaleidoscópio	48

A COMÉDIA HUMANA

Falando de Música	51
-------------------------	----

SEÇÕES

Palavras Cruzadas	18
Revista há 50 anos	32
Modas	36
Literatura e Arte	38
Puxe pelo Cérebro	50
Humor (Zenon)	58
A Semana deixou também estas lembranças ..	62

CRÔNICA

Aparição dos Sapatos	59
----------------------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Enderço Telegráfico: «Revista».
Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447;
Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647;
Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00. — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.



ELIZETE CARDOSO (capa) pode bem ser o símbolo dos cantores nacionais que conquistaram o recorte iluminado dos "spot-lights" das mais elegantes buates cariocas. O importador máximo de vozes estrangeiras, o Copa, mesmo ele apresenta atualmente um espetáculo brasileiro — onde Elizete canta em bases estritamente nacionalistas.

CONTATO

O "show" aéreo, transferido para o domingo, 26, levou uma multidão à praia de Copacabana. Desde dez horas, o céu se encheu com os riscos brancos das esquadrilhas de fumaça, e o ruído dos jatos, que lançaram bombas nos alvos espalhados no mar. O ponto alto da demonstração, entretanto — a exibição dos pára-quedistas — teve um fim trágico, com a morte do tenente-coronel Ney Linhares de Barros, do sargento Hamilton Argolo e o soldado Gama — que caíram no mar, embaraçados nos cordões de seus pára-quedas, empanando, assim, o brilho das comemorações ao Pai da Aviação.

TERVE o Rio oportunidade de ver, na última sexta-feira, a estréia do Conjunto Acrobático e Artístico da China — um dos mais importantes grupos de malabaristas de uma terra em que tal espécie de espetáculo possui tradição milenar. As mais arrojadas acrobacias, requintes de prestidigitação foram apresentados ao público carioca, que afluíu ao Maracanãzinho — curioso de conhecer a grande e famosa equipe oriental — do mesmo modo que fizera, há dois anos, quando aqui esteve a Ópera de Pequim.

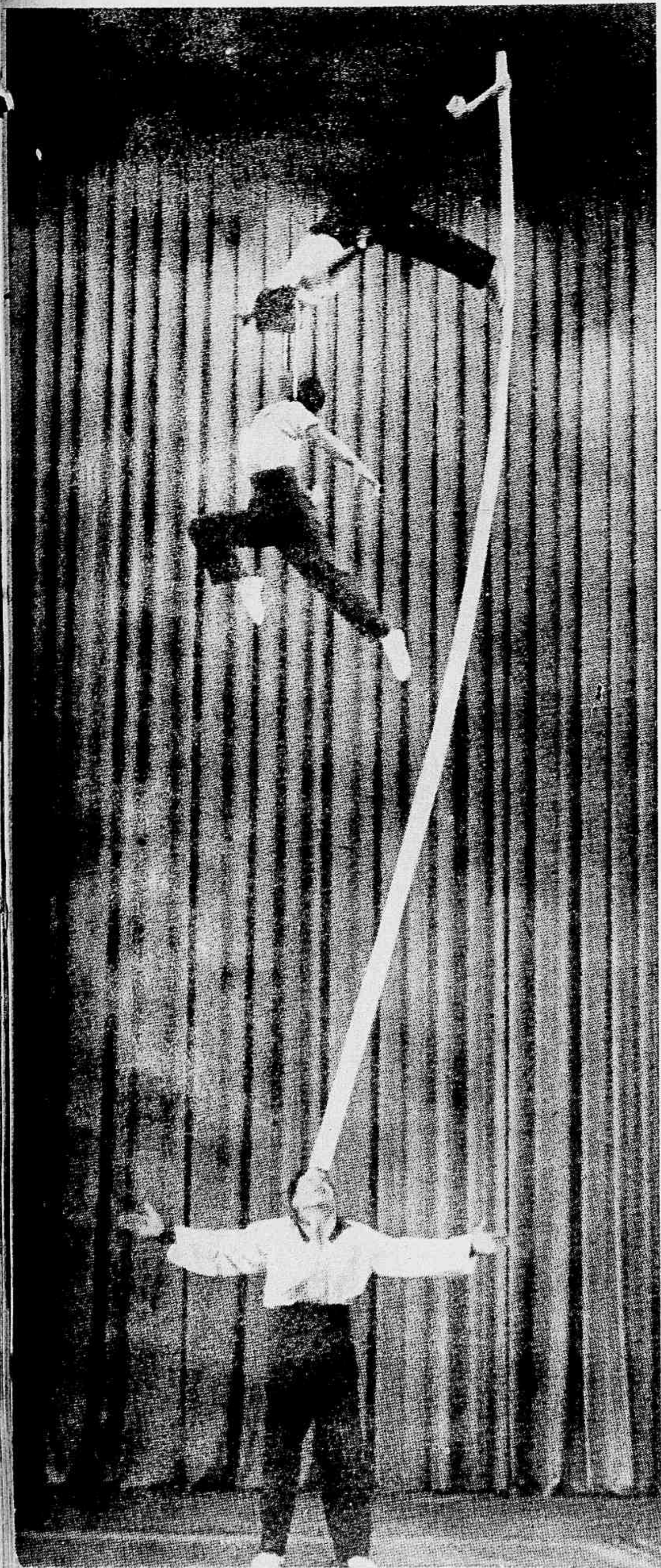
No presente número, apresenta a R.S. alguns aspectos do programa apresentado entre nós pelos extraordinários malabaristas da velha China, bem como a história de seu grupo e o passeio que ele fez, pela Cidade Maravilhosa, na última terça-feira.

NÃO podendo realizar a estabilização política, o Governo JK procura, agora, a estabilização financeira. Mas não sendo possível realizar aquela, muito menos esta conseguirá, pois o preço do Poder será, doravante, muito caro e o Governo terá de atender reivindicações de servidores civis e militares, além de não ser do seu agrado paralisar obras públicas.

Esses e outros esquemas da situação brasileira, no novo quadro deixado pelas eleições de 3 de outubro, serão achados no "Trapézio", a seção em que Osório Nunes analisa e expõe, semanalmente, para os leitores da RS, os fatos da política nacional.

O depoimento do embaixador Oswaldo Aranha a respeito da situação que o mundo atravessa — através da conferência pronunciada por ocasião do 13.º aniversário da Organização das Nações Unidas, no dia 24; a beleza de que se revestiu a "Largada dos Balões Santos Dumont", homenagem das crianças cariocas ao Pai da Aviação — por ocasião do encerramento da "Semana da Asa"; a terrível revelação que nos traz um repórter baiano sobre os perigos de nova modalidade de bebida, que já começa a se propagar entre uma classe de nossa juventude: a adição de uma conhecida droga estimulante ao álcool — são algumas das matérias que a R.S. apresenta ainda neste número que traz, na capa, a presença de Elizete Cardoso, a divina — atualmente brilhando no Copa.

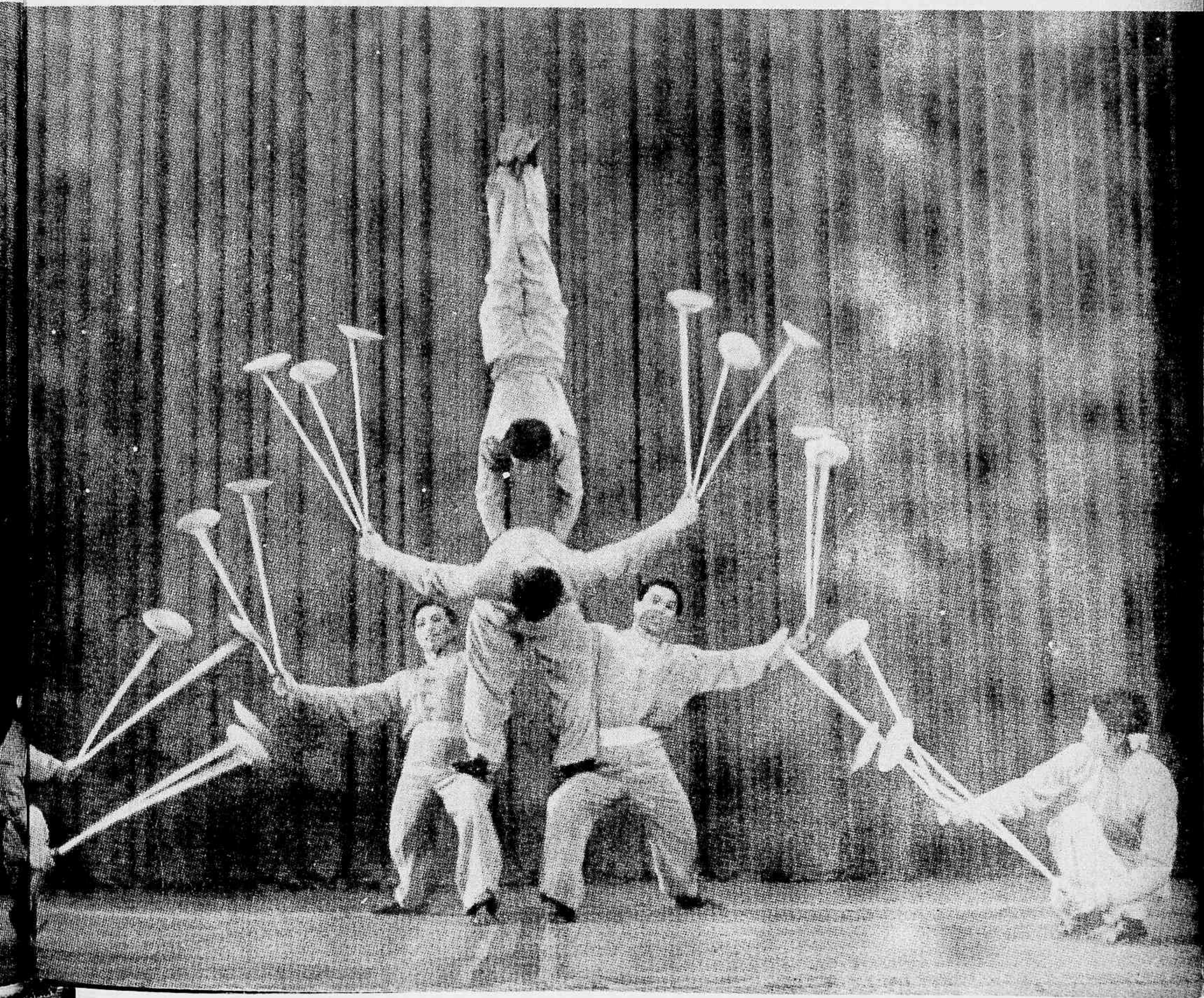
DOIS MIL ANOS DE ACROBACIA:



**CHINESES
(NO RIO)
COM O
DIABO
NO CORPO**

O CONJUNTO Artístico e Acrobático da China veio ao Brasil com cerca de 40 artistas, moças e rapazes de seus vinte anos de idade, numa delegação chefiada pelo escritor Chou Er Fu e pelo crítico dramático Pei Tung Li. A maioria dos componentes do grupo nasceu e estudou arte acrobática em Cunking, uma das maiores cidades chinesas. Em outras ocasiões o conjunto excursionou pela Ásia e Europa e este ano cumpre uma viagem à América Latina, programada já há algum tempo. Antes de vir para o Rio exibiu-se em Buenos Aires, no Teatro Ópera. Não pretendia ficar mais que uma semana, mas o pedido de ingressos para seus espetáculos aumentava dia para dia, e o Teatro Ópera era pequeno para atender a todos. Os chineses acabaram permanecendo um mês inteiro em Buenos Aires, dando duas sessões diárias do seu espetáculo.

Aqui no Rio não precisaram demorar tanto tempo (infelizmente): o tamanho do Maracanãzinho liquidou em 5 dias a afluência do público carioca.



中国 杂技艺术团

Maracanãzinho
recebe chineses:
Festival
de acrobacia.



Tranças pretas, narizinhos idênticos e aí estão os brotinhos da velha China.

A ARTE ACROBÁTICA faz parte da vida da China há muitos séculos. Suas formas primitivas são tão velhas quanto a dança, a música e o teatro do país. De acordo com os historiadores, a somente da arte acrobática chinesa é representada por um jogo chamado "Reis das montanhas" ou "Jogo da torreada". Este torneio, no qual os participantes guerreavam em grupos com chifres na cabeça, desde o Segundo Império da China era representado teatralmente, e inclui os primeiros vestígios do equilíbrio, o contorcionismo que constituem a difícil arte da acrobacia.

Pelo ano de 108 A.C. quando a acrobacia se iniciava seu período de maturidade na China, o imperador Wu, da dinastia Han, promoveu uma grandiosa festa de vários dias de duração, dedi-



Reparem na beleza da dentucinha.

cada aos nobres do estrangeiro e de longínquas regiões da China. Para divertir os seus convidados, o Imperador organizou um programa de espetáculos com os maiores artistas chineses. Os acróbatas foram justamente aqueles que mais empolgaram a platéia. O entusiasmo pelos seus números foi tão grande que, a partir deste ano decidiu-se que, a cada Festival da Primeira Lua, seriam realizadas exibições acrobáticas. Daí por diante a acrobacia só fez crescer e se expandir por todo o país e pelo Oriente em geral.

As odes dos poetas Chang Heng e Li Yu contam as proezas dos acróbatas dos Festivais da Primeira Lua: o equilíbrio sobre a corda frouxa, sobre mãos, equilíbrio na percha, jogo de bolas, danças com espadas, mágicas, engolir espadas, cuspir fogo. Vemos, assim, que a maioria destas modalidades acrobáticas foi preser-

vada até a época atual, e que se estendeu hoje por todos os grupos de saltimbancos do Ocidente.

TIRADENTES SEM FLORES

Teve o Rio oportunidade de conhecer um grupo moderno de notáveis malabaristas chineses — o Conjunto Artístico e Acrobático da China, que aqui chegou na última semana. Saltaram todos do avião com suas fisionomias sorridentes, olhos redondos, as moças com seus trajes típicos e pretas tranças, dispostos a prestarem no mesmo dia uma homenagem ao Brasil. Desejavam colocar uma braçada de flores na estátua de Tiradentes, o proto-mártir da Independência, tal como haviam feito na Argentina com San



OS ACRÓBATAS CHINESES DESLUMBRARAM E FORAM PO

中国 杂技艺术团

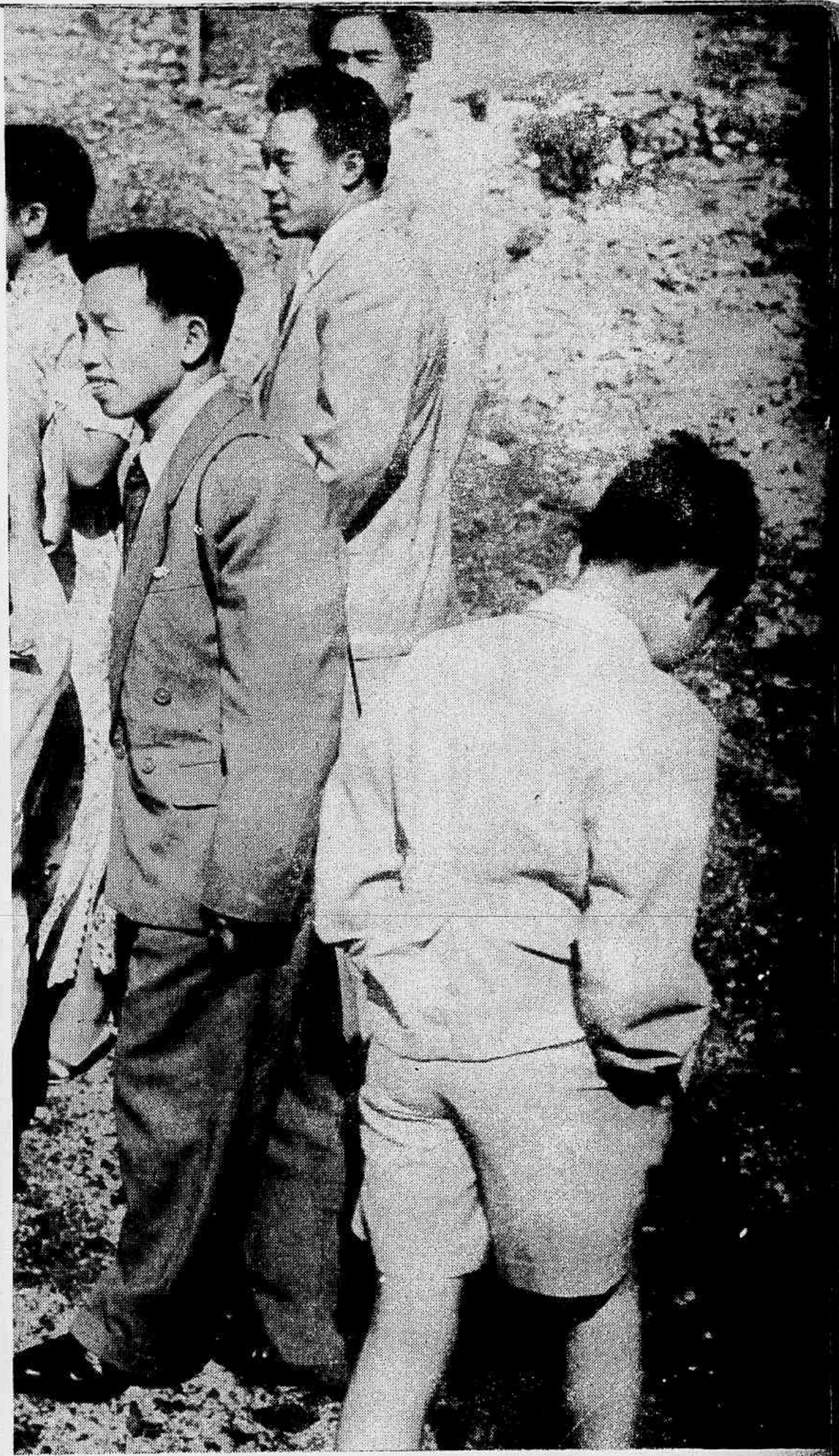
Martin. Mas houve alguém (não muito esclarecido) que os moveu da idéia, alegando que tal homenagem não era praxe entre nós. E esse alguém parece estar querendo inventar uma outra praxe — essa, então, que afirmará ser brasileira: impedir homenagens aos heróis nacionais...

NEM CORCOVADO NEM VISTA CHINESA

Como seus colegas da Ópera de Pequim, os acróbatas chineses deslumbrou o Rio e foram por ele deslustrados. Alta acrobacia em troca de acolhimento e belezas naturais. Entretanto, é bom que se diga que a parte turística de sua estada na cidade

não correu às mil maravilhas. A excursão de ônibus que realizaram para conhecer os tradicionais pontos pitorescos do Rio saiu frustrada em toda linha. O chofer do ônibus andou barafundando as estradas das Furnas, Gávea Pequena, Alto da Boa Vista de um modo tal que a noite desceu sem que os acróbatas ficassem conhecendo a Vista Chinesa ou o Corcovado, que eram os principais objetivos do passeio. Na volta desta pequena e mal organizada "tourné" pelos recantos cariocas, eles, que mais do que qualquer coisa haviam visto árvores e mato (o que é "mato" em Chunking, como afirmaram) — se entusiasmaram com o mar da Avenida Niemeyer e as praias da zona sul. Ainda que nem todos tenham gozado o final do passeio. Muitos enjoaram com os sacolejos da atribulada viagem, inclusive o médico da "troupe", que chegou mesmo a ficar no ponto de necessitar dos cuidados profissionais de um colega.

Mas dois dias depois estavam todos alegres e bem dispostos no coquetel e entrevista coletiva que ofereceram à imprensa.



AM POR ÊLES DESLUMBRADOS.

Nesta ocasião, uma das chinesinhas foi surpreendida cantando o "Encosta a cabecinha no meu ombro", "Mamãe eu quero" e outras músicas brasileiras — e todos já demonstravam rapidíssimos progressos no aprendizado de nossa língua. Confessaram então o afimco com que ensaiavam a "Cidade Maravilhosa" — para cantá-la na estréia de sexta-feira.

ELENCO DE DIABO NO CORPO

Apresentamos, a título de curiosidade, alguns dados sôbre o fabuloso elenco do Conjunto Acrobático e artístico, que acaba de nos visitar.

Tu Shao-yi: Trinta anos de vida profissional. Sua especialidade é o equilíbrio na percha. Seu número foi considerado pelo "Times", de Londres, como de expressão técnica perfeita.

Chang-Shao-Ian: Vinte e cinco anos de experiência, como mágico e imitador de vozes de pássaros e animais.

Chang Chien: Desde os sete anos estuda a arte acrobática. É capaz de transportar nos braços e ombros oito adultos.

Yang Shao-yuan: Descende de uma família de acróbatas. Seu número mais espetacular é o "Castelo de cadeiras", onde se apoiando nos braços êle empilha cadeiras nos pés até o teto do cenário.

Peng Hsiao-Chia: Vinte anos de prática. É o ciclista do Conjunto. Sôbre uma bicicleta é capaz de fazer um verdadeiro "ballet".

Yang Tsui-ying: É descendente de uma família de famosos malabaristas. Seu grande número é o das "Cordas de couro".

Hun-chin-chih: Desde seis anos se exhibe e estuda equilibrismo. Seus números são de extrema beleza e ritmo.

Chuan Lien-ti: Atriz de 19 anos, famosa pela execução dos "Girassóis", número em que faz rodar uma sombrinha a seus pés com incrível leveza.

Peng-Hisao-yun: Na sua infância aprendeu com o pai o ciclismo acrobático. Hoje é contorcionista do Conjunto Artístico e Acrobático da China.

ATENÇÃO, GAROTADA:

ESCREVA UMA CARTA

A PAPAI NOEL

E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL



REPETIMOS, HOJE, as bases da sensacional competição entre a garotada brasileira, lançada em nosso último número:

SE VOCÊ AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR, COMO BICICLETA, CINEMINHA, COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS, BONECA, LAMBRE-TINHA, BOLAS DE FUTEBOL, PATIM, JÓGO DE ARMAR.

VOCÊ PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL, EM S. PAULO, NO CEARÁ, NO AMAZONAS — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.

BASES DA "CAIXA POSTAL":

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta for boa, mesmo, você ganhará um presente cem por cento!
- 8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.

OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.
- 4 — No próximo número já podemos iniciar a relação dos presentes que seu filho poderá ganhar de Papai Noel — um presente de acordo com a idade. Destaque desde já o cupom que se encontra ao canto da página. Ele será responsável por um maravilhoso natal de seu filho.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

«CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

Idade Colégio

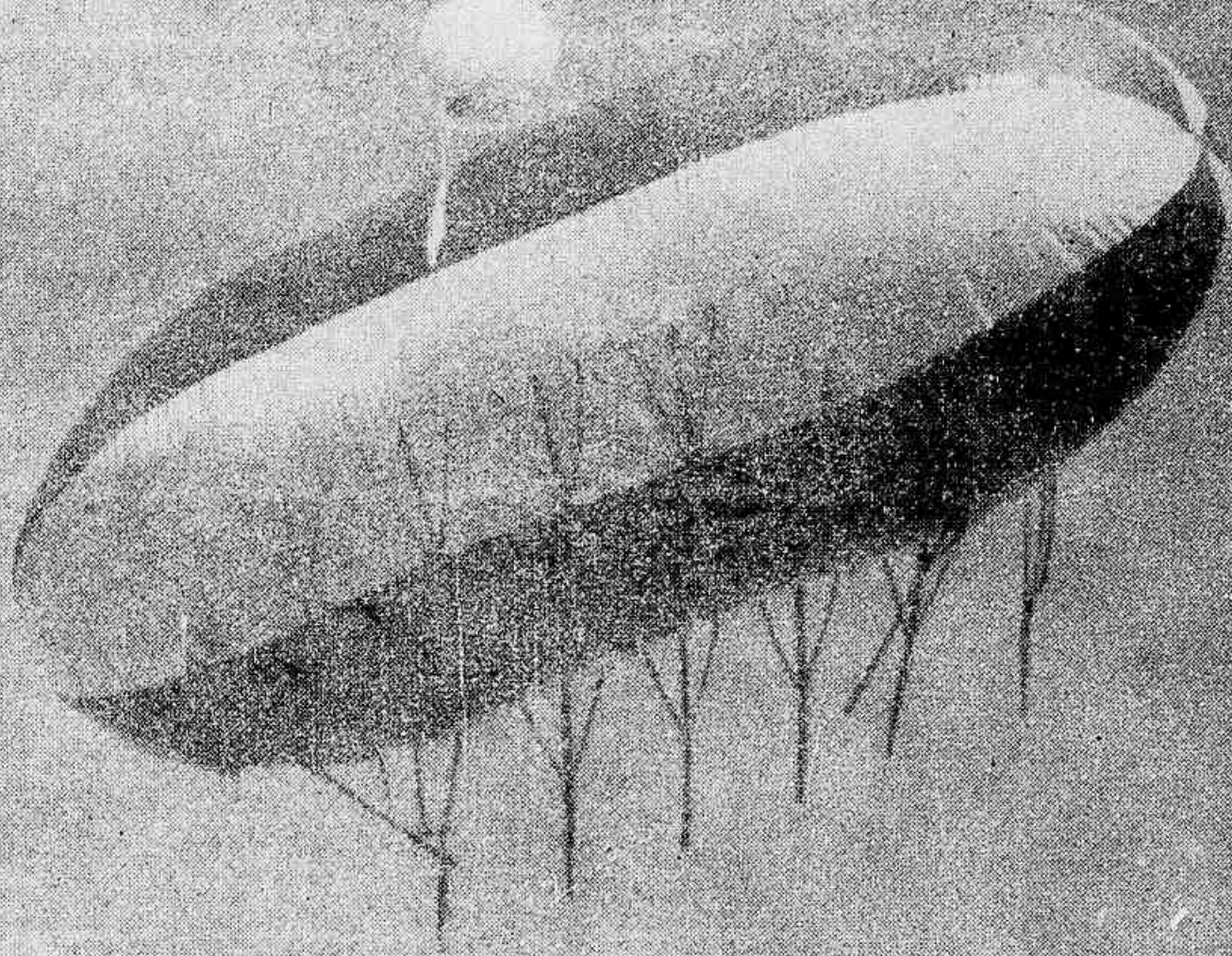
Série que frequenta

Residência

Cidade Estado

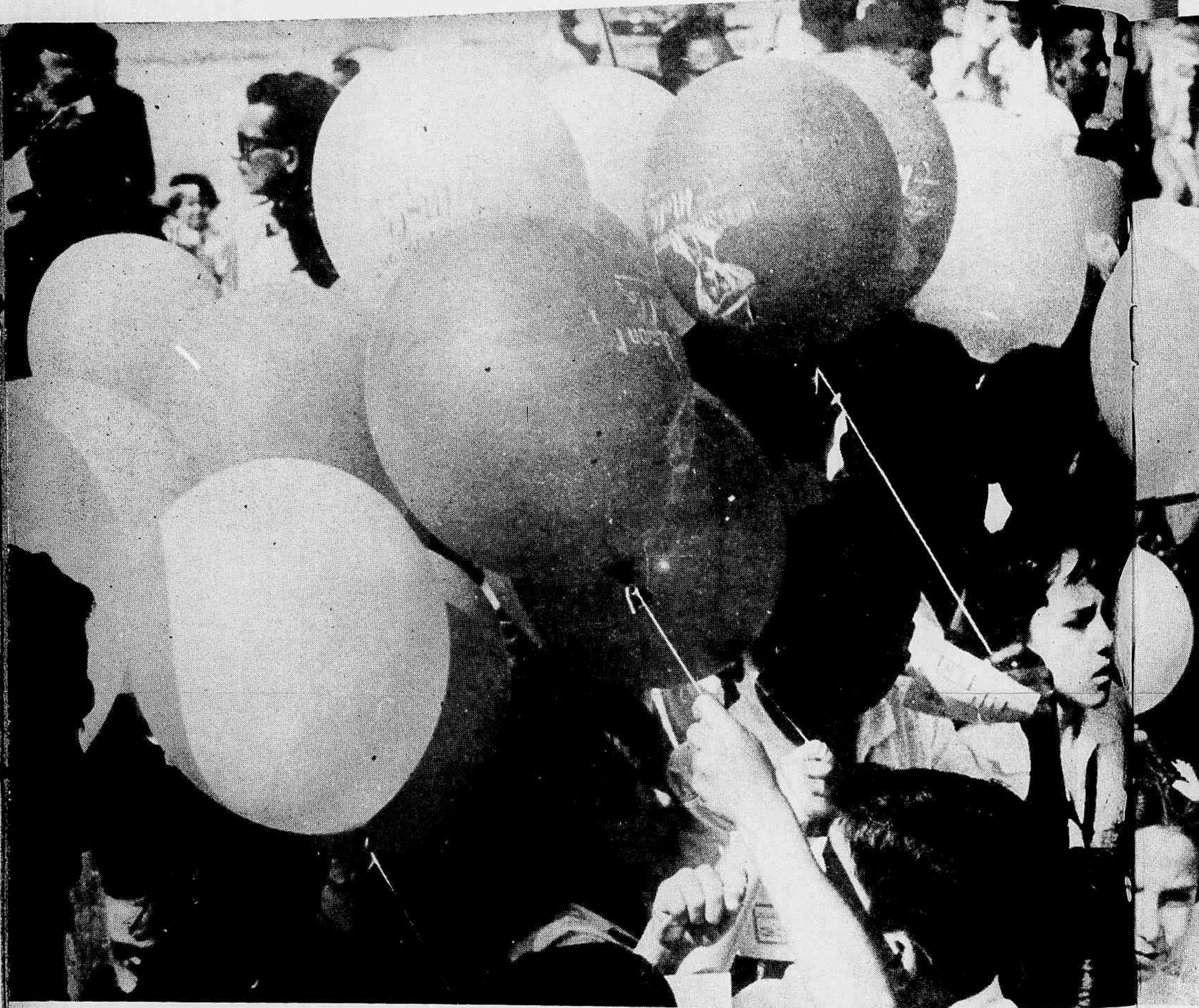
A "CAIXA POSTAL" REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.

LARGADA SANTOS DUMONT:



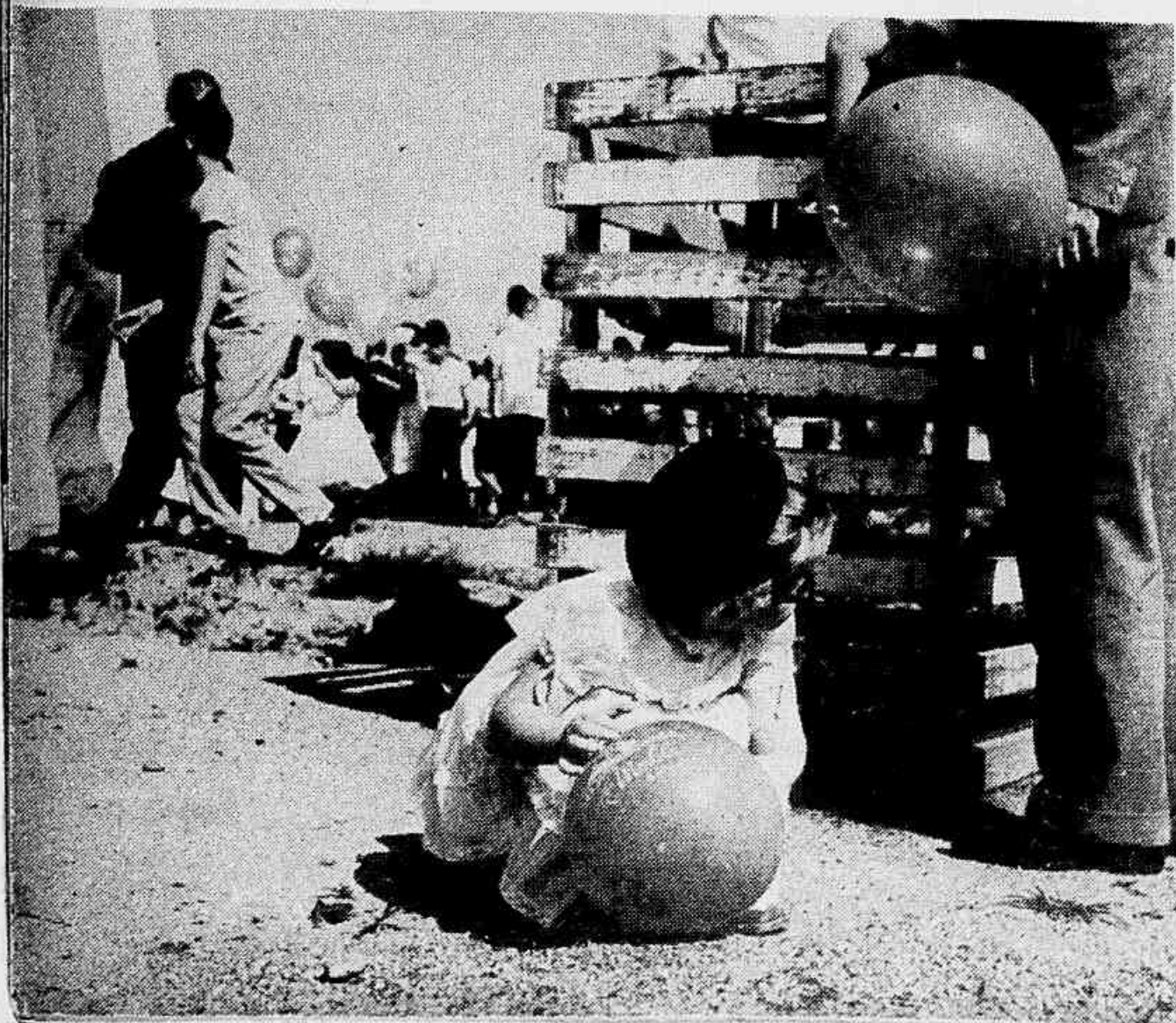
**BALÕES
DE DEZ MIL CRIANÇAS
VIAJAM PELO CÉU**

Fotos de VITO VASCONCELOS



Balão em punho, rabisco fazendo de assinatura, na papeleta. O que cair mais longe ganhará um prêmio.

— Papai, bota depressa mais vento no meu balão!



AS COMEMORAÇÕES da Semana da Asa foram encerradas, no Rio, com uma magnífica apoteose: a Largada dos Balões "Santos Dumont" efetuada às 3 da tarde de quinta-feira, 23, na Praça do Congresso. Contou ela com a participação de dez mil crianças — a maioria envergando o uniforme de suas escolas — e o colorido tremular de dez mil pequenos balões, todos levando a efígie do Pai da Aviação.

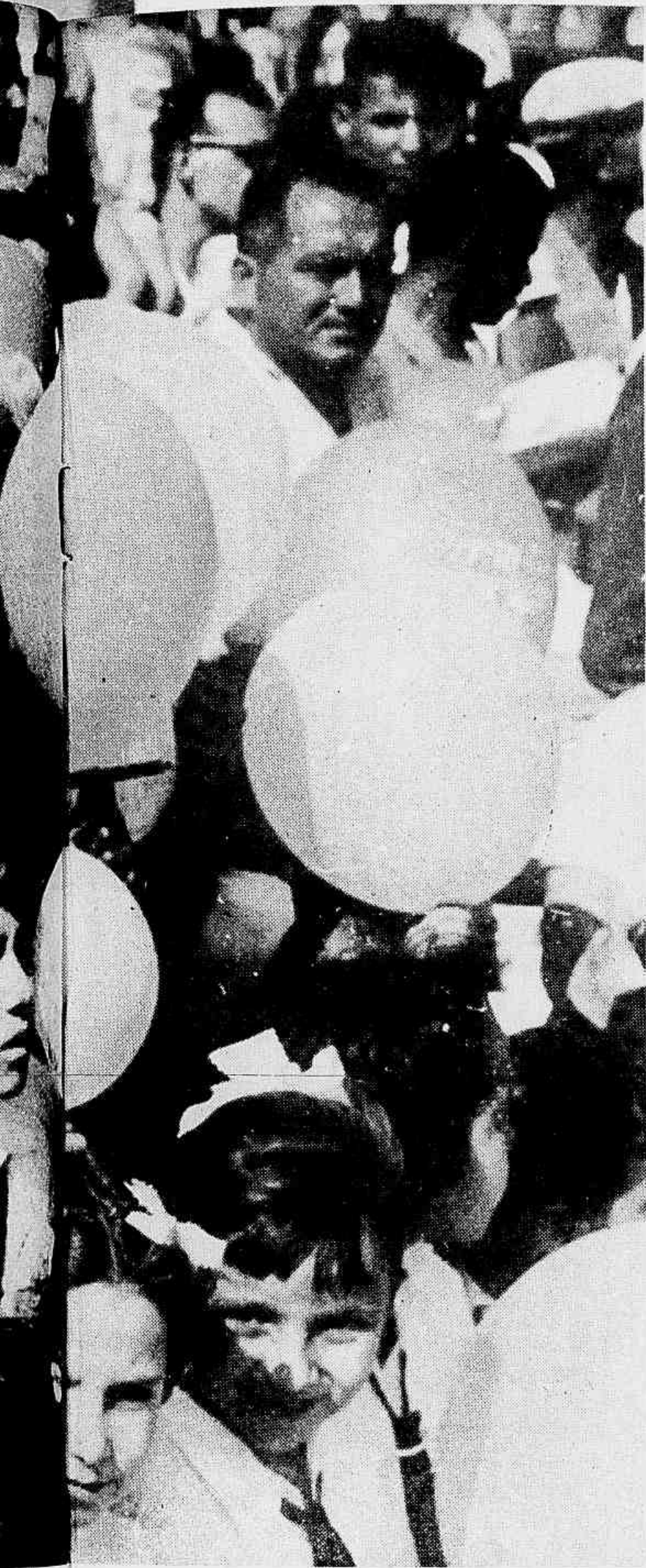
Essa homenagem a Santos Dumont, patrocinada pela Mesbla, contou com a presença, não só da garotada, mas de verdadeira multidão. As 13,30, já se encontrava repleto todo o espaço do atêrro entre o Museu de Arte Moderna e o mar. Cosmes e Damiões protegiam a clareira, em cujo centro se processaria a largada da réplica do Dirigível n. 3 — utilizado por Santos Dumont na série de experiência que lhe possibilitariam o glorioso feito do "14 Bis". Lá estava êle, a ser enchido, exatamente igual àquele com que o Pai da Aviação fêz a volta à Torre Eiffel, na memorável tarde de novembro de 1899. Uma réplica exata, apenas reduzida dos 20 metros de comprimento por 7,50 de largura, para 8,50 e 2,75 — confeccionado em material plástico, nas cores verde e amarelo. Como o seu original, acompanhava-o uma barquinha, tendo sido nela colocado um rádio sonda, a fim de seguir-lhe o trajeto numa distância de 300 kms.

A longa espera da meninada, sob o sol, era suavizada pela expectativa em acompanhar o lento enchimento do dirigível. De vez em quando, o locutor explicava as razões daquela homenagem,

como s
bem c
Impren
juvenis
eram

Afinal
seguro
gurand
escapav
pelo v

Com
leu um
A men
Asa, le
tivo de
gada.
nhou a
da REV
Brasil.
e ganh
jogados
carioca
apenas



Em vez de "cai, cai" — balão sobe, sobe.

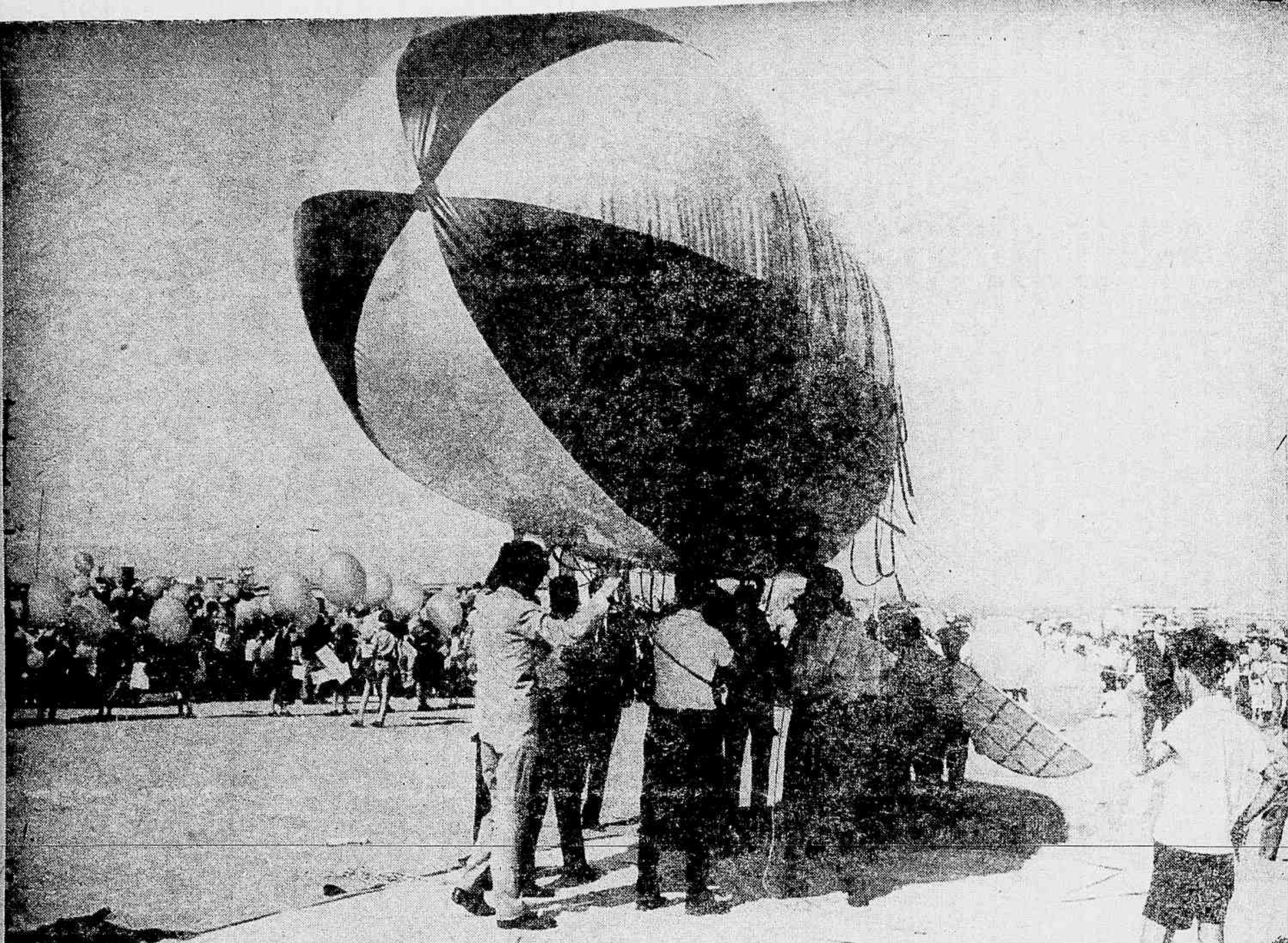
Tânia Grego, de oito anos, lançou o balonete que levou, às crianças do Brasil, a mensagem da R.S.

como se processaria a largada do grande balão, dos pequenos, bem como dos balonetes com que era também homenageada a imprensa falada e escrita. Pequenas bandinhas de música, infanto-juvenis, iam chegando e tomando lugar nas posições que lhe eram reservadas.

Afinal, pelas 14,30, o dirigível já se balançava, sereno, inflado, seguro por cordas. Em seu tórno — a criançada, aos magotes, segurando suas bolas coloridas. De vez em quando, uma das bolas escapava das suas pequeninas mãos e fugia pelo céu, carregada pelo vento do mar.

Com a chegada do representante do Ministro da Aviação, que leu uma mensagem às crianças do Brasil, iniciou-se a cerimônia. A menina vencedora do concurso da mensagem da Semana da Asa, leu também a sua composição. E às 15 horas, ao grito coletivo de "Viva o Brasil, Viva Santos Dumont" — efetuou-se a largada. Libertos o grande balão foi arremessado pelo vento e ganhou altura. Também os balonetes da imprensa — entre eles o da REVISTA DA SEMANA — com uma mensagem às crianças do Brasil, foram libertos das mãos dos escoteiros, que os seguravam, e ganharam o céu, do mesmo modo que os milhares de balões, jogados pela criançada. E, impelidos pelo vento, subiram na tarde carioca, e foram, pouco a pouco, se reduzindo na distância. Foi apenas um minuto. Mas um minuto emocionante.





Réplica em matéria plástica do Dirigível n. 3. Custou a encher, mas tudo se resolve com paciência.

O tambor perdeu a partitura. Mas a bandinha funcionou. E a música continuou até os balões sumirem no céu.



PE
eis o
colab
o ch
está
Peix
eleit
cum

ES
tuno
amb
vend
Mas

CO
maie
sign
func
dize
do p

CO
para
ver
mad
lhes
vêrn
dinh

CO
das
pote
nada
ram
o co
e Ca
se e
da e
área

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PERPLEXIDADE NO CATETE

- ESTABILIZAÇÃO FINANCEIRA EM VEZ DE ESTABILIZAÇÃO POLÍTICA

PERPLEXO O GOVERNO depois de duas semanas da eleição, eis o quadro apresentado pelo Sr. Juscelino Kubitschek e seus colaboradores. O Sr. Benedito Valadares já aconselhou a evitar o choro e distribuiu uns consolos sem aceitação. No fundo, ele está satisfeito com a derrota sofrida pelo comando do Sr. Amaral Peixoto e pela prova (eleição de Bernardes) que quem manobra eleitoralmente em Minas é Valadares. JK — que arranje melhores cumpridores de suas ordens.

ESTABILIZAR AS FINANÇAS, eis o recurso que pareceu oportuno ao Sr. Juscelino Kubitschek para colorir um pouco o cinzento ambiente do após 3 de outubro. Não podendo estabilizar a política, vendo a terra fugir-lhe debaixo dos pés, procura firmar a moeda. Mas como?

CORTANDO DESPESAS E ARRISCANDO-SE a desgostos ainda maiores dos seus correligionários, já muito aflitos. Cortar despesas significa paralisar ou adiar Brasília, significa não dar aumento aos funcionários públicos (é enorme a pressão para o aumento), quer dizer diminuição de obras, diminuição do ritmo do desenvolvimento do país. Isso tudo é profundamente anti JK.

CONTRABANDO DA LIÇÃO. O Governo não acha mercado para o café e se compromete a vender menos do que vende para ver se consegue vender um pouco. Os contrabandistas (assim chamados certos negociantes da Amazônia) conseguem clientes que lhes pagam o café a 40 dólares a saca e ainda pedem mais. O Governo não consegue o mesmo e persegue as operações que trazem dinheiro forte para o Brasil. Ele, ou ninguém...

CONTRÔLE DA OPOSIÇÃO é o alvo da luta mais acirrada depois das eleições. O Sr. Jânio Quadros atirou-se com muita sede ao pote, único em que pode beber sem risco de engolir água envenenada. Os líderes udenistas que caminhavam na sua direção fizeram uma parada para refletir. O governador de São Paulo deseja o controle das forças oposicionistas, mas os srs. Juraci Magalhães e Carlos Lacerda estão vigilantes, para que a UDN não tenha de se entregar ao Sr. Jânio sem direito sequer de escolher o estilo da campanha. JK observa a maré. Qualquer desentendimento na área anti-Catete será benéfico a JK e suas especulações sucessórias...



Lacerda.

INTERVENTOR EM BRASÍLIA

Brasília (Pasargada e donzela Hermengarda do seminarista JK) é muito longe e o nosso ex-quase presbítero não pode estar sempre a contemplá-la com olhos apaixonados. Daí, JK mandou para Brasília o major Luís Antônio Borges para acompanhar de perto o que se passa na futura capital.

Quando o major chega (êle é homem de estudo e ação, ao mesmo tempo) já sabe de tudo. Mas vai perguntando como quem não quer nada.

Aliás, a nova capital (que acabo de ver) não ficará pronta em 1960. Mas o esforço que se faz lá, é grande e a construção é atacada em pontos simultâneos.

O INIMIGO ERA GETÚLIO

Um amigo de Amaral Peixoto avisou-o em tempo: O inimigo é o Getúlio (Moura). Ele quer ser candidato e faz tudo para destruí-lo dentro do partido.

Amaral não acreditou. Pensou que o inimigo era Roberto Silveira. Contou com Getúlio (Moura) e Getúlio (Vargas). Nenhum dos dois funcionou.

LOPO, PREFEITO

Uma coligação de partidos do DF pediu a JK a nomeação de Lopo Coelho para Prefeito e no Guanabara entrou-se a conjeturar que se Lopo fôsse nomeado era bem possível que se encontrasse uma solução razoável para o maior problema da Prefeitura: pessoal.

MISSÕES EM CASA

Com o decreto regulamentando a nomeação de delegações ao estrangeiro praticamente só as missões diplomáticas permanentes desempenharão cargo de representação do Brasil no exterior. Os mais insatisfeitos são os mineirinhos que, com regular assiduidade, passaram a figurar nas diferentes embaixadas às reuniões fora do país. Agora, as missões são em casa.

GUAPORÉ

Com a Vitória de Aluísio Ferreira nas eleições para deputado no Guaporé, foi indicado para o Governo do Território o tenente-coronel Paulo Nunes Leal, irmão de Vítor Nunes Leal, chefe da Casa Civil da Presidência. Espera-se, em Belém, grandes programas para o Guaporé inclusive para a ferrovia Madeira-Mamoré.

PSD PARAENSE

Dô Pará, de onde acabo de retornar, contarei várias histórias, inclusive o convite



Ademar de Barros.



Amaral Peixoto.



Lucas Lopes.

que me fez para prefeito de Inhangapi o governador Magalhães Barata, o qual acolheu um grupo de jornalistas e escritores do Rio.

Por ora, direi que um curumim (garotinho) de dez anos, ao chegar a Belém, dia do Círio, procedente dos estreitos de Breves, olhou o maior arranha-céu da cidade (vinte e cinco andares) e perguntou se ali era o PSD e se lá é que morava o Barata...

ADEMAR, PRODUTO DE EXPORTAÇÃO

Depois de perder as eleições em São Paulo, amigos e inimigos do sr. Ademar de Barros acham que êle não serve para o consumo interno (pelo menos por ora) e deve ser produto de exportação, colocado o mais depressa possível numa missão na Europa.

CONCEIÇÃO, SIM

JK não admitiu fotografos no baile de debutante de sua filhinha Márcia. Não se verá, portanto, oficialmente, como dançou sabendo-se, entretanto, que o que fez bem e não quis saber de "Peixe Vivo". JK não gosta dessa música, atribuída ao folclore diamantinense. Sua música preferida (confissão a Bené Nunes) é, mesmo, "Conceição" (Jair Amorim e Donga).

SONHANDO NO MORRO

A musiquinha preferida de JK começa assim: "Conceição, eu me lembro muito bem / vivia sonhando no morro / com coisas que o morro não tem"...

EXPLOSAO A MENOS

Se houvesse mais uma explosão em Deodoro (dizem os amigos de Rubens Berardo) êle não teria sido eleito deputado pelo DF. A primeira foi-lhe favorável. Outra lhe destruiria o colégio eleitoral.

GRANDE DANÇARINO

JK deixou fama em "El Panamá", luxuoso hotel onde se realizou a Conferência dos Chefes de Estado Americanos, em 1956. Dançou com grande garbo e, ao partir deu a mão a todos os empregados do hotel.

MURILO ENTRE DOIS FOGOS

Apoiado por escritores e artistas, Murilo Miranda elegeu-se vereador pelo DF. Agora, atravessará do Municipal para a Câmara e ficará entre dois fogos. Será procurado nos dois lugares, ao mesmo tempo, pelos filantes de convites para o Teatro.

FINALMENTE APROVADO

Amintas de Barros (candidato crônico à Prefeitura de Belo Horizonte), desta vez conseguiu aprovação no exame. Ganhou a Prefeitura tão suspirada, derrotando UDN e PSD reunidos.

PLEBISCITO

No interior da Bahia, houve um plebiscito: Lomanto Júnior (PL), que podia ser deputado federal e era deputado estadual, candidatou-se a Prefeito de Jequé, posto que já exerceu uma vez. Lomanto (destacado líder municipalista) não teve competidor. Ninguém quis concorrer com ele e foi eleito por verdadeira consagração popular.

PREPARANDO O REBENTO

Enquanto isso, Juraci Magalhães, no meio da estrondosa vitória que alcançou na Bahia, elegeu seu filho, do mesmo nome, deputado. Cuidou do hoje e do amanhã.

FOGO NO CIRCO

Um dos homens mais satisfeitos do momento é o sr. Benedito Valadares. Vê o circo pessedista pegar fogo, enquanto o diretor Amaral Peixoto corre atarantado e não aparece nenhum domador para conter as feras à solta.

BANCADA MUNICIPALISTA

Dois ex-presidentes da Associação Brasileira de Municípios foram eleitos para a nova Câmara federal: Osmar Cunha, prefeito de Florianópolis e Dirceu Cardoso, ex-prefeito de Muqui, até então deputado estadual pelo Espírito Santo. Virão, também: Lourival Batista, ex-prefeito de São Cristóvão, Sergipe (conhecido líder municipalista) e Sílvio Braga, do Pará, ambos destacados integrantes dos quadros da ABM. Resultados finais do pleito apontarão outros municipalistas.



Rubens Berardo.



QUATRO "LL" VITORIOSOS EM SERGIPE

Sergipe foi, com São Paulo, o Estado onde o Governo elegeu seu sucessor. Indo mais além, o Governo venceu as eleições para o Senado, Câmara, Assembléia Estadual e para a maioria das Câmaras Municipais, ganhando, também, a Vice-Governadoria.

Quem são os vitoriosos no pequeno e valeroso Estado? Eles estão aí, principalmente.

Quatro políticos cuja inicial é a letra "L" foram grandes responsáveis pelo êxito, único, na última eleição: Leandro Maciel (Governador), Luís Garcia (deputado federal, eleito Governador), Lourival Batista (eleito deputado federal em primeiro lugar na legenda udenista) e Lourival Fontes (senador do PTB) que apoiou as candidaturas vitoriosas.



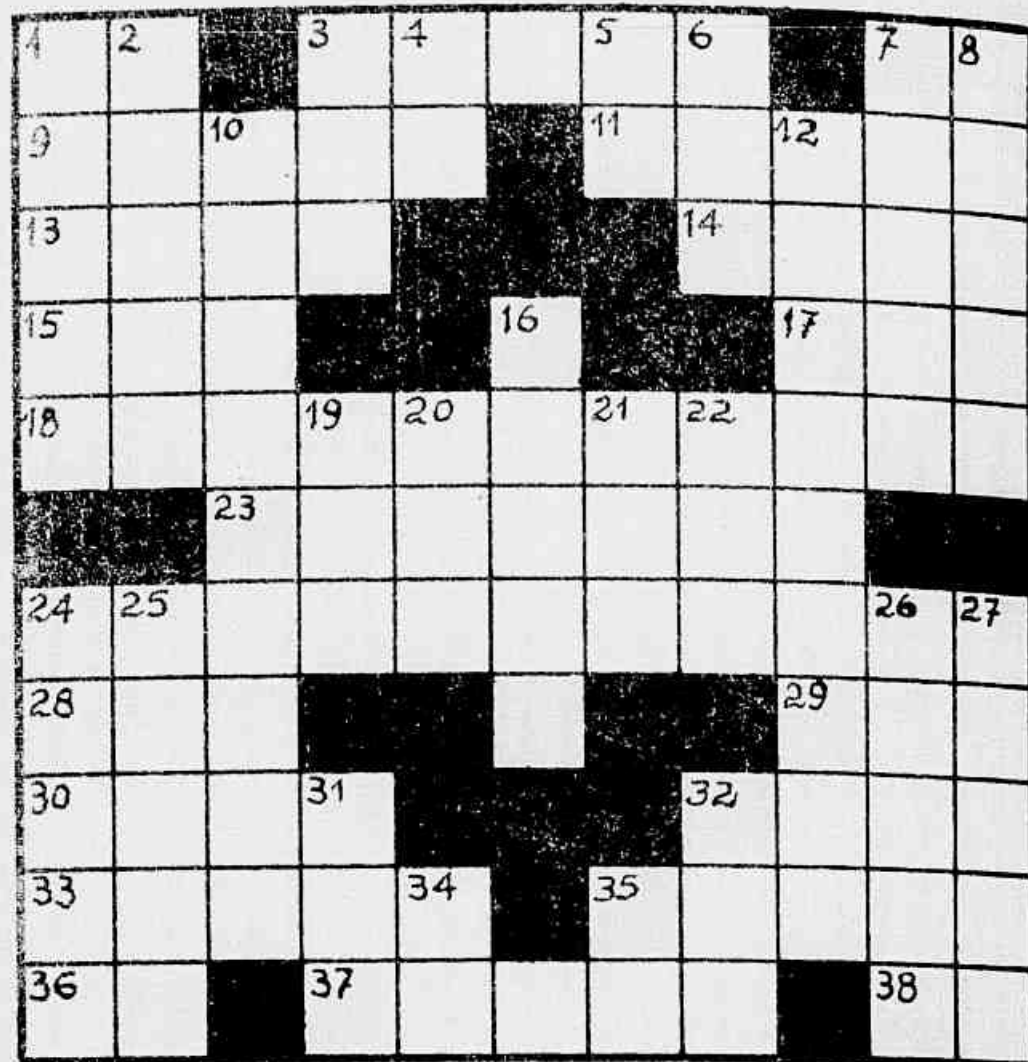
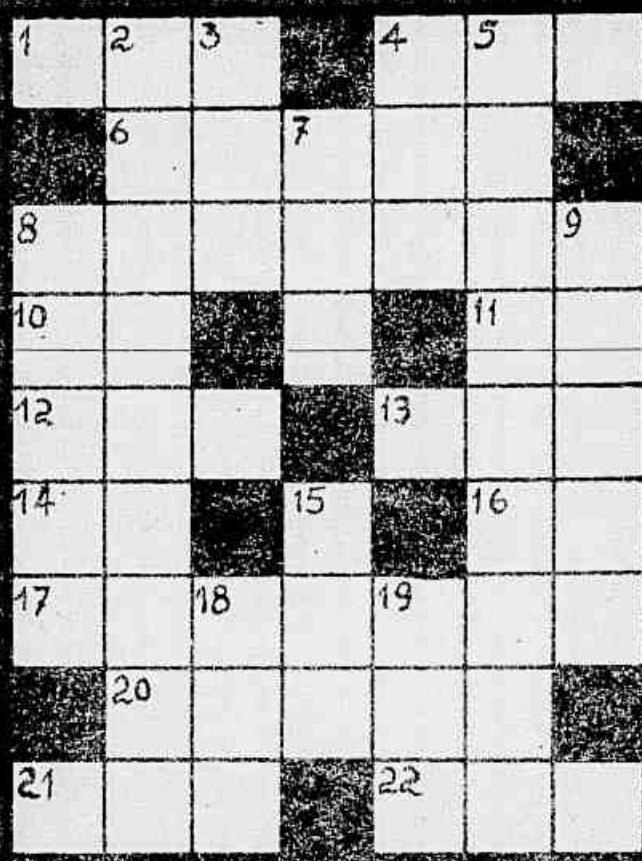
JURACI MAGALHÃES: RUMO AO PODER

O sr. Juraci Magalhães dizia que fôra para uma batalha de desfecho impreciso, mas agora está plenamente vitorioso a caminho do Governo da Bahia e de tremendas manobras políticas em que jogará toda a sua capacidade de prever e enfrentar acontecimentos.

Ei-lo triunfante mas certo de que a hora do triunfo é a mais grave porque se a UDN não souber usar todos os efeitos da vitória

de 3 de outubro (que considera grande mas não tanto quanto desejaria) dificilmente encontrará uma oportunidade tão ampla como a que lhe foi concedida nos maiores colégios eleitorais do país.

Juraci Magalhães está no caminho do Poder, e com o seu Presidente a UDN por ele tripulada até o êxito de 3 de outubro, mas sabe que a batalha não está ganha: é preciso andar muito (e com jeito) até o triunfo final.



PROBLEMA N.º 57 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Designação de qualquer divindade escandinava — 3. Que acarreta desgraças — 7. A jarda inglesa na China — 9. Clã sem autonomia política (pl.) — 11. Multilar — 13. Lucro — 14. Frente da folha tipográfica — 15. Dança escocesa — 17. Povoação de Portugal, na freguesia de Beco — 18. Expressão procedente de língua asiática — 23. Tumor muscular — 24. Sovinice — 28. Medida de capacidade de Tonquin — 29. Pessoa notável — 30. Horror — 32. Dança do interior alagoano — 33. Caminho — 35. Endurecer — 36. Artigo plural — 37. Substância corante vermelho-escuro, que se extrai da cochonilha — 38. A primeira risca do jogo do arco.

VERTICAIS: 1. Moeda de prata que corria na Turquia e na Barbária — 2. Sonso, matreiro (pl.) — 3. Rancor — 4. Libra de doze onças — 5. Antes de Cristo — 6. O seio da família — 7. Mortificam — 8. Sabugo — 10. Instrução extensa e variada — 12. Sentir profundamente — 16. Severo em crítica — 19. Grande deserto do Saara — 20. Vila do Egito, na península do Sinai — 21. Grande número — 22. Rio da França, afl. do Vilaine — 24. Serpente monstruosa da Guiana — 25. Camisas — 26. Marcar o peso da tara sobre os sacos — 27. Voz que exprime afirmação e satisfação — 31. Nome de homem — 32. Corujão — 34. Epiglote — 35. Símbolo do metal de peso atómico 52,01.

PROBLEMA N.º 57 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Fruto da videira — 4. Cano de moinho — 6. Matizar — 8. Deitar a gomos — 10. Porco — 11. Quinto mês dos hebreus — 12. Larva que se desenvolve em feridas de animais — 13. Faz uso — 14. 17.ª letra do alfabeto grego — 16. Outra coisa — 17. Alargo, estiro — 20. De ouro — 21. Membro empenado das aves — 22. Nome de mulher.

VERTICAIS: 2. Cheias de vigor — 3. Argola — 4. Designação genérica dos vegetais — 5. Planos; tornados rasos — 7. Íntimo — 8. Sofra, suporte — 9. Tremor (de terra) — 15. Possuir — 18. Feminino de "teu" — 19. Nome de homem.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 56

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: baa — azo — cis — aldas — saúco — falm — prés — ímpar — Urais — Oréades — taris — detento — abala — aérea — raia — maus — ocará — corro — sós — rio — acs.

VERTICAIS: bafio — alam — adipo — ás — os — curas — icei — sosso — amartelar — apréstemo — reata — Udina — are — caros — daias — orara — casos — baco — euro — ar — có.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ala — ama — motejar — ano — ro — má — arários — lê — Ra — Ada — departamento — ara — Aar.

VERTICAIS: amarelada — lo — ata — ajo — ma — arrasador — entrada — ore — mor — Apa — ara — Er — ta.

CINEMA



HOLLYWOOD 1958

MONIZ VIANNA

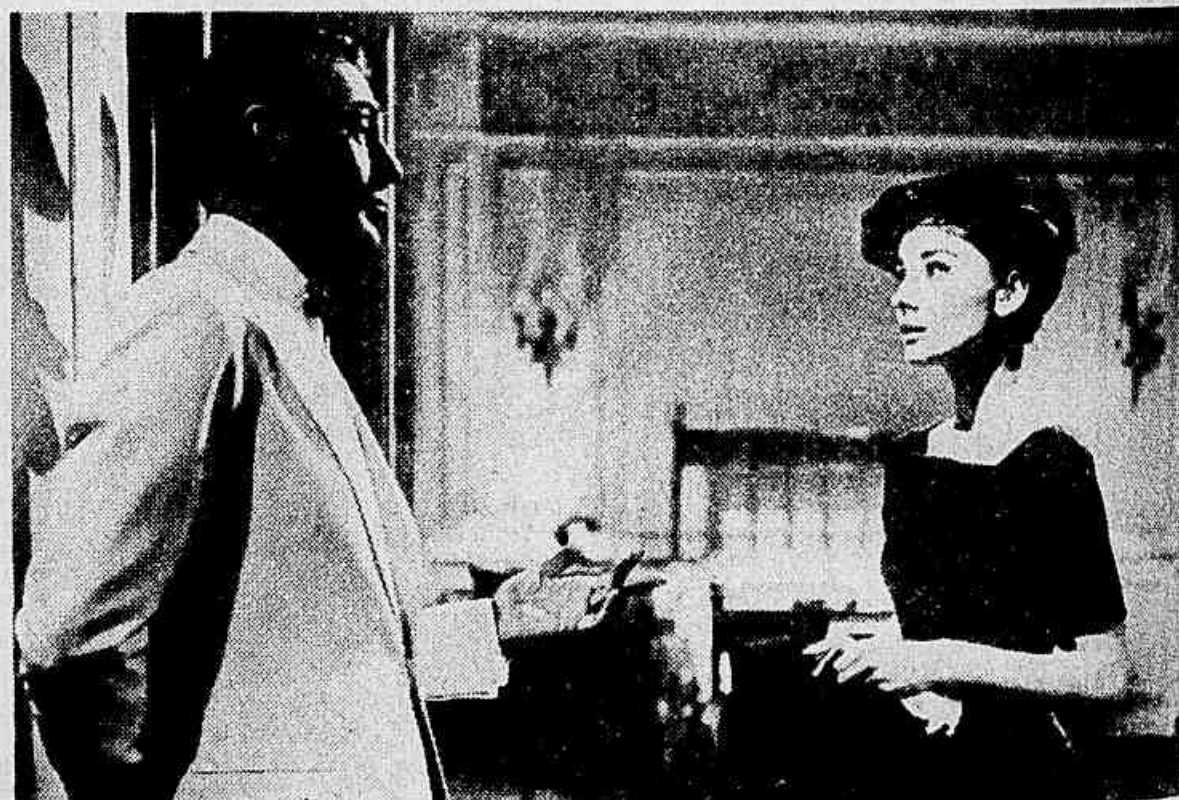
O ÚLTIMO HURRAH (The Last Hurrah), baseado numa novela (premiada) de Edwin O'Connor, é a volta de John Ford a Hollywood, já que os dois filmes anteriores do mestre foram realizados na Irlanda ("The Rising of the Moon") e na Inglaterra ("Gideon of Scotland Yard"). Os personagens, mais uma vez, são irlandeses, ou descendentes de irlandeses, e o meio em que eles se agitam é o da política de uma cidade de Nova Inglaterra, não identificada na história, "mas não muito diferente de Boston". O tom dado pelo diretor a essa história é polímorfo — áspero e sentimental, malicioso e bem humorado, como se se estendesse a tudo o mais a personalidade do herói, um velho político vivido por Spencer Tracy. Em volta deste ator, colocou Ford um grupo respeitável de veteranos: Pat O'Brien, Donald Crisp, Basil Rathbone, John Carradine, James Gleason, Wallace Ford, Edmund Lowe, Ricardo Cortez, Frank McHugh, Edward Brophy. Os únicos elementos jovens no elenco são Jeffrey Hunter e Dianne Foster, um cronista esportivo e sua bonita mulher.



RAÍZES DO CÉU (The Roots of Heaven) levou John Huston novamente à África, onde o grande diretor já havia estado para fazer, anos atrás, "The African Queen". Huston tentou a reedição daquele êxito em "O Céu é Testemunha" (também uma história com dois personagens entre os perigos da guerra), mas agora o gênero é outro. E é o estrelato, definitivamente, para Juliette Greco. A cantora existencialista e francesa, tendo conquistado a "proteção" de Darryl F. Zanuck, obteve ainda, num clímax de sorte, a atenção de um dos maiores cineastas do momento. E Huston cercou-a de bons atores — Trevor Howard, Errol Flynn, Paul Lukas, Eddie Albert e Orson Welles, este um velho amigo e outra vez (a primeira foi em "Moby Dick") sob as ordens de um dos raros colegas cuja inteligência ele admira e respeita. A narrativa, extraída de um "best-seller" de Roman Gay, desenrola-se na África do Norte e gira em torno de uma rebelião chefiada por Trevor Howard contra a "indústria" da caça de elefantes. Com ramificações, a trama dá a Juliette o papel de uma aventureira.



A MARCA DA MALDADE (Touch of Evil) assinala o reaparecimento de Orson Welles, como diretor, nos estúdios hollywoodianos, de onde se achava afastado (desde "Macbeth") o grande revolucionário americano. Além de diretor, Welles é o "scripter" e o protagonista deste "thriller" que já lhe deu, porém, dores de cabeça. Porque, na sua ausência, o estúdio modificou um pouco o "montage" do filme, eliminando e acrescentando algumas cenas. A verdade é que, de todos os filmes de Welles, só "Cidadão Kane" e "Otelo" foram exibidos como o cineasta os fez. Mas todos, mostram o gênio poderoso do diretor. E "A Marca da Maldade" não faz exceção à regra, havendo conquistado, entre elogios de toda a parte, o prêmio da crítica no Festival de Bruxelas. A história se desenvolve na fronteira dos Estados Unidos com o México, apresentando Welles como um policial corrupto e violento, que cria várias dificuldades para o casal Charlton Heston-Janet Leigh. Alguns bons atores (Joseph Calleis, Akim Tamiroff, Ray Collins) e duas "estrelas convidadas" (Marlene Dietrich e Zsa Zsa Gabor) estão no elenco.



AMOR NA TARDE (Love in the Afternoon), realizado por Billy Wilder antes de "Testemunha de Acusação", é uma comédia irônica, sutil e às vezes se deixando infiltrar daquele sadismo que explode com a maior violência nos dramas ("Crepúsculo dos Deuses", "A Montanha dos 7 Abutres") do cineasta. Gary Cooper e Audrey Hepburn têm os papéis centrais, vigiados de perto por Maurice Chevalier, detetive particular especializado em casos de adultério e pai da heroína na trama. Gary é um Don Juan milionário e americano que prefere agir na Europa (e a narrativa se desenrola em Paris) e cujo maior título é o de "o homem do ano", com retrato na capa de "Confidential". Audrey, estudante de violoncelo, mete-se em sua vida, para salvá-la, e daí a pouco é mais uma para sua coleção de amantes. O filme se baseia numa história de Claude Anet, "Ariane", de que é a segunda versão. Na outra, feita há quase 30 anos, Elizabeth Bergner era Ariane. Mas o diretor agora é Billy Wilder — e isso explica a superioridade e, o que é mais importante, a classe e o brilho desta "sophisticated comedy" ainda "sabiniana".

O AMERICANO TRANQUÍLO (The Quiet American) também deriva de novela famosa, escrita por Graham Greene. Nos papéis principais: Audie Murphy, "o americano tranquilo", e Michael Redgrave, o correspondente Fowler, em conflito político e sentimental com o herói (por causa de Georgia Moll, descoberta pelo diretor na Itália) e dissimulando sob permanente cinismo uma ansiedade neurótica e outras frustrações. O francês Claude Dauphin é o policial encarregado de investigar a morte de Murphy, assassinado pelos comunistas e cuja vida é narrada em "flashback" pelo diretor Josep L. Mankiewicz. Manifesta Greene, nessa história, pontos de vista que vieram a ser considerados anti-americanistas por muita gente — mas o "script" os aparou. "O Americano Tranquilo" é a segunda produção de Fígaro, empresa independente que Mankiewicz inaugurou há três anos com uma fita insólita e fascinante: "A Condessa Descalça". No elenco, só Murphy é americano. Redgrave é inglês e, entre os coadjuvantes, está Kerima, além de muitos indo-chineses, pois parte da fita foi rodada em Viet Nam.



O VELHO E O MAR (The Old Man and the Sea) é a versão da admirável novela de Ernest Hemingway. Adaptada à tela por Peter Viertel (também o cenarista de "E Agora Brilha o Sol", baseado em outra obra do mesmo escritor), a história foi entregue primeiro ao diretor Fred Zinnemann, que já havia rodado muitas cenas quando, por não se mostrar o produtor Leland Hayward satisfeito com o seu trabalho, John Sturges foi chamado a substituí-lo. Também o mestre James Wong Howe, nessa segunda etapa da produção, entrou no lugar em que antes se encontrava outro fotógrafo de classe, Floyd Crosby. Na narrativa, Spencer Tracy tem quase um solo de interpretação, como o velho pescador cubano que trava demorada e violenta luta — uma verdadeira batalha — com um peixe majestoso, dominando-o, mas perdendo-o a seguir para um furioso cardume de tubarões; quando o dia amanhece, resta apenas o esqueleto do peixe. Todos os críticos elogiam Tracy e a fotografia de Wong Howe, principalmente. Ao lado do veterano ator, em breve aparição, o menino Felipe Pazos.

Apesar dos ataques

da televisão,

Hollywood continua soberana.

HOLLYWOOD SOFREU há pouco — ainda está sofrendo — mais um ataque da televisão. O ataque mais forte até agora. De maior violência do que o de cinco anos atrás, quando o cinema reagiu com invenções diversas (3-D, Cinerama, CinemaScope, som estéreo, VistaVision), ao mesmo tempo em que aumenta consideravelmente o número de filmes em côr — e o público, intrigado e curioso, começou a voltar às salas de projeção. A produção, quantitativamente, diminuiu, porém a sua qualidade nem sempre parecia corresponder ao slogan também inventado na ocasião: "os filmes estão melhores do que nunca".

Passados poucos anos, entretanto, já não há mais novidade. Apesar de não ter cessado ainda a avalanche de "novas técnicas" — como Technirama, Megascopes, Cinemiracle — estas apenas tentam aperfeiçoar as que surgiram primeiro. Já não se têm invenções, mas correções — ou falsificações, como é o caso mais freqüente no mercado brasileiro. E a TV voltou a atacar, confundindo os mandarins da indústria e levando-os, quase em desespero, a procurar minar o adversário com a sedução de seus elementos que vinham alcançando sucesso. A Academia chegou a dar uma coleção de "Oscars" a Marty, um dos muitos filmes realizados em Hollywood por gente de televisão. Muitos outros diretores, escritores e atores de teleplays vieram atrás de Paddy Chayefsky e Delbert Mann. E a balbúrdia começou.

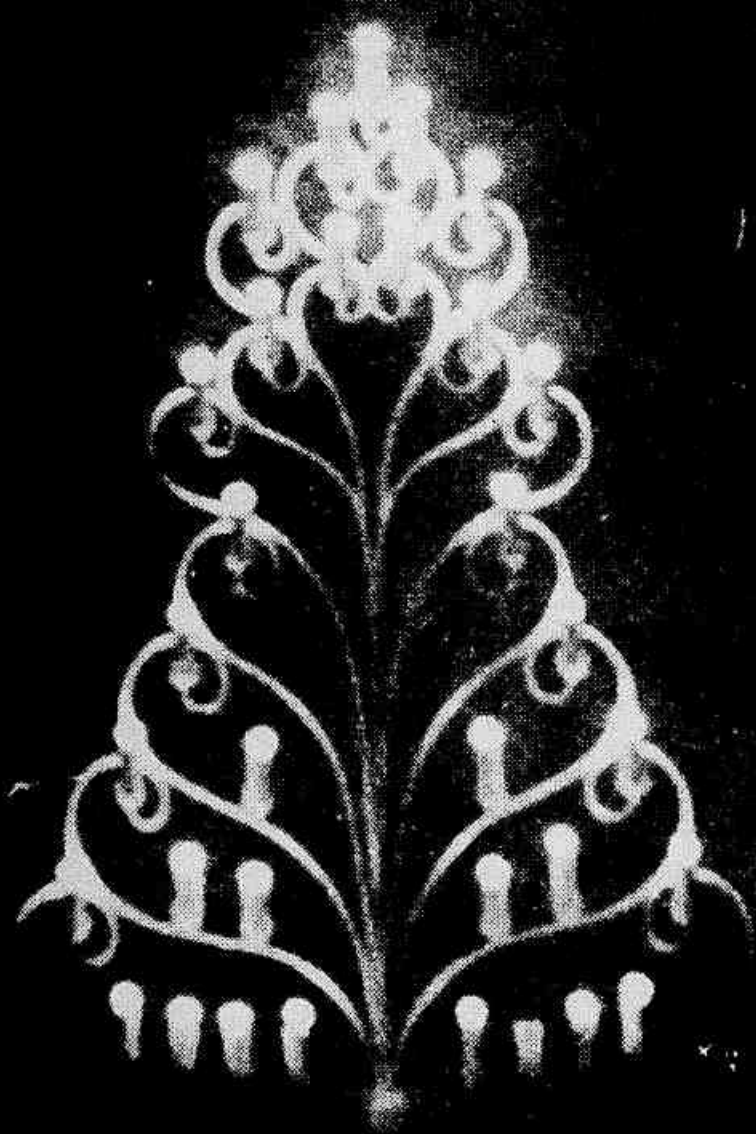
A produção diminui em quantidade (algumas séries, como os westerns de classe C, passaram para o domínio exclusivo da TV), aumenta a pretensão dos filmes, vêm os triunfos de bilheteria de Os Dez Mandamentos e A Volta ao Mundo em 80 Dias. Mas DeMille está muito velho e é um só, e Michael Todd morreu.

O que os chefes dos estúdios ainda não viram — talvez porque estejam em pânico — é a porta da qualidade, que nem o melhor slogan basta para abrir. A televisão pode prender as pessoas em casa, quando faz frio ou está chovendo, ou porque o espetáculo é grátis, sem contar o hábito, que muitos já adquiriram. Mas um filme de alta qualidade — e alta qualidade é o que não se encontra na TV — pode modificar essa situação. Aí entra em cena um dos maiores erros que, nessa guerra, Hollywood cometeu: a venda de toda a sua produção até 1948 à TV. E o mais grave: os filmes atuais, na maioria, não suportam o paralelo com os antigos que, através de uma seleção, são revividos pela televisão.

De várias maneiras Hollywood tem procurado reagir. Com algumas audácias antes não permitidas pelo Código de Produção, com a importação de campeãs do sex-appeal como Sophia Loren, com a instalação de uma filial californiana do Actors' Studio (o que só serviu para causar a inflação de transviados, com ou sem blusão vermelho à James Dean), com a reversão à atividade de monstros há muito reformados (Frankenstein, Drácula), com o rock'n'roll, o calypso e o chá-chá-chá.

Tudo isso só veio aumentar a confusão.

Mas o cinema continua, resistindo a tudo, indiferente até ao pânico dos tycoons. Porque continuam os verdadeiros cineastas e continuam os westerns, ainda o cinema (americano) por excelência. Um exame da produção mostra como não há maus filmes entre os feitos por John Ford, Alfred Hitchcock, John Huston, Anthony Mann, Robert Aldrich, Joseph L. Mankiewicz, Billy Wilder, Nicholas Ray, e alguns mais. O mesmo exame aponta também a raridade com que acertam os outros diretores, aqueles que não fazem mais do que seguir as recomendações dos grandes produtores, como se estes se encontrassem em condições de fazer alguma recomendação, tontos e apavorados como estão.



ELIZETE, A DIVINA DO SAMBA,

FAZ NACIONALISMO

NA MÚSICA DE BUATE

Reportagem de HUGO SÉRGIO KOATZ

ELIZETE CARDOSO pode ser incluída na categoria oficial das cantoras não-meteorológicas. Vale dizer que sua arte não passa como um esputinique, que seu nome fica para a História da música popular brasileira. É do tipo raro de intérpretes sem limites de preferência. O público em geral, críticos exigentes, Velha Guarda, adeptos do bibope, todos já a consagraram.

Este cartaz, entretanto, não surgiu da noite para o dia. Elizete custou a receber a justa compensação que seu talento exigia. Foi muito tempo depois de ter sido "descoberta" pelo grande bandonista Jacob, que veio a ocupar seu verdadeiro lugar ao sol em nossa música. Haverá quem se lembre do nome de Elizete Cardoso antes dela ter gravado "Canção de amor"? Pois a Divina já tinha sua tarimba radiofônica — e bem respeitável por sinal. Acontece que Elizete jamais teve jeito para "doublé" de cantora e agente de publicidade. Tino comercial e Elizete Cardoso são duas coisas que não casam. O dia em que encontrar um empresário espertalhão pela frente, ela acabará cantando até de graça, na maior inocência. Era o que acontecia. Elizete não "trabalhava" suas músicas e com isso ninguém lhe dava vez. A razão do seu obscuro início no rádio é uma só: nunca foi caititu. O caititu é o cantor ou compositor que explora a divulgação do seu material musical com os discotecários das estações. É aptidão que Elizete nunca teve. Ela afirma que vontade tinha, que tentou ser caititu, mas não conseguiu — não tinha pendor. Esse também é o motivo pelo qual deixou de gravar para o Carnaval, que é fase de verdadeira epopéia para o caitituismo.

Mas isto vem somente valorizar a cantora. Elizete hoje é a Divina porque canta bem mesmo.

O QUE ELIZETEO

"Canção de amor", seu primeiro sucesso, não ficou preso apenas à memória grata de Elizete. Onde quer que ela vá, Brasil afora, pedem-lhe para cantar a moledia. "Canção de amor" é ainda responsável pela maior emoção de sua carreira. O fato aconteceu pouco depois de gravá-la. Elizete estava num bonde quando reparou que um sujeito, que ia pendurado no estribo, assobiava a música. Com o coração aos pulos, sentiu ímpetos de chegar para ele e anunciar espetacularmente aos quatro ventos: "Fui eu que gravei esta música!"

Esta lembrança ainda agora emociona Elizete. E não se ofusca junto as ribombantes homenagens e prêmios de que a cantora tem sido alvo desde que seu nome começou a aparecer em luzes brilhantes. É a simplicidade de Elizete. A simpatia de Elizete. É o "quê" elizeteano de finura e dignidade de rainha da Inglaterra. Caso muito sério, Elizete Cardoso.

O SONHO

Apesar do modo um pouco tristonho de encarar a vida — e que pode ser percebido em cada nota que (divinamente) entoa — Elizete hoje é bem feliz. Mora rodeada por sua família, mãe,



ELIZETE, A DIVINA, CANTA NO COPA

filha, filho e um netinho novo em fôlha, motivo dos embevecidos suspiros da jovem vovó. Controla professoralmente o boletim ginasiano do seu garoto, que sabe acompanhá-la num samba de bordão com tôda a bossa que o caso recomenda. A casa de Elizete é tal qual a sua dona: à base da simpatia e do bom-gôsto. Elizete já nasceu cantando e, como diria Noel, não pode mudar sua massa de sangue, mas confessa que seria apenas dona-de-casa com o maior prazer. E apenas não, acentua, pois já é ser muita coisa. Mas o seu grande desejo não era cantar nem dirigir sua casa, mas investir-se das funções de bailarina clássica. Se mostrarmos surpresa diante desta ambição que desconhecíamos na Divina, ela sem se perturbar confirma-a, muito séria. É um sonho de infância.

O SAMBA EM MIAMI

Há alguns meses Elizete estêve em Miami, a passeio, convidada para a realização de um festival interamericano. Gostou da cidade e do povo e de lá trouxe a prova cabal da receptividade dos americanos pela nossa música. E em boa hora, pois há muita gente por aí duvidando da popularidade do samba no estrangeiro. O noticiário contraditório que nos mandam a respeito de excursões de músicos nacionais pelo exterior, tem causado certa confusão em tôrno do assunto. Chega sempre alguém dizendo que Paris deitou-se aos pés do samba, na pessoa do brasileiro Fulaninho. Em seguida chega um outro contando a pândega da "tomateação" de que Fulaninho foi vítima, arrastando em sua derrocada a música popular brasileira. Se há aceitação de nossos ritmos lá fora, isto não se sabe. Porque os Fulaninhos são sempre umas maravilhas, uns cantores irreprensíveis... A culpa do desastre é sempre da música, que não "pega"...

O depoimento de Elizete, todavia, é insuspeito e bem claro. Ela estava nos Estados Unidos fazendo turismo, não fôra contratada para cantar. Mas, resolveu "à brinca" interpretar **Aquarela do Brasil** numa das boites de Miami. Foi um Deus nos acuda. Saiu americano sambando para todo lado. A Divina insiste que o entusiasmo era provocado pela música que cantava. E que nos "States" o gôsto pelo samba é generalizado.



Chamado do Copa: é hora de interpretar Ari Barroso no "Golden

Ela tira a conclusão que a música brasileira é superexportável. Mercadoria que bem distribuída acabará com a festa dos calippos, mambos e chá-chá-chás.

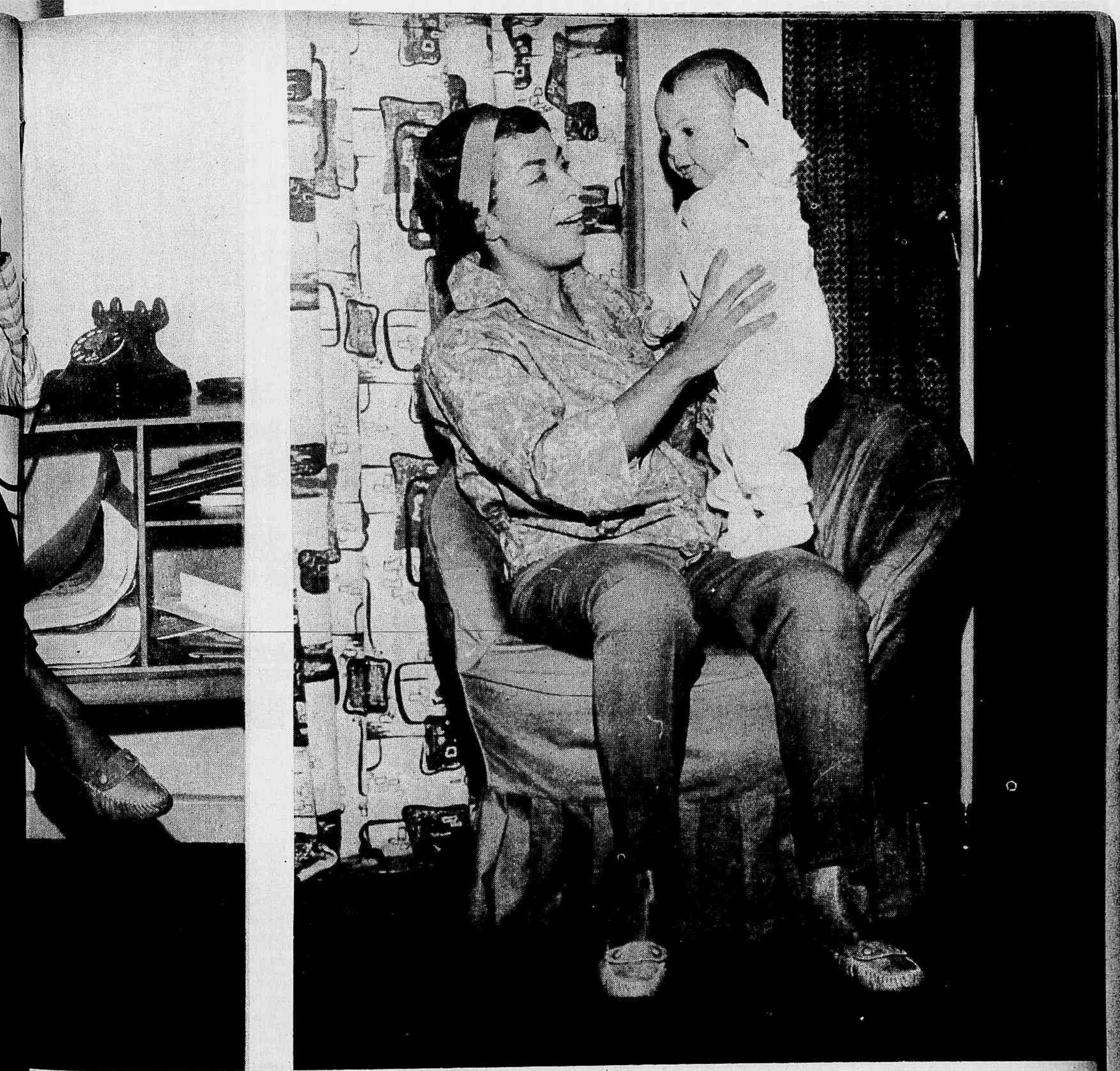
DO CASA AO COPA

O outro lado do problema não deve ser esquecido. Embora a CEXIM não haja se pronunciado a respeito, o Brasil precisa ficar de olho nos cantores estrangeiros que importa. Elizete que pode falar de cátedra sôbre a matéria, admite que de quando em vez nos mandem gente boa, mas concorda que a regra geral é a vinda de falsos cartazes para nossas boates. Elizete foi justamente uma das pratas da casa que mais contribuíram para demolir o tabu de que só cantor estrangeiro faz sucesso em boate brasileira. Há algum tempo atrás se contratava uma Antonieta, Lucienne ou

-Ro

Jan
que
entr
naci
de
de
de
bua
real

C
Nac
inte
Nac
Cor



-Room".

Na vida particular Elizete também é vovó. Uma das mais jovens das estatísticas, aliás.

Jane por salários astronômicos, ganhando o triplo do dinheiro que deveria ir para as mãos de uma Elizete ou uma Inesita. Agora, entretanto, com a valorização que se procura dar ao elemento nacional em todos os setores de atividades, as coisas se passam de outra maneira. A Divina aplicou o nacionalismo à música de buate. Já cantou no Casablanca. Passou pela prova de fogo de cantar o "Feitiço da Vila" no meio do público requintado de buate. Mais tarde fez memorável temporada no "36". E agora realiza um grande sonho: canta no Copacabana-Palace.

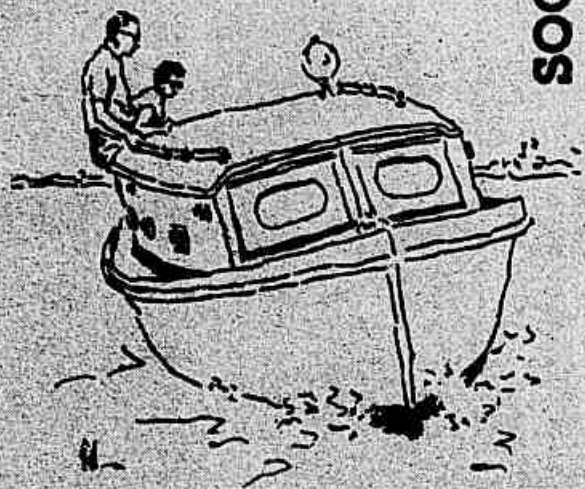
Certos cantores têm como aspiração suprema cantar na Rádio Nacional. Por este ideal são capazes de tudo, de lutar uma vida inteira. Quando conseguem finalmente ser cantores da Rádio Nacional podem descansar, felizes: chegaram ao tópo do mastro. Com Elizete dá-se o mesmo mecanismo em relação ao Copaca-

bana-Palace. É pois natural que ela esteja muito satisfeita com a oportunidade que Zilco lhe deu, e mais ainda com sua ziegfeldiana aparição no "Tourbillon". O refletor, a gala, tudo isto faz parte do fascínio do Copa. Era curioso ouvir Elizete antes do "show" e observar sua nervosa expectativa pela reação do público freqüentador do Copa:

"Pode ser que ele seja o mesmo que me assistiu no Casablanca ou no 36. Mas no Copacabana parece que todos se tornam mais exigentes. Querem ver coisa boa de verdade".

E nós, e o público, poderíamos responder-lhe:

Escute, Elizete. Cantando Ari Barroso, Billy Blanco, Vogeler, Tom-Vinícius, Ewaldo Ruy, Noel, coisa boa é você. E se aparecer algum grã-fino "blasé" fazendo olho de peixe morto ou atacando um estrogonofe enquanto você canta, pode deixar. A turma do samba aparece por lá, faz zum-zum no paciente e ele aprende a respeitar a boa música.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



FOI POLÍTICA a decisão do júri que escolheu a Miss Bangu de 1958. Tão política quanto as decisões do júri de Miss Universo, ao proteger uma americana contra Marta Rocha e ao premiar um chorrilho sul-americano meses atrás. Desprezando as favoritas — Katia e Noelza — para escolher a desconhecida de Araraquara, Maria Helena Quirino dos Santos, o júri quis mostrar que as cinderelas também existem no reinado Bangu. Principalmente as cinderelas do interior, que chegam a corte sem a cobertura da grande imprensa e dos cronistas sociais. Tudo isso pode estar muito certo, Maria Helena é uma beleza, mas a verdade é que tanto Katia como Noelza mereciam classificar-se nos dois primeiros postos.

NA ORDEM DO DIA as correntes da felicidade, que enfeitaram a sociedade paulista e carioca. Com QG na Gávea, Zeca Willemsems parecia um marechal diante dos planos de batalha, ao acompanhar a evolução de sua cadeia. O clã dos Leonídio Ribeiro andou recebendo centenas de cheques, em dólar e cruzeiros. Nomes encartolados apareceram encabeçando várias listas bem sucedidas. Mariazinha, que em matéria de arriscar a sorte não vai além de uma fêzinha no bicho, quando Morfeu lhe dá um adjutório, com bons sonhos e bons palpites, assistiu e assiste a marcha da mania, entre divertida e deliciada. Só teve pena de uma lista em que o general Edmundo Macedo Soares vinha como cabeça de chapa e que morreu nas mãos de um moço cerimonioso, o qual preferiu arcar com dois mil cruzeiros de prejuízo a fazer sua corrente prosseguir. Ah se o general soubesse da falseta do rapaz..

GAFE SÉRIA ocorreu no almoço em que o Jockey Club homenageou a Força Aérea Brasileira, a propósito da Semana da Asa e da realização de mais um Grande Prêmio Salgado Filho. A hora do brinde o Ministro Melo mencionou várias vezes "a realização do Grande Prêmio Santos Dumont", sem mencionar o nome de Salgado Filho e sem que nenhum abnegado conseguisse, discretamente, lhe chutar as canelas ou cutucar as costelas, a título de advertência.

A TURMA DA PISCINA do Copa chegou a conclusão que o deputado Maia Lello, do P.P., é o parlamentar que desenvolve maior atividade na dita piscina. O deputado só falta as sessões da pergola no dia em que deve comparecer ao Palácio Tiradentes para receber o subsídio mensal. O qual, diga-se de passagem, é o "pocket-money" do homem.

UM TIRA-TEIMA em poeira a disputa que atualmente travam Velhacap e Nova-cap. É difícil saber quem vencerá: se a poeira brasileira ou o manto de Santo Antônio que se estende do Russel ao Largo da Carioca, passando pela Lapa. Mariazinha, semana passada, caiu na asneira de ir entregar as suas "verdades", pessoalmente, na REVISTA DA SEMANA. Chegou de branco e saiu "tout en rose". Mas empoeirada que ela, só o pobre do Visconde, patrono da rua...

A HISTÓRIA é contada com todos os detalhes, nome dos santos, dia, local e hora. Após meia dúzia de pedantes tratarem Perla Besta de embaixatriz (erradamente, pois ela foi, como Clare Luce o é, embaixadora), a sabidíssima e escoladíssima hostess declarou, com malícia ingênua: "Please, call me madam..."

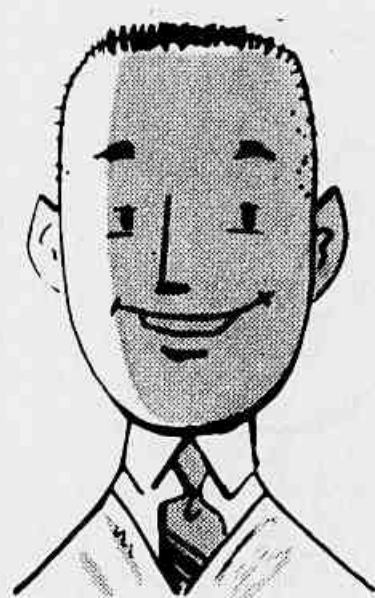
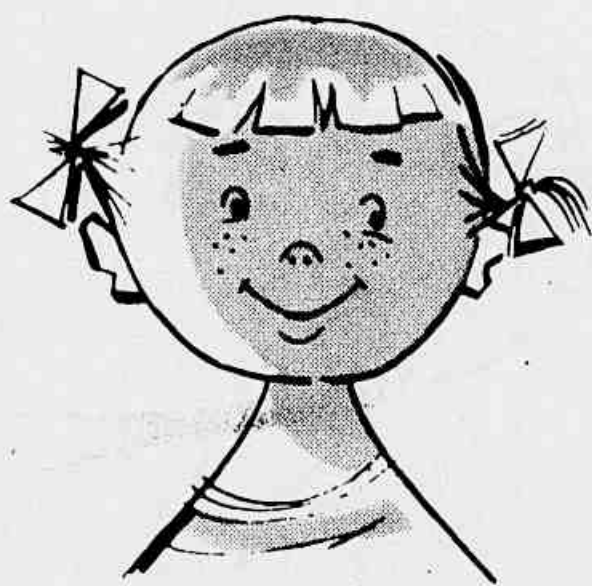
DEIXOU PREOCUPAÇÕES imensas o tropêço sofrido pelo presidente Herbert Moses, que se viu repentinamente obrigado a enfrentar trinta dias de inatividade, de papo para o ar. Como a inatividade é a maior desgraça que pode suceder ao saltitante Moses, foi um custo mantê-lo sossegado, em casa. O dr. Teobaldo Viana chegou mesmo a recorrer aos jornais, em edital, apelando para que os milhares de amigos e admiradores do presidente da ABI colaborassem no seu pronto restabelecimento, não o visitando e limitando a sua solidariedade às manifestações telegráficas.

A ÚLTIMA sobre Flávio de Carvalho e sua expedição surrealista aos botocudos do Amazonas é a notícia de que o pintor teria civilizado toda uma tribo, com a qual disputaria o próximo concurso de ranchos da Prefeitura do Distrito Federal. Os índios desfilariam fantasiados com aquela traje de saio, criação do Flávio, e lançariam no carnaval carioca a novíssima música eletrônica: ritmos carnavalescos do século XXI...

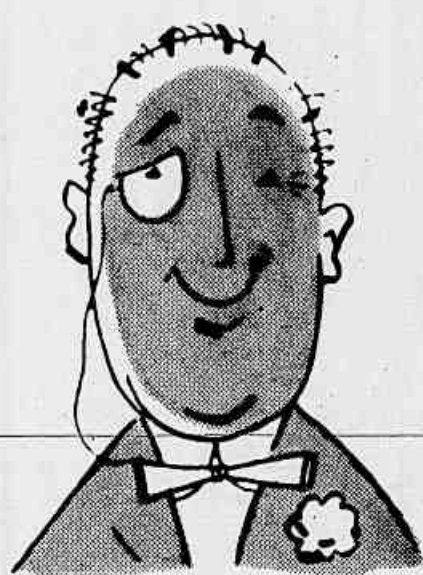
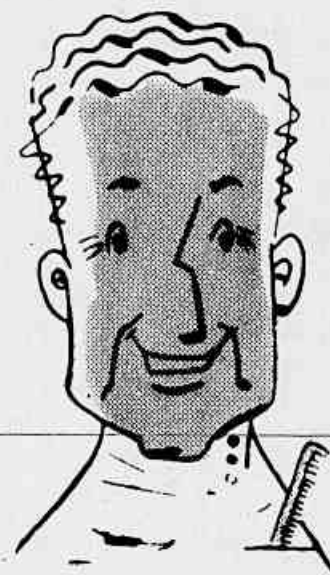
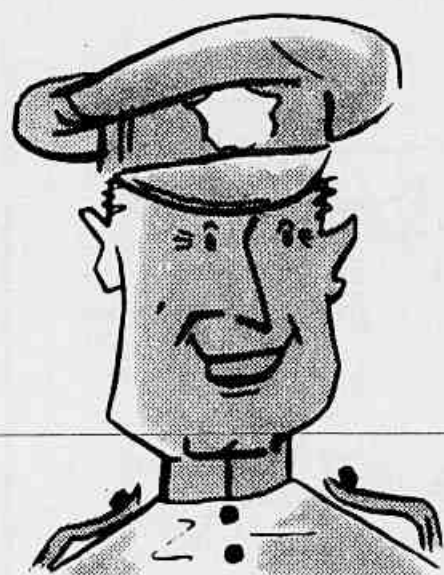
OS ANOS PASSAM e o sucesso e prestígio de Guiomar Novais nos Estados Unidos só faz aumentar. Informações de primeira mão contam que ela foi ovacionadíssima em sua última apresentação no Carnegie Hall. A única coisa que tempo, sucesso e prestígio não conseguem das plateias norte-americanas é fazer com que aprendam a pronunciar corretamente o nome de nossa grande pianista. Guiomar continua sendo conhecida como "Guiomar Novas".

O PRESIDENTE JK confessou a amigos íntimos que a maior "bomba" do seu governo é a quantidade de próceres pesse-distas, derrotados e inconformados em permanecer no desvio. JK não sabe onde colocar o bloco dos desprezados, principalmente porque a vaidade de cada um não aceita cargos considerados de menor expressão. Um formoso abacaxi para o Presidente.

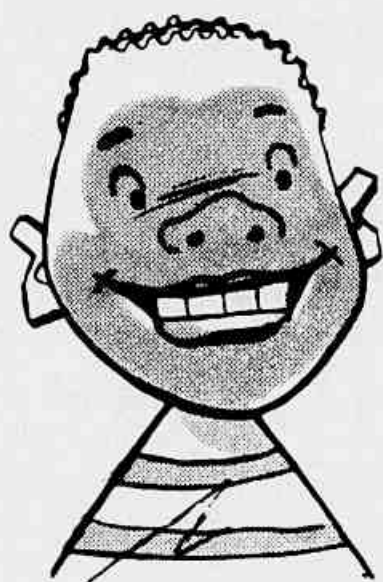
O ANO PASSADO agências telegráficas narraram o caso de um operário das Fábricas Renault, que há mais de dez anos rifava mensalmente os seus vencimentos, expediente que lhe permitia triplicar seus rendimentos mensais. Contaram-me agora que um procurador de um dos nossos Iapés, doidinho da silva, há seis meses que recorre ao mesmo expediente para equilibrar o seu orçamento, seriamente atingido pelas dívidas do pif. O referido cavalheiro está muito satisfeito com os resultados: cada mês são emitidos centenas de bilhetes, vendidos a 100 cruzeiros por uma equipe de contínuos, garçons, guardadores de automóveis, lavadores e faixineiros. Os agentes do homem levam 10 por cento no movimento de vendas da original rifa.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

OS GALHOS DO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

RESUMO — Em São Luís do Maranhão, cercada por seus filhos, casados e comerciantes, a velha viúva Nabira, natural do Líbano, procura fazer o casamento dos dois netos — Sérgio e Jasmina. A princípio, o rapaz rejeita aquela união, mas pouco a pouco se deixa envolver pelos encantos da prima, que a avó mandou buscar em Beirouth. E agora, que se aproxima o dia de sua volta, vive um verdadeiro problema: o de trocar, pela vida de casado, a sua irresponsabilidade de solteiro.

AS MALAS DESCERAM do mirante para serem arrumadas. As de Nabira eram arcaicas e arranhadas, nuns modelos muito antigos e feios. A família reclamou:

— A senhora com tanta roupa bonita e bordada, não vai levar essas malas velhas.

— Perquê non, lé? Elas son forte cumo que. Cabe coisa pra chuchu. Mala só serve pra guarda coisas, eu non vai passear cum elas ni ruas de Paris.

Nabira era assim. Gastava dinheiro a rôdo, comprando luxo mal orientado e sem gôsto, mas quando considerava inútil, uma determinada despesa não havia quem a obrigasse a fazê-la. Malas novas ou velhas carregariam suas roupas da mesma maneira e ninguém a faria comprar outras mais modernas.

As malas marcaram vivamente a idéia de partida. A esperança de Nabira de à última hora as coisas se arranjam evitando-lhe a viagem, esbroava-se. Estava nervosa e triste.

Jasmina, por sua vez, sentia uma tristeza pesada e incomodativa. Soltaria para sempre as amarras que a prendiam à sua gente do Maranhão. Sérgio seria o passado em sua vida, êle que nunca fôra o presente, nem uma vaga promessa de futuro. O primo marcara-lhe o coração. Lamentaria imenso pelo resto da vida, não ter conseguido atraí-lo definitivamente. Sentiria grande saudade de seus olhos verdes, dos beijos disfarçados que lhe dera nos cabelos soltos, das carícias não realizadas por suas mãos nervosas e de longos dedos. Chegara à conclusão de amá-lo com loucura e com um desejo de anular-se à sua vontade, de fazer-se pequenina e dócil em seus braços, de imolar-lhe seus estudos e a convivência dos seus pais e irmãos, de se lhe entregar para o amor... Pensava ininterruptamente no que fazer a fim de obrigá-lo a pedi-la em casamento. Era preciso tomar uma iniciativa, fazer qualquer coisa, antes de se escoarem os seus três últimos dias no Maranhão. Lamentava o orgulho desmedido não lhe permitindo mostrar sua emoção quando êle, intencionalmente, referira-se às veladas carícias do balcão. Porque ela que sempre fôra naturalíssima, espontânea, nunca se preocupando que pensassem isso ou aquilo dos seus atos e do seu temperamento, controlava-se na frente do rapaz, envolvendo-se numa capa de cordial frieza? O pior é que agora teria de humilhar-se, teria de dizer-lhe que afinal o amava, não se importando de ficar em São Luís para ser sua espôsa, pois não se conformaria com a idéia de alijá-lo definitivamente de seu destino, sem ter tentado algo. Teria coragem de abrir-lhe o coração?



CEDRO



BEIJOU-A NA TESTA AMPLA, JUNTO AOS CA

Sérgio, ao chegar do trabalho, viu as malas alinhadas no corredor, num sinal de alerta, num simbolismo do irremediável. Sentiu como se uma ducha fria chicoteasse seu corpo. Urgia uma providência. Aquela seria uma noite definitiva em sua vida — a noite em que, falando seriamente com Jasmina, comprometer-se-ia a casar antes de ter gozado tudo quanto esperava de sua alegre existência de solteiro ou então, se sentiria humilhado e furioso, caso ela o recusasse. Fizera planos de dizer-lhe que para a avó, uma viagem naquela idade era um perigo e como achava a prima Jasmim do Cabo muito bonita, possuidora de um gênio em harmonia com o seu, caso não lhe custasse muito abandonar os estudos e o Líbano, bem poderiam se casar para a felicidade de todos e enorme satisfação da avó Nabira. Iriam à Europa, em lua-de-mel.

Assim, não se declararia apaixonado.

Mas, nem essa idéia lhe dava segurança. Jasmina tinha uma irônica perspicácia. Era capaz de adivinhar que ele a queria para ele mesmo, não tendo seu pedido de casamento sido influenciado pelo fato de determinar a completa felicidade da velha.

Depois, era o diabo a família inteira sempre povoando o casarão, não lhe dando liberdade, descobrindo incontinente sua derrota ante os encantos de Jasmina. Em todo caso, faria alguma coisa. Tinha de fazer. Não poderia permitir que se fôsse, deixando-o como se mutilado, vazio.

O jantar foi triste, arrastado, Samir e Georgette nem falavam. Ruíram suas esperanças de o filho assentar cabeça, casar com a prima, largar daquela vida de farras e amantes.

Jasmina estava bela e pálida. Um vestido escuro realçava-lhe os cabelos quase claros, aumentando-lhe os olhos de avelã. Perdera sua grande vivacidade e não fazia, como habitualmente, planos para visitarem tal e tal lugar na Itália, os Chateaux de la Loire, o Museu do Prado ou a Catedral de S. Marcos.

Nabira declarou:

— Nois vai faz visita hoje de noite pra pessoal de Skeff. Falta pouca despedida.

Sérgio danou-se porque não teria oportunidade de falar com a moça. Controlou-se para dizer:

— Não acha, minha avó, que nos últimos dias aqui, antes da viagem, devia ficar mais conosco? A senhora tem mania de visita, de despedida. Até parece que vai de vez para o Líbano. Aliás, não duvido de Jasmina prendê-la por lá um tempão.

Jasmina revidou:

— Ela é minha avó também. Tem filho lá, muita gente de son sangue. Se ela quer ficar muito tempo em Liban, eu fique muito felice.

— Mas não fica, não! Vovó, a senhora não pode passar mais de seis meses fora. Eu irei buscá-la. Não estava acreditando que essa velha sapeca fôsse mesmo viajar, por isso, não ligava. Mas agora ando preocupado. Tantas mudanças de clima, tanto movimento na sua idade, é um perigo! Vovó, eu ando nervoso. Não saia hoje, vó Nabira. Vamos conversar, jogar "bássara", matar as futuras saudades.

— Sérge, eu já marcou visita. Menhã e depois de menhã nois non sai. Non sabia que ocê ia fica em casa. Ocê nunca fica de noite

Oscar reclamou:

— É, se soubesse que Sérgio ficaria, a senhora não teria marcado para ir em casa dos Skeff. Sabendo que o Príncipe não sai, a Rainha da Inglaterra não sai também.

— Não chateia, Oscar. Vovó, a senhora tem mesmo coragem de fazer essa viagem, de me deixar?

— Tão pequenininho! Não pode ficar sem vovó.

— Oscar, não chateia! Só lhe digo uma coisa, minha avó, se tiver alguma coisa, precisar de mim, telegrafe que eu irei buscá-la na mesma hora. (Refletira: no caso de não poder resolver nada com Jasmina, antes da partida, teria desculpa para encontrá-la na Europa ou no Líbano).

— Ieu sê mulher forte, mê filho. Tá quarenta sete anos ni Brasil, nunca tive doença. Tratei de gripe espanhola, de febre marela, non peguei. Ieu mulher de ferro. Ieu vai e vem boasina. Mas se ocê vai in Liban me buscá ieu fica muito feliz. Ocê vai conhecer terra linda de maravilha, terra de sê vovô Nassim. Ocê vai ficá maluquino. Quem sabe, escolhe moça bunita pra casa cum ocê?

Jasmina baixou a cabeça, como se a ferisse a hipótese de o rapaz casar-se com alguém se não ela. Ele riu, com um laivo de amargura:

— Não é preciso ir tão longe para me casar. Vovó, desmarque a visita, porque eu desmarquei meus compromissos para ficar hoje com vocês. Fico amolado no sobrado, quando a senhora não está.

— Sim senhor, só quem vale aqui em casa para você é vovó!

— Non bode desmarca, Sérge. Najla Skeff vai faz festa pra Chasmina. Ta tudo combinado. Menhã e depois nois fica em casa, Sergino. Non sanga!

— Será que dona Najla também quer casar Jasmina com o filho? O.K., irei a um cinema qualquer, ver um abacaxi. Divirtam-se na encantadora festa.

Levantou-se bruscamente, atirando o guardanapo na mesa. Minutos depois, batia com violência a porta da rua.

Sâmia criticou-o:

— Sérgio fica furioso quando as coisas não são como ele determinou. Pensa ser o dono do mundo.

Jasmina sentiu na alma, uma doçura deliciosa. Pensava no prazer de pertencer àquele homem, hibridamente másculo e infantil... Pena que Sarkis não a amasse. Beijara seus cabelos com a inconsciência de um sujeito que detesta "perder tempo" ao lado de uma mulher.

Sérgio entrou no automóvel, acelerando-o num ímpeto, já sem a idéia de ir ao cinema. Rodou velozmente pelas ruas de S. Luís, com a cabeça em tumulto. Preferia a pior realidade, àquela indecisão, à ansiedade das últimas horas. E, se mais tarde batesse à porta do quarto de Jasmina para decidir o grande problema?

— Não! Seria perigoso, porque Sâmia tinha ouvidos de vidro. Além disso, demonstraria o seu medo de enfrentar a família. Jasmina se gabaria, contando aos outros que fôra pedi-la em casamento de madrugada, com medo de descobrirem, se ela lhe desse o fora. Como a vontade de casar-se, lutando contra seus planos de ir a Paris atolar-se em prazeres e contra suas acirradas convicções, insinuara-se assim depressa em seu cérebro? Na certa, porque só através do casamento a prima poderia ser sua. Era um fruto belo e apetitoso, estranho e raro que não queria deixar de provar.

Instintivamente dirigiu-se para a casa de Maria. Ela não o esperava; recebeu-o, portanto, desarranjada, um "pegnor" encardido marcando-lhe as exuberantes formas, os cabelos despen-teados, mortos pela pintura, dando-lhe um ar de boneca, a cara de sobranceiras muito depiladas, melada de creme. Maria encantou-se:

— Que surpresa, meu chuchuzinho! Você me disse que não vinha hoje. Deixa eu lavar o rosto e me pentear para vir pra junto do meu chu.

Sérgio empurrou-a:

BELOS DE NEVE.



— Pentear não adianta, teu cabelo está mesmo parecendo palha de milho. Lava só a cara melada.

Maria fez biquinho:

— Umh, meu chu está muito mal humorado. Dona Nabira te amolou?

— Maria, não fale em minha avó aqui. Estou mal humorado, sim. Me larga com tanto beijo, tanta melosidade. Vim descansar, fugir daquele diabo de sobrado que tem sempre mais gente do que num quartel. Lava essa cara, detesto coisas meladas.

Maria saiu resmungando, porém satisfeita por ele ter vindo: "não podia passar sem ela..."

Sérgio ficou só, na sala vulgar, de abajures resguardados em fôlhas de celofane, flores de papel entupindo os jarros pretensiosos. Seu senso estético irritou-se. Nada como o sóbrio, a beleza da simplicidade! A única criatura de gosto exagerado e mal educado que não se vulgarizava, nem ao ambiente no qual vivia, era a avó. Isso porque ela, instintivamente, imprimira um cunho de LAR ao sobradão e porque tendo um ar de rainha velha, seus vestidos muito bordados e a profusão de jóias habitualmente usadas, combinavam com seu tipo.

Abriu uma janela para ventilar a sala. Monologou:

— Eu faço uma loucura se Jasmina não quiser ficar, não quiser ser minha. Eu a roubo, a comprometo. Ela tem que me pertencer.

Maria veio de dentro usando um quimono japonês, uma fita lilás amarrando-lhe os cabelos de palha de milho:

— Chuchu, se você não viesse hoje eu ia morrer de saudades.

Sérgio abraçou-a com fúria, beijando-lhe os lábios sensuais, os olhos de cílios curtos, as orelhas pequenas, com uma volúpia nova. Maria sentia-se inebriada sem saber que ele imaginava ter nos braços, a prima arisca e bela. Por seu intermédio, beijava a boca e os olhos intocados de Jasmina.

Neste momento soou a campainha. Quando a negrinha, criada de Maria, abriu a porta, Lino entrou na casa alucinado:

— Sérgio, um desastre! Vovó ia saindo comigo e com Jasmina quando rolou a escada inteira do sobrado. Deve estar tóda quebrada. Faz tudo para não gemer, ainda assim, geme como quê.

Sérgio sacudiu-o pelos ombros:

— Mentira! Não pode ser! Ela quebrou as pernas? Quebrou o quê? Coitadinha, coitadinha!

Saiu desorientado esquecendo o carro à porta da casa. Foi no de Lino.

O irmão explicava:

— Tu sabes como ela é. Não quer ninguém para ajudá-la a descer ou a subir, nem que segurem o braço dela na rua. Pensa que é moça! Ela ia na frente e Jasmina e eu atrás. Pois, tropeçou no primeiro degrau e rolou a escada até o fim, desamparadamente. Foi se batendo tóda. Nós a carregamos para a cama, entre gritos. Oscar já foi chamar o médico. Ela pediu logo para te chamar. Disse: "Chama Sêrge na casa daquela mulhé vagabunda". Nem no desespero da dor esquece os desgostos que tu lhe dás.

Sérgio passou as mãos no rosto, num gesto de angústia. Seus olhos verdes estavam cheios de lágrimas:

— Coitadinha! Diz para ela que você me encontrou na rua, não na casa de Maria.

Quando chegaram, o sobrado estava cheio. As notícias em São Luís voam a jato. Os Skeff e seus convidados, as faces longas e compungidas, enchiam a sala. Najla Skeff lamentava consigo mesma, a quantidade de doces e salgados que se estragariam, pois

acabara-se a festa. Sérgio não cumprimentou ninguém. Passou como um raio para o quarto da avó. A porta Jasmina deteve-o:

— Sarkis, patience, le docteur l'examine agorra.

De vez em quando Nabira gemia mais alto como se a maltratassem. Sérgio, nessas ocasiões, tentava entrar no quarto. Jasmina observou-lhe os olhos marejados e uma ternura muito doce envolveu-a: "como ele era bom e meigo. Para tais coisas, tinha uma sensibilidade de mulher".

— Sarkis, vovó sera complètement bien...

Tomou-lhe as mãos:

— Se tu entrar chorando, elle pense que va mourrir.

Jasmina aproveitou-se das circunstâncias para ousar um gesto que lhe trouxe incomensurável prazer. Suas mãos deslizaram no rosto d'ele, secando-lhe as lágrimas. Se pudesse, levaria à boca os dedos ainda úmidos, para beijá-los. Como aquele rapaz grande e desempenado, rebelde e agressivo, adorava aquela velha!

Um gemido estridente assustou-os. Sérgio esmurrou a porta, cerrada pelo lado de dentro. Jasmina falou muito suavemente:

— Les docteurs non querrer muita gente lá dentro.

— Mas eu tenbo de entrar. Minha avó é minha. É mais minha do que de ninguém.

Outro gemido:

Sérgio abraçou-se a Jasmina como se buscasse esconder os ouvidos em seu seio. Lino que ainda fôra arrumar o automóvel, chegou junto a eles. Assustou-o a cena porque ambos pareciam chorar abraçados:

— Meu Deus, o que foi? Vovó morreu?

Sérgio sacudiu-o:

— Bêsta! Vovó não pode morrer, ouviu? Vovó não vai morrer!

Lino livrou-se de suas mãos de ferro:

— Chi, você está uma pilha, heim? Na hora da aflição fica assim, mas não faz nada que vó Nabira quer. Vive metido em casa de Maria.

— Tu dizes para vovó que me encontraste na rua, ouviste? Diz assim que entrares no quarto. O que ela quiser, eu faço de hoje em diante.

Agora foi Jasmina quem começou a chorar. Em poucos minutos soluçava desesperadamente. Rompeu-se o dique de contróle ao qual vinha sujeitando-se desde o momento do acidente, minado pela emoção de enxugar as lágrimas de Sérgio e o fato de saber que ele viera para ali, diretamente dos braços da amante.

Lino tentava consolá-la desajeitadamente. Sérgio abraçou-a com força imensa:

— Jasmim do Cabo, em tão pouco tempo você quer tão bem vovó quanto eu. Nossa avó não morrerá, nem ficará aleijada. Eu não deixo, não deixo!

Havia uma obstinação infantil e desesperada em seus olhos verdes. Abriam a porta. Os três ficaram estatelados. Georgette saiu dizendo haver o médico falado em bacia, espinha e braço esquerdo quebrados. Fraturas sérias em sua idade avançada. Temiam conseqüências e não aconselhavam levá-la ao Rio, naquele estado. Iriam engessá-la nessa mesma noite. Depois se não desse certo, o que era improvável, deviam procurar um especialista carioca.

Sérgio falou numa ânsia de endossarem suas palavras:

— Ela tem um organismo privilegiado. Nunca esteve doente. Vai reagir muito bem.

Não disseram nada. Pensavam que organismos assim quando baqueiam, arrasam-se de uma vez.

Sérgio tomou a mão de Jasmina para entrarem no quarto:

(Continua na pág. 47)

APRENDA

A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHÔRO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo. Cr\$ 130,00 — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vales Postal Cr\$ 150,00

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 1 de novembro de 1908.

ESTE NÚMERO da "Revista da Semana" traz, na capa, uma caricatura do Barão do Rio Branco, em prantos, diante de uma lápide, no cemitério, onde aparecem as seguintes palavras: "Aqui jaz a amizade do Zébalos". E logo à página 3, em vistosa apresentação, uma foto de Arthur Azevedo, falecido no dia 22 de outubro, encimando a legenda: "Homenagem da Revista da Semana". Também a página seguinte é toda ela dedicada a notícia do falecimento do contista e teatrólogo, apresentando diversos flagrantes dos funerais: o corpo na sala de visitas da casa de residência, transformada em câmara ardente; a saída do féretro e sua colocação na carreta; o préstito a caminho do cemitério São Francisco Xavier; e, finalmente, o corpo ao baixar à sepultura.

É o seguinte o texto que acompanha as fotografias: "Quinta-feira última, 22, às 9,45 da manhã, finou-se, em sua residência de S. Cristóvão n. 82, Arthur Azevedo, e a notícia da sua morte, logo espalhada com a rapidez com que o são todas as notícias tristes, foi, a princípio, tida como inverídica, tão inesperada era ela.

Arthur estava, de fato, doente, gravemente doente, mas nada fazia prever tão rápido desenlace. Foi uma perda irreparável, principalmente para o teatro, para o minguado teatro nacional, do qual Arthur Azevedo era o único esteio. Por ele lutava, por ele trabalhava, sacrificando-se muitas vezes. Era o seu ideal. Se não conseguiu elevá-lo à altura em que desejava vê-lo colocado, sua não foi a culpa. Não poupou esforços, não poupou tentativas.

Produziu muito. A sua obra ingente aí está, em produções, traduções e adaptações de peças teatrais de todo o gênero. Desde a comédia "Uma Véspera de Reis" até "O Dote", representando, vestido para o italiano, pela sra. Tina de Lorenzo, até a sua última peça, "Vida e Morte", levada à cena recentemente no teatro da Exposição, Arthur Azevedo muito fez em comédias, revistas, operetas e vaudevilles. Começou muito moço, no Maranhão, sua terra natal, e acabou aos 53 anos de idade, quando a morte veio surpreendê-lo. Não era só para o teatro que ele trabalhava; cedo

estreu também no jornalismo, redigindo e dirigindo semanários no Maranhão e colaborando em diversos jornais nesta capital, conservando, durante muitos anos uma seção, "De palanque" e escrevendo, ultimamente, no "País", "Notícia" e "Século".

Logo que chegou ao Rio de Janeiro, entrou para o funcionalismo público, como simples amanuense, na atual secretaria do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, galgando um a um os postos de acesso, até chegar a chefe da contabilidade da mesma secretaria, cargo para que foi promovido nos primeiros dias deste mês, por morte de Machado de Assis.

Arthur Azevedo deixa ainda, vaga uma cadeira da Academia de Letras.

Os seus funerais foram imponentes, feitos a custa do Estado, em reconhecimento aos bons serviços prestados durante trinta e tantos anos no Ministério em que trabalhava. Sepultou-se no cemitério São Francisco Xavier, para onde o féretro foi transportado na carreta do Ministério da Guerra, acompanhado do Ministro da Indústria, representantes do Presidente da República e demais Ministros, literatos, artistas, jornalistas, funcionários públicos e numerosos amigos do saudoso morto, que deixou família, composta da exma. viúva, quatro filhos e quatro enteados.

Apresenta ainda a Revista a notícia da morte do desembar-

gador Henrique João Dodsworth, presidente da Corte de Apelação desta capital e falecido há pouco em Paris; a do presidente do Estado de Minas Gerais — dr. João Pinheiro — ocorrida no domingo à noite; a festa das crianças das escolas na Exposição Nacional. Entre os fatos internacionais, registra a explosão ocorrida na serra do Zurrón, município de Barajas, na Espanha, ocasionada pela explosão de um canhão de tiro rápido, durante os exercícios de artilharia lá realizados e que ocasionou duas mortes;

Apresenta, também, a Revista, duas fotos onde aparece o grande romancista russo Leon Tolstoi, a propósito do seu 80.º aniversário. Eis o texto que acompanha as fotos: "O célebre escritor russo, o Conde Leon Tolstoi, completou a 28 de agosto o seu 80.º aniversário, na mesma casa familiar de Iasmaia-Poliana, onde nasceu em 1828. Os admiradores do autor de "Guerra e Paz" projetaram celebrar este aniversário com uma grande festa. Tolstoi, muito modesto, e sempre inimigo de todo o escândalo, conseguiu dissuadi-los pelo menos momentaneamente. Ultimamente, correram notícias inquietadoras sobre a saúde do ilustre ancião, que foram desmentidas; o incômodo de que sofrera Tolstoi era menos sério do que se havia propalado. A sua avançada idade, porém, pode tornar grave à mais leve indisposição".



Homenagem da R.S. a Arthur Azevedo

Conversando com a pintora portuguêsa Estrêla de Faria



Estrêla de Faria: "Suporto qualquer infelicidade porque já fui muito feliz!"

Lisboa — Via Lufthansa.

QUANDO A PINTORA Estrêla de Faria regressava do Rio de Janeiro tive o prazer de a entrevistar. Esta grande artista é uma pessoa dinâmica, de espírito ágil, simpática e cheia de personalidade.

— Quando se apercebeu do desejo de pintar?

— Nunca tive êsse desejo. Comecei a desenhar — era tão pequeninha! — de gatas, com bocados de carvão surripiados da lareira. Do chão passei para as paredes onde fazia surgir cavalos, cães, galinhas, etc. Não me faltava assunto. Apanhei cada puxão de orelhas! No Alentejo têm a mania de cair as casas, de forma que calcule o desespero dos meus pais!

— Então V. é alentejana?

— Nasci em Évora, terra da poetisa Florbela Espanca — diz orgulhosa. — Pessoas como ela fazem muita falta ao mundo.

(Da enviada especial da "Revista da Semana", FERNANDA REIS)

— Houve alguma influência na escolha da sua carreira?

— Bem, meu pai deve de ter tido responsabilidade. Ele sentia imensa pena de que eu não fôsse rapaz, imagine! Quando da implantação da República, eu tinha quatro dias de nascida, meu pai deu-me o nome de Estrêla da Liberdade Alves de Faria. Havia então lá em casa, uma figura da República, desenhada por êle. Por baixo do barrete frígio saía uma enorme cabeleira com uma flor em cada ponta dos cabelos. Eu ficava muito impressionada sempre que olhava êsse desenho. Meu pai compunha músicas singelas, fazia poesias e contava histórias maravilhosas. Quando rapzinho, freqüentava a 4.^a classe, gritava, empoleirado numa árvore: "Não quero ser doutor! Já sei ler e escrever! Isso basta-me!" Era um desambientado.

— Julgo que V. possui bastante do feitio dêle...

— Não tenho bem essa certeza. Minha mãe dizia muitas vezes: "Esta minha filha! Até agora eu não percebo o seu feitio. Chora quando estamos alegres e ri ao ver-nos chorar!" A verdade é que, já nessa altura, eu tinha uma grande vida interior. Dançava sôzinha, queria ser atriz e rasguei alguns dos vestidos do enxoval de casamento de minha irmã mais velha, para me vestir de pessoa maior. Até usava os sapatos de minha tia, muito elegantes por sinal, a fim de, frente ao espelho, fazer poses e parecer adulta!

— Entusiasma-a recordar a sua infância.

— Não há nada que se compare à minha infância, na verdade. O que é que uma pessoa adulta pode ter de melhor? Eu era tão independente que não mudei nada. Hoje sou igual. Minha infância foi cheia de pequeninos prazeres. Vestia as minhas irmãs com papel de jornal, com grandes feitios, pregando os "vestidos" com alfinetes... Tudo imaginado por mim. Chegava a casa, vinda da escola, com a pasta cheia de rãs e outra bicharada, pondo os meus em polvorosa. Era danada! Era um autêntico diabo... mas, um diabo bom, é claro, — diz muito séria.

— V. dá-nos a impressão de possuir grande vitalidade e espírito forte.

— Pode estar certa de que não é uma impressão. É uma grande verdade. Suporto qualquer infelicidade porque já fui muito feliz! Quando criança, brigava com as freiras do colégio onde estudava, porque não acreditava no inferno. Muitos católicos só são bons por terem medo de Deus! Meu espírito forte e amadurecido pela vida, faz-me sentir que de Deus eu não tenho porque ter receio. Nêle confio. Sempre o tive a meu lado, sobretudo quando pinto, porque ao fazê-lo eu lhe ofereço, mentalmente, o meu trabalho.

— Suas primeiras telas foram pintadas em Évora?

— Sim. A conselho do prof. Coelho, e com a anuência de meu pai, fiz lá a minha primeira Exposição. Ganhei uma fortuna, quatro contos... Comprei logo o meu enxoval. Dali parti para Lisboa onde estudei na Escola de Belas Artes. Matriculei-me com uma bolsa da Junta do Distrito de Évora. Fui aluna do Mestre Salgado que, exasperado, algumas vezes me dava fenomenais descomposturas, dizendo: "A senhora não trabalha! Tem talento e não trabalha!" A verdade é que eu tinha profundo terror de encarar os professores. Era muito tímida. Mestre Salgado gostava muito de mim e do meu colega Rebocho. Mais tarde abriram um concurso para Paris, onde fui como bolseira e estive um ano e meio. Em 1940 voltei a Lisboa para trabalhar na Exposição do Mundo Português. Anos depois fui ao Brasil, de onde regresso, a fim de pintar e decorar a nova sede de um Banco. Vim a Portugal para descansar. Foram vários os convites para ficar trabalhando mas, por agora, vim rever os meus, a Pátria e as inúmeras pessoas amigas, de cujo agradável convívio já estou saudososa.

O trabalho a que se refere a grande pintora portuguesa da nova sede de um Banco, no Rio de Janeiro, é, na verdade, um grande passo na sua carreira. Afrescos da sua autoria, assim como, painéis representando vistas e cartas geográficas, antigas, do Brasil e de Portugal, motivos de cerâmica e de cobre, um admirável baixo relêvo em granito e toda a decoração e desenho de móveis, de um bom gosto sóbrio e invulgar, têm a assinatura originalíssima de Estrêla de Faria. Quando da inauguração o público, composto de artistas, intelectuais e da alta finança, foi unânime na admiração ao talento da pintora portuguesa.

— Como lhe foi possível criar coisas tão lindas?

— Das combinações de cores é que resulta tudo — afirma, modesta.

Através da elaboração ideológica e poética das suas obras se acentua a grande firmeza de traço, cheio de colorido e expressão. Traço aparentemente fácil e que significa grande estudo e profunda preocupação de refinamento numa arte ingrata e difícil abraçada, por instinto, desde a infância. Uma infância, invulgarmente cheia de satisfação, de uma menina de vontade forte, que brincava com carvões e com eles iniciava, nas paredes caiadas duma casa da província, a sua fulgurante carreira de pintora vitoriosa.

Falamos de arte moderna, de arte antiga, de cores, de vestidos, de jóias, de perfumes e do amor. A uma ligeira insinuação minha responde com vivacidade:

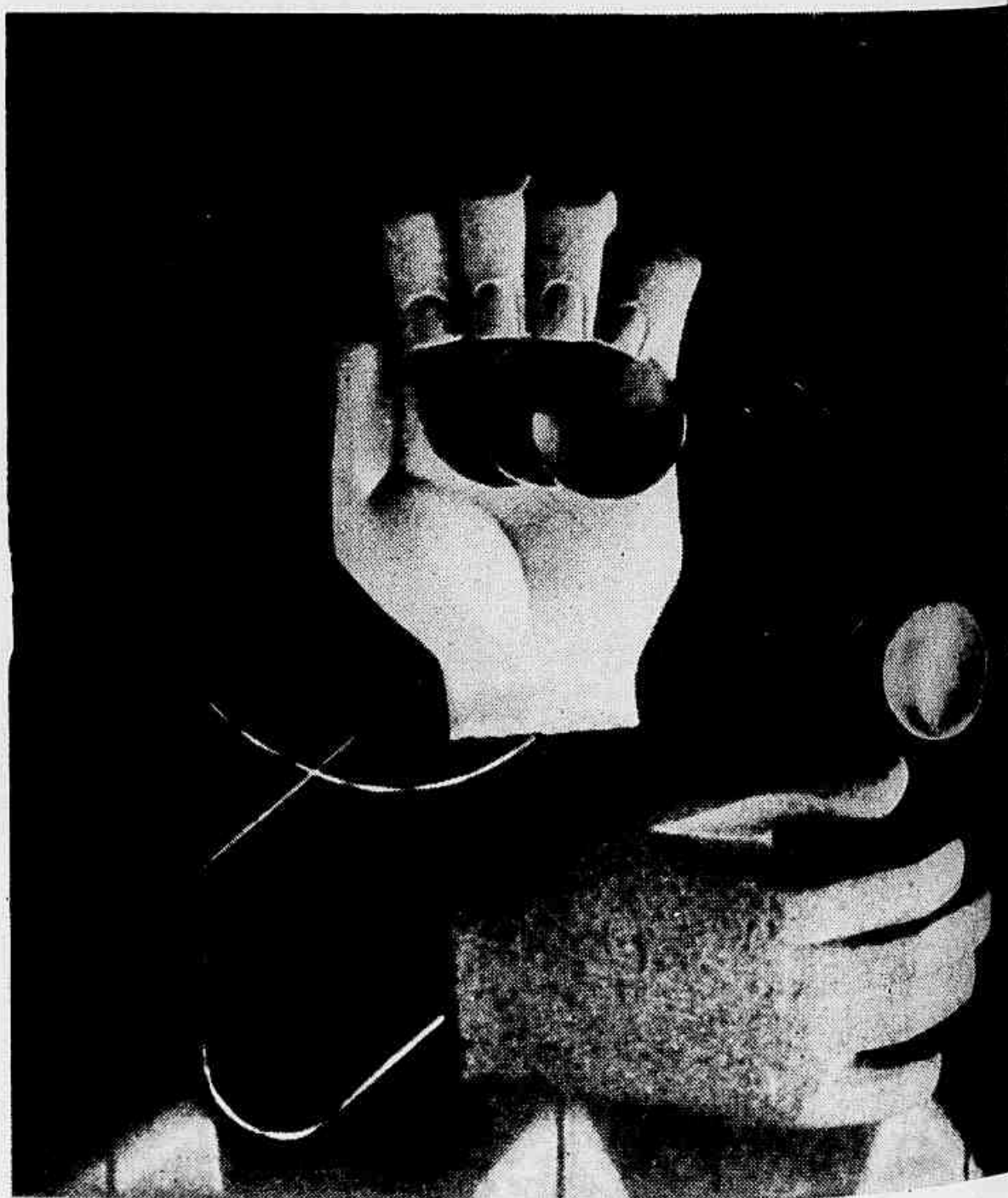
— Mas claro, criatura de Deus, como poderia eu viver sem amor! O meu tem até uma originalidade, é fiel. Vou apresentar-lho.

E nos seus braços, olhando-nos sobranceira, estava Dona Titica, uma gata linda, com um focinho maravilhoso.

— Concorde, minha amiga, não é um amor?!

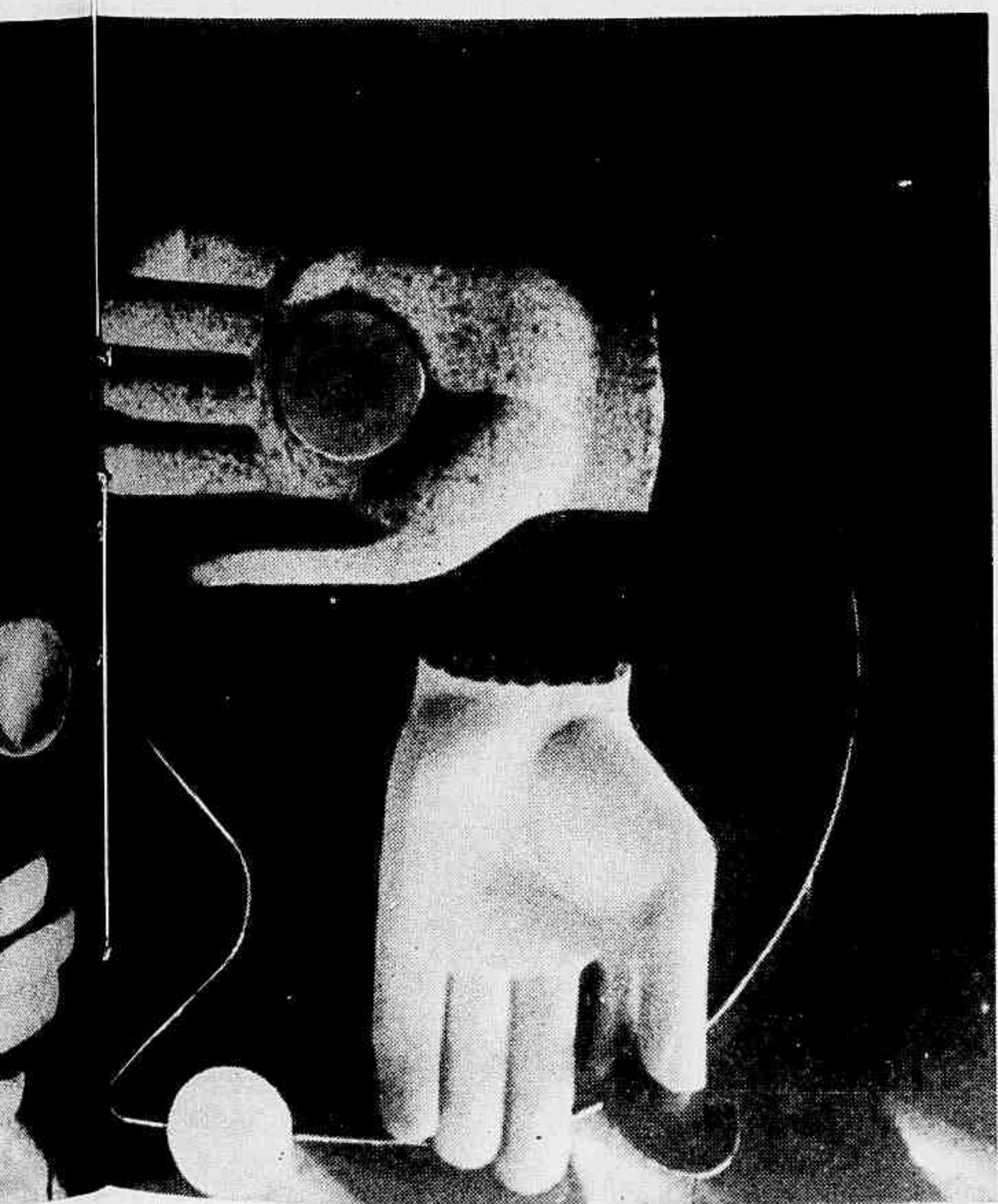


Trabalhos de Estrêla de Faria para uma grande casa bancária do





...cária do Rio de Janeiro. Em todos eles mostra a artista o arrôjo de suas concepções.



Comecei a desenhar - era tão
pequeninha !

- de gatas, com bocados de carvão
surrupiadados da lareira.

Nunca me faltou assunto...

FEMININAS

VARIADOS





1

Line Vautrin — "Le petit mur", touca em jérsei de veludo vermelho com vidrilhos em tôda volta; "Le troisième oeil", chapéu em veludo de dois tons vermelho e verde com pequeno disco que combina com o veludo.

2

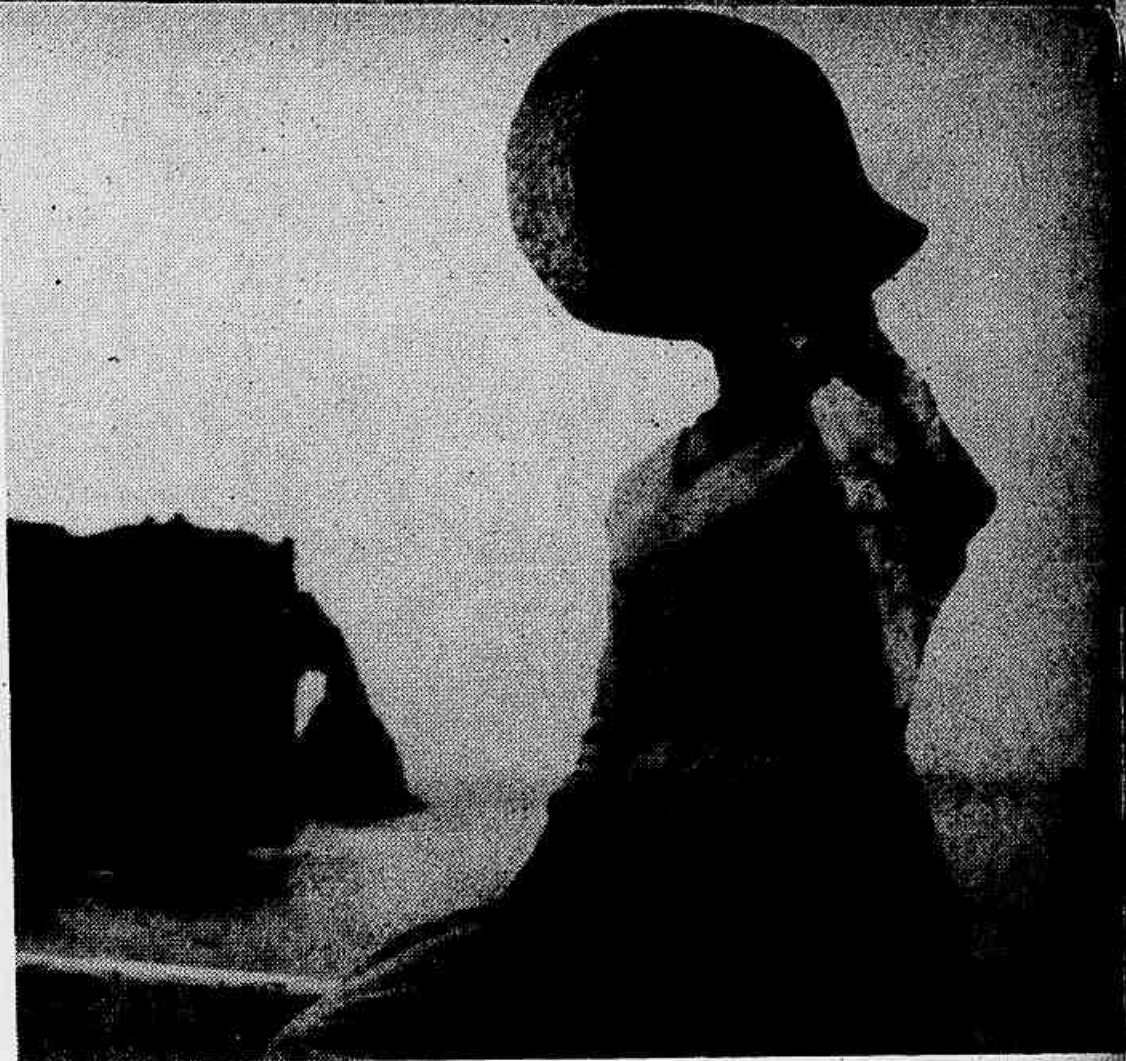
Lempereur — Para a meia estação, "Petit Robe" em shetland lilás, de cintura alta conforme a moda.

3

Lempereur — Vestido para dançar em seda vermelha, cintura alta, babados de efeito muito original.

4

Henry Ours — "Jumper" de algodão amarelo, decote amplo nas costas, conforme a moda, e na frente em "V". Mangas quimono $\frac{3}{4}$.



"MANDAMENTOS" DOS MESTRES DE SALÕES DE BELEZA PARISIENSES

◆ PARA AS SENHORAS que costumam ter muitos compromissos sociais e que gostam de estar sempre em dia com a beleza do rosto e dos cabelos, sugerimos modificar durante certo tempo a cor dos cabelos, pedindo aos cabeleireiros para enxaguá-los com a cor desejada ao invés de aplicar a tintura. Assim agindo, estarão proporcionando um pouco de descanso ao couro cabeludo.

◆ OS CABELOS CURTOS e arrumados com graça dão um ar muito juvenil. Uma leve maquiagem em certas cutis, faz um efeito muito melhor para realçar a beleza do que uma maquiagem forte. Observe, pois, seu rosto depois de pronta para ir a alguma festa.

◆ AS SOBRANCELHAS, para a estação 1958-59, permanecem quase naturais, depilando-se, unicamente, um pouco do lado externo a fim de formar um ligeiro ângulo no centro de cada sobrancelha. Se tem por hábito sublinhar os olhos com lápis especial, convém fazê-lo, agora, por um traço muito fino na pálpebra inferior para dar mais brilho a seus olhos e, um pequeno traço subindo nos cantos exteriores dos olhos para alongá-los.

◆ O NARIZ PEQUENINO está na moda. Para dar uma aparência de oval mais fino a seu rosto, é fácil obtê-lo por meio de uma maquiagem com base e pó de arroz, ligeiramente aplicado, no queixo e até as orelhas usando um pó de arroz mais claro para o nariz, a testa e as faces. Se costuma deixar as unhas muito compridas, convém pintá-las com verniz rosa muito claro.

◆ PARA QUE OS CABELOS não ressequem, é aconselhável, de vez em vez, lavá-los com um shampoo à base de gema de ovo. Para efetuar um regime de desintoxicação alimentar, muito benéfico à Beleza, convém começar por afastar de suas refeições, as massas, o pão, os ensopados, o arroz e as bananas. É suficiente fazê-lo uma vez por semana, dando preferência a todos os legumes, verduras e frutas frescas. A banana, sendo um alimento rico em calorias, deve ser evitada durante a semana de desintoxicação alimentar. Observando esses "mandamentos" dos mestres de salões de Beleza parisienses, as leitoras estarão em dia com o tipo de Beleza em voga.

ROTEIRO DOS LIVROS

DORA VASCONCELLOS : "Surdina do Contemplado" (José Olímpio. Rio de Janeiro, 1958. 174 páginas. Prefácio de Gilberto Amado. Capa de A. Pastor) — Segundo livro de poemas de A., diplomata brasileiro, "Surdina do Contemplado" contém não raro bons momentos poéticos. A imaginação é o forte de Dora Vasconcellos, embora a forma em que ela encerre sua produção poética muitas vezes não nos satisfaça, mormente em certos trechos descritivos, então perigosamente vizinhos da prosa; igualmente desagrada-nos aquela parte do livro que evoca motivos infantis, como cantigas de roda, etc.: "Vem Cá Bitu", "De Maré De Si", entre outros. Entre os bons momentos poéticos a que já nos referimos, figuram sem sombra de dúvida poemas como: "Sou", "Tudo é Meu", "Minha Alma Vai", entre tantos outros. Um exemplo da melhor Dora Vasconcellos, imaginação poética e forma aí intimamente unidos, é o poema "Noite Clara":

Tanta luz pelo rio
Tanta luz e tão profusa
A hora é sonora e fria
Tomo a roca e o parafuso.

E peço a essa noite clara
De teto claustral e fundo
Que não me deixe seguir
Tão rara por este mundo

Que me reserve um recanto
Onde eu sem valentia
Possa deitar em penumbra
A minha melancolia.

JOSÉ LINS DO RÊGO : "O Vulcão e a Fonte" (O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1958. 315 páginas. Apresentação de Lêdo Ivo) — Tendo iniciado sua carreira literária não como ficcionista, porém como ensaísta e crítico literário, o há tempos desaparecido José Lins do Rêgo permaneceu fiel a essa tendência de seu espírito até aos últimos dias de vida. Em sua bagagem de escritor figuram nada menos de nove livros de ensaios, impressões e conferências, e é a esse lote que ora se vem anexar "O Vulcão e a Fonte", obra póstuma (um dos estudos nêle contidos, "Conto Inglês", é o último trabalho do Autor, tendo sido por êle ditado a Lêdo Ivo, algumas semanas antes da morte). "O Vulcão e a Fonte" acha-se dividido em "Notas de uma Viagem" (à Grécia, principalmente), "Um Pouco de Política", "Figuras" (boa parte dedicada a Nabuco, uma das admirações maiores de José Lins do Rêgo), "Poetas e Poemas", "Variedades" e "Leituras"; completam-no, além da já mencionada **Apresentação**, por Lêdo Ivo — bom estudo sobre a obra de ensaísta do grande romancista brasileiro —, uma **Bibliografia** e uma **Cronologia** do autor de "Fogo Morto". Não diremos, de Lins do Rêgo, que fôsse um ensaísta verdadeiramente digno do nome: o que êle foi, e isso em grau maior, exponencial, foi romancista; sem embargo, era uma inteligência lúcida, e numa frase, por vezes, sabia captar ou resumir o que outros não conseguiriam senão em várias páginas. Foi um **impressionista**, e sem acanhamento escreveu sobre assuntos os mais díspares, como por exemplo pintura (outra de suas grandes admirações), mas sempre sem se comprometer. Os escritos que compõem seu último livro são, assim, peças que se pode ler. Artigos para jornais, exercícios, pequenas impressões sobre leituras e acontecimentos, todos trazem a marca desse talentoso paraibano, desaparecido cedo demais do convívio nosso.

JOSÉ CODECEIRA LOPES E BRÁSILIO MARQUES SOBRINHO : "Dois Estudos Sobre Transportes" (Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1958. 201 páginas) — País imenso e sem vias de comunicação como seria de desejar, quer em quantidade, quer em qua-

lidade, é natural que a nossa política de transportes, de tempos para cá, venha merecendo a maior das atenções, de parte das autoridades civis e militares. O presente livro enfeixa duas importantes contribuições à maior compreensão de uma **política nacional de transporte**, a primeira, e à solução do **problema nacional dos transportes**, a segunda. Ambos os estudos não foram escritos de certo com intenção literária, nem tiveram seus autores a preocupação e o intuito de escrever bem, mas tão só a de escrever corretamente, claramente. Conseguiram-no ambos, e dentro de um método rigoroso e lógico põem o leitor perfeitamente a par de seu pensamento sobre o assunto. A obra realizada contará, sem dúvida, no âmago reduzido da bibliografia nacional especializada, como um de seus marcos mais importantes, a ombrear com os estudos do General Juarez Távora, do deputado Edson Passos e do professor Moacir Silva a respeito de Transportes no Brasil.

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

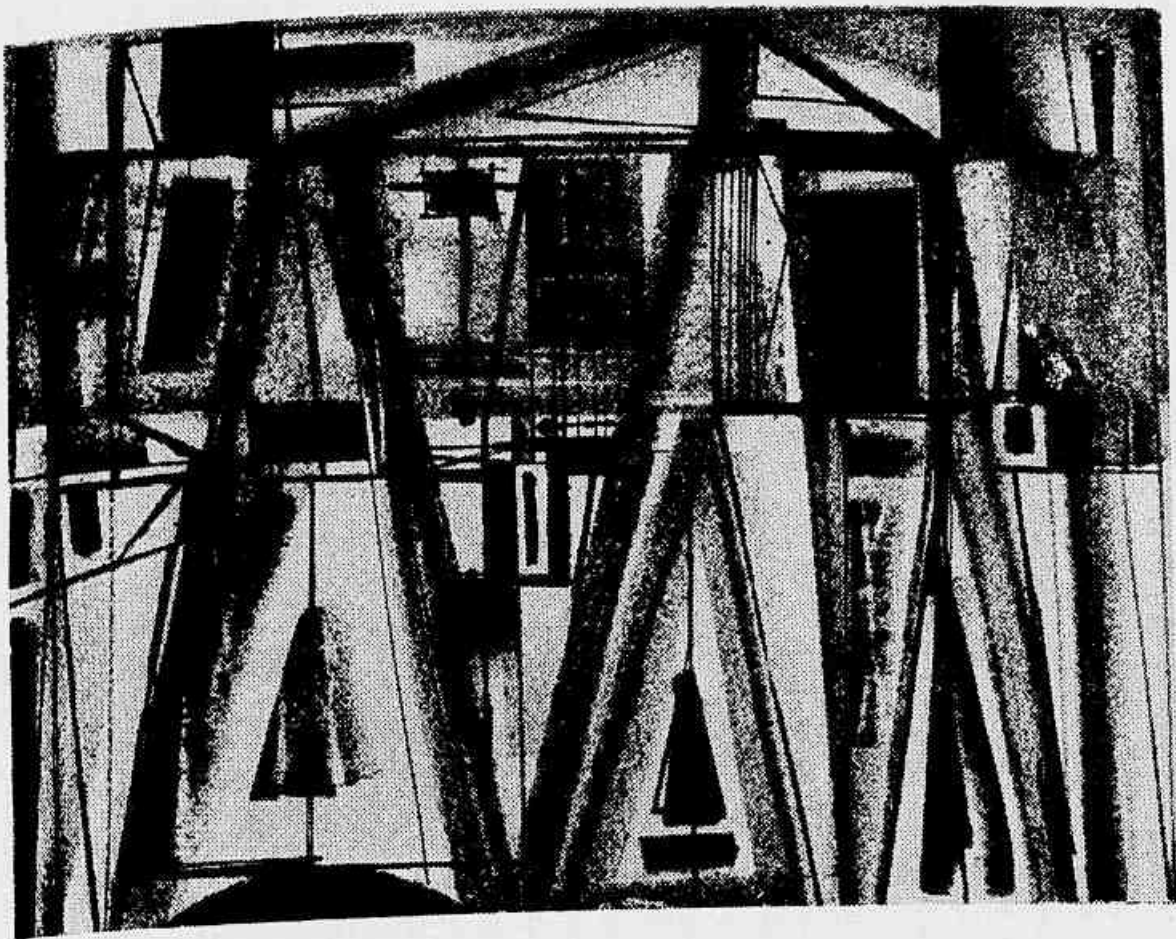


Lacyr Schettino



Ferreira Gullar

Depois de publicar três livros de poesia — "Quando as Sombras se Espalham", "Rumor de Asas" e "O Espelho da Morta" (1.º Prêmio no 1.º Concurso Feminino de Poesia de *A Gazeta*, de São Paulo), oferece-nos Lacyr Schettino "Santa Tereza de Jesus" — obra com que arrebatou o prêmio Olavo Bilac, do Concurso da Prefeitura do Distrito Federal, em 1956. Tal livro acaba de aparecer numa edição da Livraria São José, e seu lançamento foi efetuado numa das já famosas tardes de autógrafos da Livraria de Carlos Ribeiro, na sexta-feira, dia 17. *** Acaba de aparecer o livro de poemas (concretos) de José Lino Grünwald: **Poemas**. *** Por um incidente destituído de qualquer importância — a quebra de uma cadeira, numa brincadeira de redação —, o crítico de arte e poeta Ferreira Gullar foi sumariamente despedido do "Jornal do Brasil", de que era dos melhores colaboradores. Uma lamentável e antipaticíssima atitude, que vem causando o repúdio dos círculos artísticos e culturais cariocas. *** Ainda esse ano aparecerá o volume de memórias **As Florestas**, de Augusto Frederico Schmidt — algo como a continuação de **O Galo Branco**. *** Lêdo Ivo contestou em termos convincentes a afirmativa leviana de que tivesse sido êle co-autor do volume póstumo de José Lins do Rêgo, **O Vulcão e a Fonte**. *** A primeira edição oficial de obra do poeta Ezra Pound — considerado traidor pelo Governo norte-americano, durante a última guerra — dar-se-á breve, e no Brasil — pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Somos, em verdade, um país moço, e sem preconceitos.



Litogravura de Zaluar

NOTÍCIAS DE ARTE

Foi contemplado com o Prêmio Guggenheim de 1958 o pintor espanhol Joan Miro, de orientação surrealista. *** Um quadro de Pablo Picasso acaba de ser restaurado, em Londres. Terão razão os que escrevem que dentro de mais cinquenta anos não subsistirá um só quadro de artista moderno? ... *** Carlos Magano exporá no Ginástico Português, em novembro. *** Telas de Vlaminck (há tempos falecido), de Rosa e De Pisis serão breve expostas na Galeria Barcinski, de Copacabana. *** Mário Barata vem dispendendo esforços no sentido de que seja criado um Instituto de Pesquisas de Arte no corpo da Universidade do Brasil. O Instituto estudaria a arte brasileira e a lusa. Pedro Calmon parece estar inclinado à sua criação. Os benefícios para a arte brasileira seriam apenas incalculáveis. *** Uma caravana de artistas e críticos cariocas seguiu para Recife a 25, a convite de Augusto e Abelardo Rodrigues: Frank Schaeffer, Abelardo Zaluar e o colunista, entre outros. *** A Associação de Artistas Plásticos Contemporâneos possui atualmente em seus cofres nada menos de duzentos mil cruzeiros. Isso bem diz do entusiasmo com que os artistas acolheram a notícia de sua fundação. Pode-se considerar a ARCO vitoriosa. *** Homenageados, na Associação Brasileira de Desenho (onde se iniciaram, praticamente), João Garboggini Quaglia e Anna Letycia Quadros. *** Grande êxito constituiu, em São Paulo, a Retrospectiva Djanira, realizada na Galeria das Fôlhas. *** É necessário que o prêmio de viagem pelo país, distribuído nos Salões oficiais de arte, seja aumentado em sua dotação: como percorrer cinco estados brasileiros, durante um ano, tudo com a importância ridícula de 96 mil cruzeiros? *** Prossegue o Círculo de Amigos de Arte com suas atividades mensais. Na última reunião, efetuada a 4 de outubro (terceiro aniversário do CAA), foram sorteados trabalhos de Tana Magano, Maria Teresa Vieira e Abelardo Zaluar (litografia da foto). *** O salão da **Maison de France**, cujo prêmio é uma viagem a Paris, será realizado esse ano — eis o que nos afirma Cleoo, responsável pelas artes plásticas na casa da Presidente Antônio Carlos. O "Petit Salon", esse ano, irá oferecer algumas novidades. *** Em princípio de novembro o IPASE inaugurará seu Salão de Pintura — o "Salão Santa Rosa". Local: Escolinha de Arte do Brasil, à Avenida Marechal Câmara.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

SALÃO A MÃE E A CRIANÇA (Sala da Escolinha de Arte do Brasil, desde 13 de outubro; patrocínio da Legião Brasileira de Assistência) — Para comemorar o Dia da Criança instituiu a LBA esse salão "A Mãe e a Criança", iniciativa digna de respeito e aplauso. É um salão com tema (e é sabido como os temas costumam restringir a qualidade artística), porém, salão de alto

nível. Apresenta obras de pintura, desenho e gravura — como sempre, a pintura sendo a mais numerosa, seguindo-se-lhe, emparelhadas, gravura e desenho. Ao todo, 108 peças foram expostas. Algumas surpresas: Manabu Mabe, com o aproveitamento, dentro de uma linguagem a bem dizer não-figurativa, do tema **A Mãe e a Criança**; Ernani de Vasconcelos; Inimá; o acadêmico Teruz; Bandeira de Mello — na pintura; o desenho de Lucy Calenda; a gravura de Newton Cavalcanti e a de Hansen. Para nós, a parte mais fraca do Salão é a de pintura, sendo a gravura a mais interessante.

DOLLY VALADIER (Maison de France, desde 13 de outubro) — Em substituição à mostra de Ricardo de Castro Costa, expôs a **Maison de France** algumas peças de cerâmica da artista Dolly Valadier, realizadas em seu atelier de Copacabana. Em matéria de cerâmica, há muito tempo não víamos coisa igual: técnica a serviço de bom gosto, em que pese o lugar-comum. Fartos de ver objetos de ínfima importância estética a fingir e a bancar de cerâmica, foi com verdadeiro prazer que observamos a exposição Valladier — suas mesas e seus vasos, seus adornos, seus tabuleiros de xadrez. Eis uma artista que, em sua especialidade, passamos a considerar.

GRUPO DOS NOVE (Piccola Galleria, desde 13 de outubro) — Primeiro, uma ressalva quanto à denominação **grupo dos nove**, que poderia fazer crer a alguém existirem, entre os nove artistas que sob ela se apresentam, certas relações estéticas, um programa artístico de criação comum: trata-se, em verdade, de nove artistas alunos de um só professor — Frank Schaeffer —, mas sem liames ou elos entre si, sem preocupação de escola ou tendência. Alguns sentem mais intensa a influência do mestre, outros são mais individuais; o mais jovem dos nove é também o mais conhecido: Ricardo de Castro Costa. Dignos, também, da menção: Paulo César Pimentel, Maria Helena, etc. A exposição mal dá para avaliar o talento de cada um dos nove expositores (e vários deles expõem pela primeira vez), pois poucas peças foram selecionadas, de cada.

HENRIQUE OSWALD (Instituto Brasil-Estados Unidos, desde 13 de outubro) — As gravuras de Henrique Oswald merecem mais atenção e encômio de parte de nossos críticos e jornalistas especializados: esse artista, em surdina, sem publicidade organizada, vem realizando obra de certa importância, tecnicamente sólida, embora do ponto de vista estético ainda se lhe possa fazer restrições. Não é um **moderno** e nem é um **passadista**; é um gravador ainda pesquisando — e pode um artista deixar de inquirir, de sondar, de esmiuçar? —, por véses atingindo a bons momentos em sua delicada arte do preto e branco.



Loustaud

RENÉ LOUSTAUD (Escola Nacional de Belas Artes, desde 15 de outubro) — O artista francês Loustaud dedica-se à serralheria de arte, o que equivale a dizer: faz, em ferro, e em outros metais, portas, grades e gradis, e mesmo figuras decorativas. Seu trabalho, que tecnicamente é digno de encômios, do ponto de vista estético é pouco convincente: apresentaram-se-nos sumamente desagradáveis, rançosos, de duvidoso gosto, seus bonecos esquiando, boxeando, seus galos, seus **bichinhos**. Se o senhor René Loustaud se chamasse acaso Renato Lustosa, ou coisa que o valha, é pouco provável que tivesse conseguido uma sala onde expor sua produção...

CONTO

PETRÔNIO



O ASSALTO

ANDRÉ DE FIGUEIREDO



POSSO LHE GARANTIR que isto é o que existe de melhor. Não tenha dúvida. Veja, veja que efeito sob a luz. Maravilhoso, não? Há muito que não recebíamos coisa tão boa. Nacional mas rivaliza com qualquer produto estrangeiro. Perfeitamente; êle poderia ser comparado com qualquer produto doutro país. E tem mais uma vantagem: preço antigo. Sim senhor: preço antigo. A côr? O senhor não gosta? Pena! Sabe? O marrom lhe fica muito bem. Mas isto não será contratempo. Me acompanhe até o fim do balcão e eu lhe mostrarei as mais lindas casimiras e em tons moderníssimos.

Êstes idiotas! Tenho vontade de lhes dizer na cara: só querem produto estrangeiro, não é? É assim que ajudam o produtor nacional?! Agora, falam do governo. Só comprem produtos que tenham na ourela: made in England; made in U.S.A. Pouco importa onde são feitos. Desde que tenham um: made, êles comprem. Pode até ser: made in Conchichina; produto elogiado, descobrem qualidades e comprem. Se eu fôsse fabricante de tecido, colocaria como marca do mesmo: made. Made é uma palavra mágica.

Veja o senhor que maravilha! Não é mesmo? E olhe aqui na ourela. Aqui. Veja: made in England. Sim senhor: produto inglês. Veja o fio, a tessitura... Caro? Não, não é tanto assim. E mesmo vale qualquer preço. O senhor não vai de maneira alguma comparar uma casimira inglesa com qualquer produto nacional, não é mesmo? Veja bem. Procure acompanhar meu raciocínio: um corte nacional, custa dois mil cruzeiros; um corte inglês vai lhe sair por quatro mil cruzeiros. Agora veja: a roupa nacional dura no máximo um ano; a de fio inglês, o senhor usa e abusa. Ah, esta côr também não lhe agrada? Não? Bem, olhe aqui na prateleira: azul, cinza, marrom...

Que tipo idiota. Será que êle não sente isto, quando olha o espelho? Não sabe mesmo o que deseja. Um homem dessa côr, vestido com uma roupa cinza, deve ficar horrível. Mas o mau gosto dêste pessoal, alcança pontos inimagináveis.

Nenhuma destas côres lhe agrada? O azul lhe fica bem. Não, não quer. Vi pela sua cara. E... o cinzento? Gostou? Ótimo! O senhor tem muito bom gosto. O cinza é a côr ideal para o seu tipo. Ontem estêve um homem aqui... Como? Não, não ouvi bem. Ah, isto vai sair baratinho para o senhor: quatro mil cruzeiros. Oh! Não se espante, posso fazer um abatimento. Isto vai lhe ficar... Deixe ver. Dá para fazer um bom abatimento. Fica por três mil novecentos e vinte cruzeiros. Serve? Não serve? Menos, será impossível. Como o senhor está vendo, isto é produto estrangeiro e dos melhores.

Mas o que tem êste homem que não pára de examinar todos os recantos da loja? Que mania. Estou falando e êle fica a examinar a loja como se desejasse praticar um... assalto. Caramba! Como não vi logo isso? Sou mesmo burro. Êste tipo não quer nada. Tem tôdas as características de um assaltante. Está na cara. Como não vi logo?!



É preciso embromar.

Não devo dar demonstração
de que já notei
que ele é um assaltante

Como?! O senhor não quer mais casimira? Linho? Ah, no balcão da direita. Me acompanhe.

Imagine! Muita coragem deste homem: para se assaltar uma loja as duas horas da tarde é preciso ter fibra. E aquele tipo em pé na esquina, deve ser cúmplice. Certamente espera o sinal para atacar. Está parecendo filme americano. Mas estou de olho. Qualquer movimento suspeito e ele estará liquidado. Ah, como treme a mão do homem. Tipo nervoso. Não dá para isto. Coitado. Tenho até pena. Logo se topar comigo que tenho dois diplomas de detetive feitos por correspondência. Que falta de sorte.

O senhor quer linho, não é? Aqui está. Prefere branco, azul... branco? É, o senhor deve ficar muito bem de branco. Não, não suja tão rápido assim. Simplesmente uma questão de cuidado, sabe? Depois é uma roupa muito bonita. O branco oferece algumas desvantagens mas em compensação, lavou, e eis o senhor de roupa nova. O bege também não lhe fica mal. Tem várias cores; examine...

É preciso embromar. Não devo dar demonstração de que já notei que ele é um assaltante. Agora são dois que estão na esquina. Devem ser novatos. Tudo indica. Vejamos: o homem treme, não soube disfarçar; os cúmplices na rua ficam olhando para dentro da loja. Poderiam muito bem estar lendo uma revista ou procurar olhar para as moças que passam. Mas não tiram os olhos da caixa. Novatos. E mesmo isto não é hora de ninguém praticar assalto. Eles pensam que para assaltos, bastam coragem e um par de revólver. É preciso cabeça; até para roubar, talento é imprescindível. Deus, tendes piedade deste idiota.

O metro? Quinhentos cruzeiros. Para o senhor, seis metros dá muito bem. Ainda sobrará um pedacinho para o filho do alfaiate. Sempre dá uma calcinha.

Estou te vendo. Não adianta embromar, bichinho. Você vai passar mal comigo. Tenho dois diplomas de detetive e isto não é em vão. Pobre de vocês. Meu Deus, como não vi logo? Esta é a minha grande oportunidade. Bem que a cartomante me disse: "Breve o senhor terá uma grande oportunidade na vida. Aproveite". Ora se vou aproveitar. Mas é mesmo minha grande oportunidade. O chefe vai perguntar: "Como você notou que eles eram assaltantes?" Certamente serei promovido. Os jornais publicarão: "Assaltantes tentam roubar loja do centro da cidade, às duas horas da tarde". Darei entrevista. Meu retrato, não tenho dúvida, será publicado junto com os dos larápios. Ih, não gosto disto. Os jornais publicarão: "Jovem destemido descobre o plano e prende os ladrões quando eles tentam dar o golpe". Ah, vai ser de abafar.

O senhor ainda não escolheu? Não, absolutamente, não há pressa; pode ficar à vontade. Nós estamos aqui é para servir. Se o senhor não gostar destes, temos outros e eu estou pronto a lhe mostrar.

Cretinos! Assaltantes e compradores comuns não têm diferença. Mandam descer fazendas e mais fazendas, e dizem depois: "Nenhuma me agrada". Mas nós temos que responder: "As suas ordens. Estaremos sempre ao seu dispor". Ah, que vontade tenho de mandar tudo para o diabo que o carregue! Um dia abandono isto. Quero trabalhar na polícia. Nasci para detetive. É isto:

detetive. Esses assaltantes vão se dar mal comigo. Mas há mal que vem p'ra bem. Até a filha do patrão lerá minha entrevista. Ih, o camarada está fazendo sinal lá para fora. Deixou cair o lenço de propósito. Ah, que golpe antigo. São debutantes no roubo. Os dois lá fora estão caminhando. Preciso ficar de olho.

O que? O senhor não quer mais linho? Quer ver novamente as casimiras nacionais? Não, não é incômodo nenhum. O freguês aqui manda. Me acompanhe.

Ora bolas! Não sabe nem embromar. Mas estou de olho. Já estou pensando na entrevista. A filha do patrão quando ler vai dizer: "Papai, preciso conhecer tão destemido jovem". Ora, eu sou muito simpático, só preciso duma oportunidade semelhante para fazer um bom casamento. Não tenho dúvida. Esta é a grande oportunidade que a cartomante falou. Sou mesmo um felizado.

Como? O senhor quer um corte desta casimira nacional marrom? Foi a primeira que lhe mostrei. É a mais bonita. O senhor não poderia ter escolhido melhor.

Andou tanto, para no fim comprar a primeira que viu. Pinóia! O que ele queria era tempo, para saber qual o melhor ângulo para ficar de revólver em punho. Mas qual será o plano dele? Não tenho dúvida; ele conta com o apoio de alguém da loja. Ah, o Alberto ultimamente tem jogado muito no Jockey e deve estar precisando de dinheiro. Caramba! Agora é que notei como o Alberto está suando. Coitado! Metido com semelhantes larápios. É a isto que leva se meter a rico. Tenho pena. O rapaz merecia um destino melhor; muito melhor. Os desígnios do destino são mesmo estranhos. E sou eu, logo eu, o mais amigo de Alberto que serei a causa de sua desventura. Ah, o rapaz não merecia isto. Puxa, o homem deixou cair o lenço novamente. Os cúmplices lá fora, olharam para o relógio. Sim, senhor! Vai ser agora. E se houver tiroteio? Não, não vai haver. Na menor tentativa, eu passo o murro neste salafrário e adeus planos.

O senhor pode pagar na caixa dois. Sim, ali na esquerda. Apanhe o embruiho no balcão ao lado. Obrigado ao senhor. Muito obrigado. Passe bem.

Sim, bichinho, estou vendo tudo. É agora e vai ser na caixa. Os dois rapazes estão se dirigindo para a caixa também. Upa, não posso nem piscar o olho. Num instante como este é que os segundos são importantes. Como?! Não acredito! Será possível?! Essa, não! Os rapazes estão conversando com a moça da caixa. Meu Deus, não eram assaltantes, estavam apenas flertando com a moça da caixa. O homem pagou a conta normalmente, recebeu o pacote e vai saindo. Assalto, coisíssima alguma! Eu tenho é muita imaginação. Sim, senhor: muita imaginação! Upa! O homem deu uma albarroada tão grande na amante do patrão que vai entrando, que o pacote caiu ao chão. Como é bonita, meu Deus! Vale a pena se ter dinheiro. Ah, que mulher! Se eu te pegasse uns minutos... Como o patrão vai recebê-la sorridente. Já vai de carteira aberta. Ih! Puxa! Deu, uma, duas, três, quatro... notas de mil cruzeiros! Isto é que é um assalto. Um assalto e tanto. Sem revólver, sem plano, sem nada; um sorriso, um afago, um "até breve meu bem", e está realizado um assalto, um assalto perfeito. Caramba!, que assalto.

ão

mal
vista.
air o
oubo.
te as
egues
Já
vai
a, eu
ante
ande
ardo.
om?
não
óia!
gulo
Não
h, o
estar
o o
pios.
ecia
são
erto
ecia
úm-
ser
ten-

da.
uito
Os
não
se-
el?!
ixa.
com
beu
uita
deu
ndo,
e a
mi-
car-
otas
nto.
um
alto



24 HORAS DE TORPOR

Reportagem de CLAUDIR CHAVES — Fotos de ALCEU TAMER



Depois da sensação de bem estar, o repórter perdeu lentamente o domínio do raciocínio. Os olhos se injetaram, as mãos e os pés esfriaram.

VEM DE CONSTITUIR mais uma terrível ameaça para os blocos da sociedade amantes da boa diversão e do prazer, o uso abusivo de conhecido produto, estimulante do sistema nervoso. Muito útil aos estudantes nos períodos que antecedem às provas parciais, causa, contudo, sérios distúrbios posteriores, e compromete o funcionamento normal do organismo.

A novidade que vem de ganhar, dia a dia, mais adeptos, é o abuso da droga com bebida alcoólica.

O repórter recebeu, ainda outro dia, um convite para visitar uma das mais famosas buates de Salvador. E, como é natural, aceitou o convite. Pouco antes da meia-noite, e, lá estávamos, afastados um pouco do centro da cidade, ganhando o interior daquele recinto envolvente.

Havia uma mesa reservada para nós. Uns bonitos rostos nos aguardavam. E demos início a um "bate-papo" para começo de conversa.

Repetiam-se as doses de conhaque, uísque, e outras bebidas. No entanto, a cada novo trago, eu notava susceptíveis alterações do ambiente, provocadas pelo meu estado nervoso. Estranhando o fato, fui informado que a cada cálice de bebida, duas pastilhas, dois comprimidos eram adicionados. Tal medida estranha para mim, teve como resposta: — "Esta droga tem por objetivo nos livrar do sono e do cansaço."

Devera, eu não tinha sono nem desânimo físico. Uma "girl" ao meu lado balbuciou: — "Daqui há pouco você vai ter o maior

"baratino" do mundo". Aí, pela gíria, sentia o triste ambiente que estava envolvido e que dele não podia sair. Comecei a observar a coisa, já como profissional da imprensa, pensando em uma possível reportagem.

Realmente. Dentro de algum tempo fomos dominados por um torpor violento. Algo incomum. E eu também começava a viver o produto do meio. Tive uma sensação de bem estar, a princípio. Ainda raciocinava perfeitamente. Depois, fui perdendo lentamente o domínio do raciocínio. Falavam aérea e vagamente, insistindo sempre a manter a palavra e as atenções voltadas para mim. A linguagem fácil combina com a quase insensibilidade dos tecidos subcutâneos. As mãos e os pés esfriam. Fiquei nervoso e sentia uma vontade enorme de puxar os cabelos e sair correndo como um louco. Após estas cenas de horror, quis chorar e gritar ao mesmo tempo, dizer de minha angústia, clamar o meu estado de inércia psíquica, dar evasão aos instintos recalcados na infância que vai longe. Por fim, apesar do auto-contrôle que exercemos em nós mesmos, disparei uma poderosa gargalhada que envolveu todo o recinto. Atingi ao auge do meu transe. Ganhara o "batizo" para os principiantes na comédia noturna. Agora podia entrar para a turma do prazer e com ela gozar os mais hilariantes momentos da vida.

Um nosso companheiro ao lado me chamou a atenção. Vi nele o meu próprio espectro. E concluí: com a sucessão de doses do perigoso entorpecente (adicionado a aperitivos) sentia as minhas faces se tornarem macilentas. Meus olhos se turvaram. Na boca deixei escapar frases incoerentes. Uma salivação escassa e ácida, onde fermentavam substâncias de odores desagradáveis, ocupava-



Sobreveio uma enorme vontade de sair correndo como louco. Finalmente, a angústia, e o desejo desesperado de chorar.

me a boca. Uma demência lenta substituiu o alto grau de lucidez de que estava antes possuído.

FELICIDADE EM COMPRIMIDO

Passam-se as horas. Repetem-se novas doses. Em cada reprise que se faz em meio as ovações dos amigos, mais nos afundamos no terreno da inconsciência. Transformados estamos, desfigurados, somos uns autômatos legítimos, mercê do ambiente hostil e de companheiros viciados.

Paradoxalmente, enquanto nossa aparência se revela repugnante temos o interior feliz, eufórico, satisfeito, em gôzo, ao embalo fatal da droga. É a felicidade em comprimidos... E ela custa pouco: 63 cruzeiros, apenas.

A AÇÃO DO ENTORPECENTE SOBRE A CARNE

Após dolorosa experiência, quis fazer testes, observar outros aspectos prejudiciais do medicamento. A um filé cru, onde corria lentamente o sangue fresco, atirei alguns daqueles comprimidos. Ao chocar-se com a carne, o pó, de alvo, se torna alaranjado, e fermenta. Toma o aspecto corrosivo. Senti que ele começa a destruir, a comer o tecido muscular, deixando profundas mossa escuras, de onde escapam sensíveis odores de putrefação. É o resultado final da droga misturada com vinho: a destruição lenta e contínua da célula viva.

Ainda não é possível reproduzir num gráfico a violenta ação do produto diabólico, nem expressar, com exatidão, sua capaci-

dade destruidora no organismo vivo. Conclui-se apenas que o tecido muscular sofrendo cargas contínuas da "nova bebida" cede no terreno da vitalidade e mais cedo ou mais tarde termina por levar o indivíduo à sepultura.

DEBILIDADE MORAL E FÍSICA

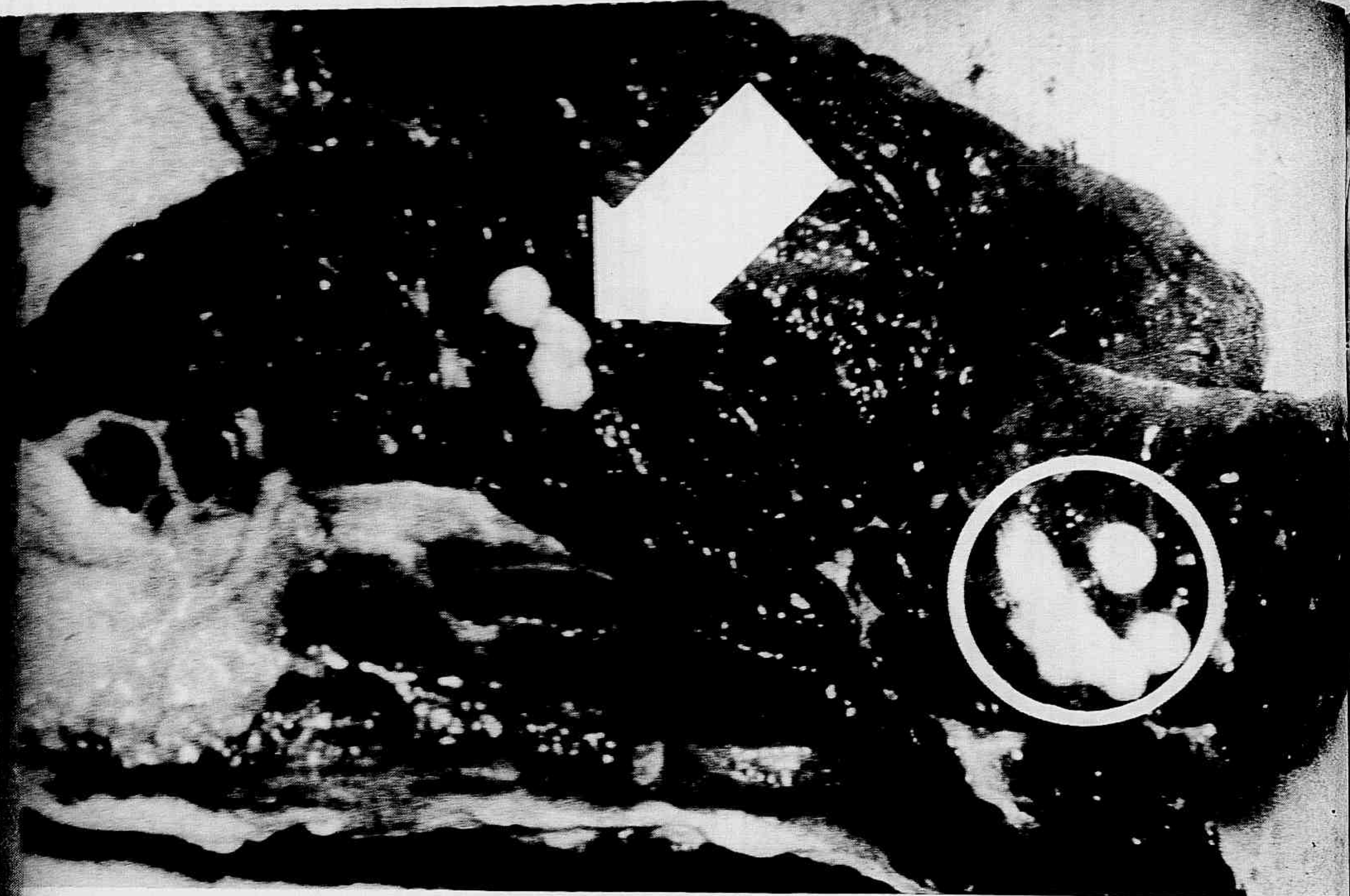
O abuso do medicamento com bebida alcoólica, conquanto não determine o imediato extermínio do ser, implica numa irregularidade de função. O organismo trabalha com mais intensidade, porém oferecendo menos resistência contra outras doenças. Com a natural queda de resistência, o corpo torna-se presa fácil de distúrbios neuro-vasculares.

Surge então a debilidade moral e física do cidadão. Seu meio ambiente passa a ser menos interessante, mais propício aos seus desígnios. Seu egoísmo se manifesta doentio. Seus desejos, mais vivos, são capazes, às vezes, de levá-lo ao crime. E sua constituição física, mais apática, se torna ideal para a formação de vícios.

Com a redução da capacidade moral e física, o indivíduo é transformado num ser mesquinho, num desajustado social — uma erva daninha no seio da sociedade.

ÚLCERAS — MAU HALITO — INDISPOSIÇÃO ALIMENTAR

O resultado da droga com bebida alcoólica é um produto altamente tóxico e corrosivo. Daí facilmente se concluir sua ação no interior do organismo.



Às circular-se com a carne, a pó muda de cor e fermenta. Como a tecido muscular e das massas escurecidas escapa um odor putrefato.

O estômago, obrigado a conservar por algum tempo a carga mortuária, vê-se na contingência de permitir o desenvolvimento de pequenos fermentos, que mais tarde se transformarão em poderosas ulcerações, capazes de conduzir o paciente à morte.

Outra consequência funesta do estimulante adicionado a líquidos à base de álcool, é o mau hálito, produzido no interior do estômago, provenientes das fermentações que ali se processam.

Como a norma da vida indica o organismo quando vitimado por produtos estranhos ao seu meio, e que produzem malefícios, se torna incapaz de funcionar com regularidade. Sua destinação apresenta a indisposição alimentar do indivíduo. Falta, porém, há

destinimo, aparecem dores, angústia, incertezas, mal estar — enfim, uma dezena de condições desagradáveis, conseqüentes do abuso de drogas que levam o homem a uma condição mínima no seu próprio meio.

Todos esses sintomas preconizam a marcha vertiginosa ou não do organismo à debacida, à queda fatal.

A PALAVRA DO CIENTISTA

Quis, para patentear o teor das minhas palavras, ouvir a opinião abalizada do Dr. Plínio Garcez de Sena, Assistente de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. De minha entrevista com o cientista, transcrevo alguns trechos de sua palestra, que fez questão de esclarecer os fatos.

"Jamais o uso abusivo de excitantes tomou um incremento tão manifesto como nos tempos atuais". Mais adiante, continua: "A prática do vício — todos sabemos — se verifica, via de regra, pela falta de princípios e mesmo pela leviandade dessa juventude tida como transviada e de cuja classificação se põe de avaliar suas tristes aventuras". Prossegue: "A preferência por uma certa droga comercial, tem sido notada. Esse medicamento, age sobre os centros vegetativos, estimulando o simpático e deprimindo ao mesmo tempo acentuadamente, o parassimpático."

"Sem pretender diminuir seus bons efeitos, entre os quais aumento de atividade intelectual e eliminação da sensação de sono, queremos tão somente realçar seus efeitos secundários, quando empregado intempestivamente, o que explica o desaparecimento do nervosismo, angústia, apetite sexual, bem como de referência aos perigos da narcose profunda, responsáveis pelas manifestações sincopais, e alguns outros inconvenientes, como sejam, a presença da anorexia, amnésia, emagrecimento e às véses, batimentos palpebrais e discreto grau de miíase fenômenos esses, de duração passageira, surgidos logo após o emprego da injeção da droga."

E o cientista finaliza:

— Em suma, o referido medicamento, quando usado de modo adequado e sob controle médico, é de utilidade incontestável. Porém torna-se nocivo se empregado em doses generosas."



Dr. Plínio Garcez de Sena condena o uso da droga, empregada em doses generosas.

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

— Mas Rainha da Inglaterra, como é que você vai me tropeçar naquele batente maldito? Isso é porque a senhora pensa que é moça. Não quer que ninguém a ajude a descer. Não tem nada, vovó, a senhora vai ficar empacotada em gesso durante um mês ou dois, depois ficará completamente boa.

Nabira, a face mais serena, porque não lhe buliam nas feridas, tentou rir:

— Onde ocê estava, mênfilho?

Sérgio ergueu as sobrancelhas para o irmão, num aviso:

— Já vinha para casa quando Lino me encontrou.

— É, encontrei-o perto da Casa Pernambucana.

Nabira fitou a neta implorativamente:

— Chasmina, ocê espera que fica boa? Non vai sôzina pra Oropa e Liban, mina filha! Espera ieu, Chasmina?

— Mais certainement, ma chérie, certainement!

Lino animou-se:

— Amanhã eu adio as passagens "sine die" e telegrafo para o Líbano.

Um sorriso doce e feliz distendeu a face da velha. O médico bateu-lhe carinhosamente nos ombros:

— Nunca vi ninguém com os ossos quebrados, rir assim feliz. A senhora é rija como o jacarandá dessa cama, ou melhor como um cedro de sua terra, os célebres cedros milenares do Líbano.

Nabira sorria, imaginando que talvez fôsse Nassim quem lhe dera uma rasteira para ela rolar a escadaria, partir os ossos e prender Jasmina mais algum tempo em S. Luís, o tempo suficiente para Sérgio e ela se amarem definitivamente.

Sérgio olhava-a embasbacado: "vai ver que a velha está até feliz de ter-se quebrado tôda só para não embarcar com Jasmina, na esperança de ainda nos ver casados". Beijou-a na testa ampla, junto aos cabelos de neve:

— Vovó, enquanto a senhora estiver de cama eu só sairei para o trabalho. Quero lhe fazer o máximo de companhia. Nós vamos jogar "bássara" tôdas as noites. Doutor, esta velhinha sapeca é louca por um jogo de "bássara". Nunca quis saber de "poker" ou pif-paf. Joga apenas o joguinho da terra dela.

— É, procurem distraí-la. Percebi que dona Nabira tinha uma atividade fabulosa. Vai sofrer, prêsa à cama.

Jasmina beijou-a também, exatamente no lugar onde o primo a beijara:

— Eu non vai me em emborrá enquanto vovó non estiver em pé, parfaitement bien. Vamos jogar "bássara" tôdas as noites e conversar muito, muito.

Os enfermeiros e assistentes chegaram com o material necessário aos curativos e o médico pediu aos jovens que deixassem o quarto.

Sérgio sentia-se triste, muito triste, com um tétrico pressentimento. Vó Nabira dizia sempre que adorava dormir em rede. Iria para a cama quando estivesse às portas da morte... O único raio de luz na escuridão de seu angustioso desespero, era lembrar-se de que a prima ficaria em S. Luís um pouco mais, sem ser necessário pedir-lhe. Não há dor, por mais profunda, sem uma vantagem ou um consolo...

De fato, ouviam-lhe os gemidos surdos. Sérgio foi até ao vestíbulo, dar rancorosos pontapés no degrau fatídico e traiçoeiro. Jasmina absteve-se de segui-lo, embora tôda ela fôsse uma ânsia de apertá-lo nos braços, de consolá-lo, beijando-lhe o rosto pálido e belo.

Julgava-se má e mesquinha, pois alegrava-a a perspectiva de ficar no Maranhão mais algum tempo. Perto de Sérgio. Perto d'ele.

Os pontapés ecoavam no patamar sombrio e largo, indiferente àquela absurda manifestação de ira. As lágrimas dos escravos que descenderam ou subiram seus batentes e o sangue de suas carnes laceradas pela fúria de Ana Jansen, nunca o comoveram e não seriam os pontapés de Sérgio, dirigidos pela ira impotente de ver a avó sacrificada, que o comoveriam. Continuou sombrio e indiferente, o alto arcabouço — evocando sua idade secular.

(Continua)

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

**EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO**

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



"Mil" lhe oferece:

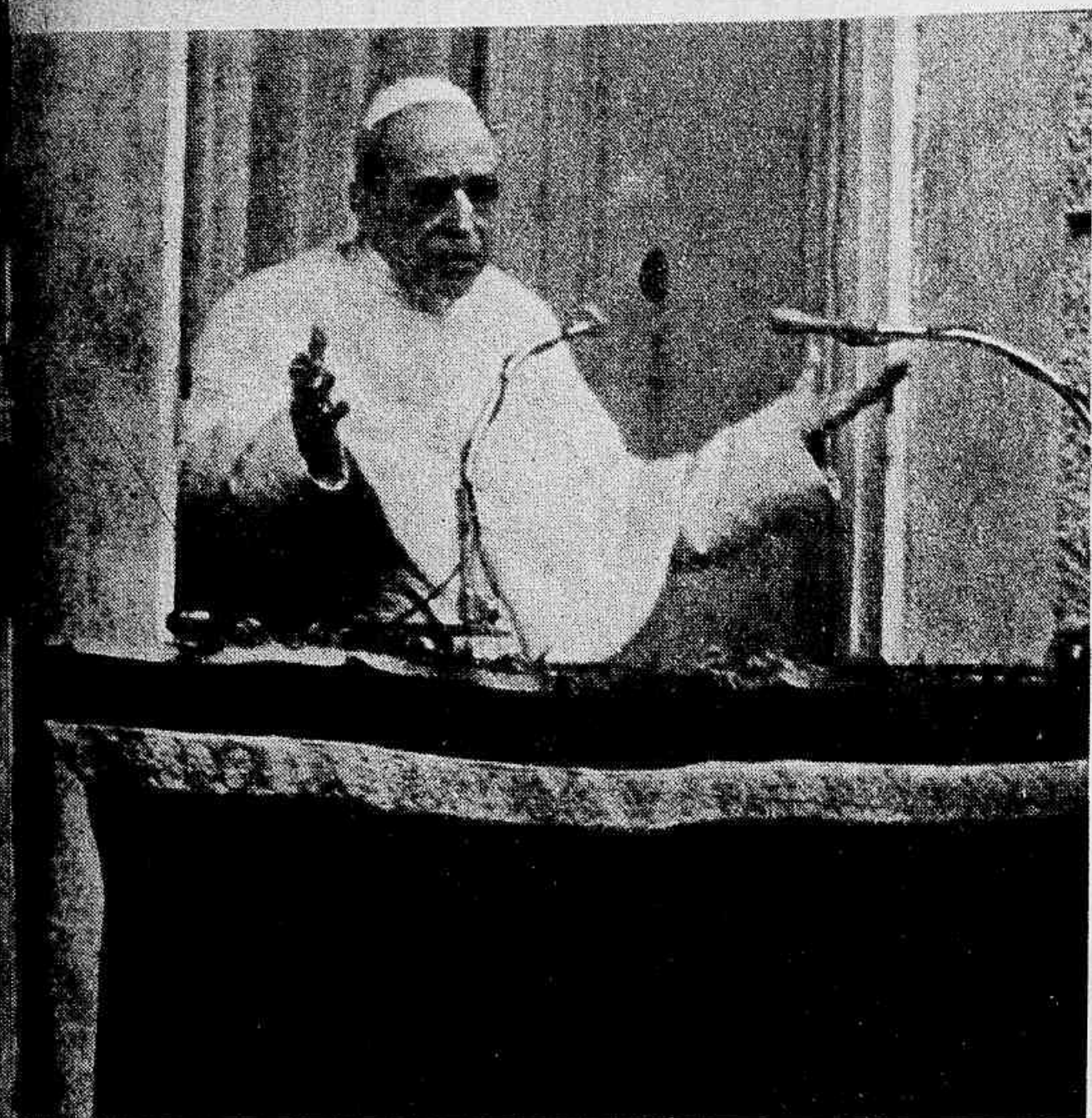


**BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - A VACUM - A AR**
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO





PIO XII E GARY COOPER: Acolhimento!

A MORTE DO PAPA PIO XII sem dúvida foi o assunto da semana de tôdas as classes sociais e profissionais no mundo inteiro. No meio artístico a repercussão foi similar a qualquer outro. Lembramo-nos, então, que Sua Santidade, por mais de uma vez, fez referências aos artistas do mundo, sendo possivelmente o Papa que mais atenção dispensou a atores, que mais recebeu-os, independentemente de seus credos religiosos, com carinho e acolhimento como, por exemplo, a Red Skelton, que é protestante, quando este lhe procurou acompanhado de seu filho atacado de leucemia. Portanto, resolvemos recolher algumas das opiniões de Pio XII sobre o meio artístico, e reproduzi-las.

KALEIDOSCÓPIO



JERRY LEWIS: Cultura?

SÔBRE O ENGENHO HUMANO em relação ao cinema, a televisão e aos efeitos técnicos dos palcos, chamou-o Pio XII de "maravilhosas invenções de que se vangloriam nossos tempos". "Úteis e eficientes" quando a serviço do Bem. No seu ver, divertir era uma virtude excepcional e necessária, um descanso e um bálsamo para os povos. "Não há nada de errôneo numa pessoa divertir o espírito, desde que este divertimento não seja em seu detrimento moral".

O INTERESSE DA IGREJA pelos atores e seus meios de representação sob a orientação de Pio XII, era mais que uma acolhida carinhosa, ou a outro campo no qual a técnica moderna poderia ser elogiada. Tratava-se do reconhecimento de que, na arte cênica, existe realmente um instrumento com o qual se pode tocar a alma de um ser humano, que portanto deve ser observado cuidadosamente, já que dela podem resultar reações proveitosas assim como nocivas. "Uma coisa que pode divertir merece consideração, e quando pode causar o mal não mais deve ser ignorada", disse certa ocasião, quando alguém pretendeu serem o cinema e a televisão pouco dignos de maior atenção. Nesta linha de pensamento, Pio XII estendeu suas considerações aos produtores, aos empresários, e até aos críticos, além dos artistas propriamente.

SÔBRE PRODUTORES E EMPRESARIOS, Sua Santidade colocou grande responsabilidade. Além dos espectadores, os quais, ao comprarem um ingresso, devem considerá-lo um verdadeiro voto, escolhendo entre o que é bom e o que não presta, o empresário não pode favorecer espetáculos nocivos simplesmente por motivos financeiros, nem a título de beneficiar artistas e fornecer emprego à dezenas de pessoas. "Estamos a par das dificuldades que devem enfrentar os exibidores, por inúmeros motivos, também por causa do desenvolvimento da televisão", disse, porém, nem esta deve procurar afirmar sua vitória sobre os outros meios, nem estes devem defender-se, oferecendo ao espectador um charmariz que atue sobretudo nos instintos primitivos do homem.

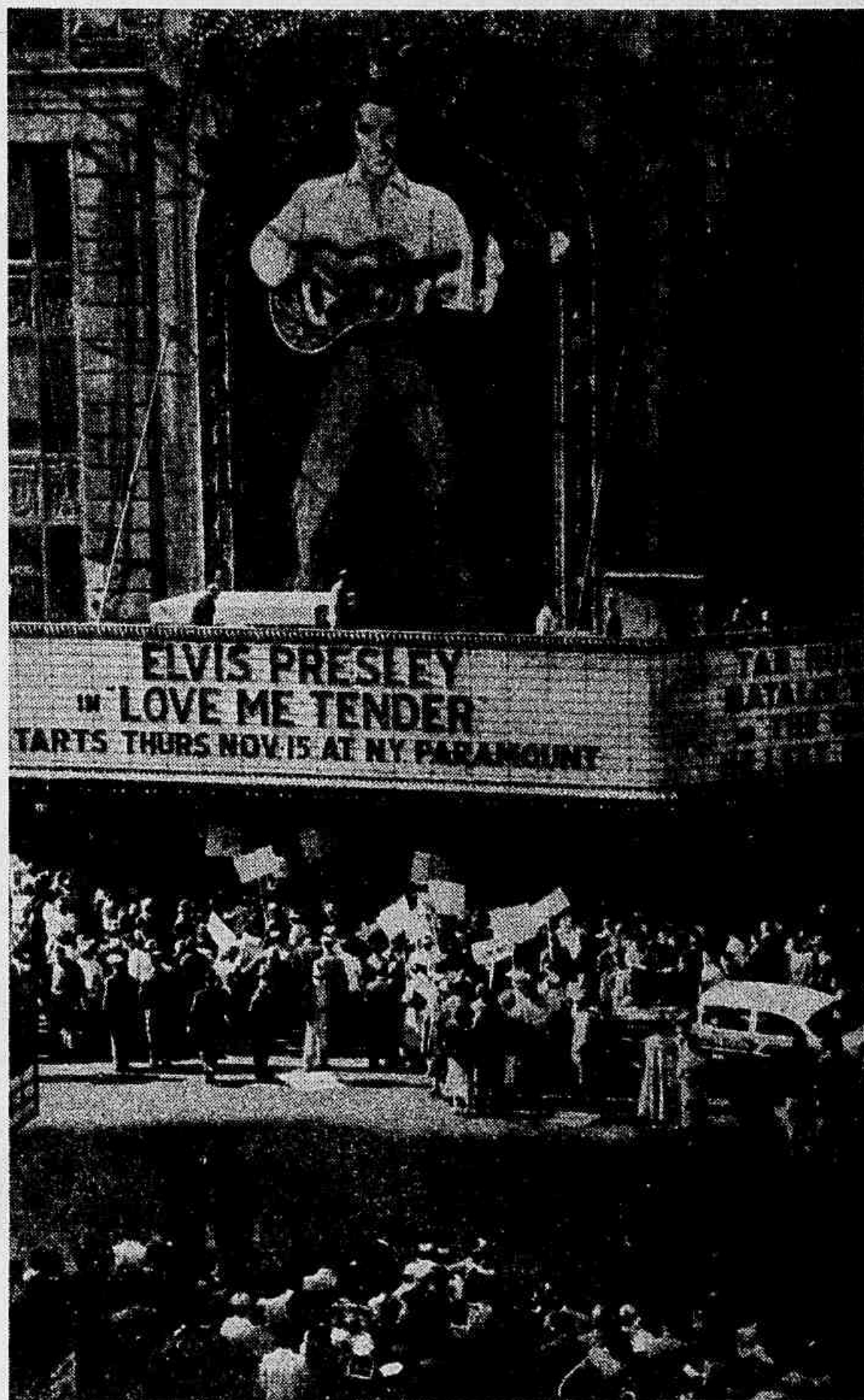


DIANA DORS: Virtude?

Chuck Woodward

OS CRÍTICOS FORAM RECOMENDADOS sôbre suas obrigações. A eles cabe procurar ensinar seleção aos espectadores. Não apenas indicando quais os espetáculos que apresentem ou não perigo à moral, como aqueles que possuem ou não valor artístico. "Não é bastante afastar o público do que lhe fere a moral, como ainda indicar-lhe o que lhe trará proveito, pela distração e pela cultura artística."

FINALMENTE AOS ATORES recomendava que não era bastante "trabalhar bem" mas procurar sempre uma expressão artística ainda acima da sua, não permitir apenas que um gênero rendoso lhe impedisse de procurar conhecer outro de maior cultura. E, sobretudo, aproveitar o fato de que milhares de pessoas seguem suas vidas particulares avidamente, para dar bons exemplos. "Quando o ator consegue afirmar-se pela arte e pelo talento, então deve valer-se ainda mais da sua fama para despertar no público nobres sentimentos, começando a dar em sua vida privada exemplo de virtude". O orgulho demasiado, na opinião de Pio XII, além de eventualmente destruir o talento do ator, terminaria por destruir sua auto-crítica como ser humano. Tôda sua compreensão, e conhecimento da natureza humana, estão encerrados nesta frase: "Comprendemos a intensa emoção de alegria e orgulho que invade a vossa alma, perante aquele público, inteiramente tomado pelo vosso trabalho. Porém, estes sentimentos legítimos de satisfação íntima não pode autorizar o ator a aceitar por parte do público manifestações que por vêzes tomam o aspecto de idolatria. Uma vez nesta posição, um artista se achará crescentemente na obrigação de manter estas manifestações, agora já não mais um homem, e sim um ídolo, uma divindade falsa, criadora de seus próprios regimentos morais, e sujeito a nada exceto seus caprichos. Ele peca por perder sua alma, e peca por furtar ao público o bom ator que havia sido".



ELVIS PRESLEY: Idolatria?

Reaparelhamento das Ferrovias Brasileiras



O Ministro da Viação, almirante Lúcio Meira, com o eng. Renato Feio, presidente da Rêde Ferroviária, durante a visita de inspeção às locomotivas da Rêde Ferroviária. Ao fundo, o cel. Gerardo Lemos do Amaral, diretor de Obras da RFFSA e o jornalista José Mário Vilhena Soares.

O MINISTRO DA Viação e Obras Públicas, Almirante Lúcio Meira, em companhia do engenheiro Renato Feio, Presidente da Rêde Ferroviária Federal S.A., assistiu ontem, no cais do porto, ao desembarque de doze novas locomotivas diesel-elétricas, que integram o total de 195, encomendadas por conta do empréstimo de 100 milhões de dólares concedido ao governo brasileiro pelo Eximbank e das quais oitenta e seis já estão em serviço nas estradas da R.F.F.S.A.

As referidas locomotivas que, após serem desembarcadas, foram inspecionadas pelo Presidente da RFF e pelo titular da pasta da Viação, serão distribuídas entre a Rêde Mineira de Viação, que receberá nove unidades, e a Leopoldina, que passará a dispor de mais três máquinas diesel.

Desde o mês de julho a Rêde Ferroviária Federal, no cumprimento do seu programa de reaparelhamento das ferrovias brasileiras, já recebeu e entregou às estradas a ela incorporadas, as seguintes unidades: Noroeste do Brasil, trinta e oito; Paraná-Santa Catarina, vinte e cinco; Rêde Mineira de Viação, sete; Leopoldina, dez; Rêde Ferroviária do Nordeste, seis.

Estiveram presentes ao ato o Sr. Ottolmy Stranch, chefe do gabinete do Ministro Lúcio Meira, eng. Capistrano do Amaral, diretor do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, eng. Fernando Teixeira e coronel Gerardo Lemos do Amaral, diretores de Operação e Obras da RFF, eng. João Amaral Aguiar, diretor de Operações da Leopoldina, comandante Boiteux, Superintendente do Porto do Rio de Janeiro, acompanhado de seu assistente Sr. Waldo Araújo, além de autoridades, funcionários da RFF e jornalistas.

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.

- 1 — O romancista Gastão Cruls teve uma de suas mais conhecidas obras filmadas pelo cinema nacional. Foi ela:
 - A Criação e o Criador?
 - Vertigem?
 - Elza e Helena?
- 2 — Capoxo quer dizer:
 - Indígena da tribo do mesmo nome?
 - Forma antiga de capucho?
 - capa de toureiro?
- 3 — O menor vertebrado de sangue quente que vive na terra é o:
 - Musaranho?
 - Camundongo?
 - Beija-flor?
- 4 — Homo homini lupus (O homem é um lobo para o homem) são palavras de:
 - Plauto?
 - Bacon?
 - Hobes?
- 5 — A frase famosa — "Não me tires o que não me podes dar", atribuída a Diógenes, foi dirigida a:
 - Filipe da Macedônia?
 - Alexandre?
 - Aquiles?
- 6 — Qual foi o jóquei que montou Mossoró, o ganhador do primeiro "Grande Prêmio Brasil"?
 - Waldemiro de Andrade?
 - Justiniano Mesquita?
 - Juan Zuniga?
- 7 — Alceu Wamosy, poeta gaúcho, deve sua fama por ter publicado o soneto que começa com o verso:
 - Oh tu que vens de longe, oh tu que vens cansado?
 - A vida, manso lago am às vèzes?
 - Formosa qual pincel em tela fina?
- 8 — Qual o velho pistonista de jazz de New-Orleans, redescoberto em 1940 e que foi professor de Armstrong?
 - Buddy Bolden?
 - Freddy Keppard?
 - Bunk Johnson?
- 9 — Qual o primeiro cientista que reconheceu a existência do átomo:
 - Dalton?
 - Davy?
 - Faraday?

RESPOSTAS: 1) Elza e Helena; 2) Indígena da tribo do mesmo nome; 3) Musaranho; 4) Dos três; 5) Alexandre; 6) Justiniano Mesquita; 7) "Oh, tu, que vens de longe, oh, tu, que vens cansado"; 8) Bunk Johnson; 9) Dalton.

Da beleza do busto depende sua elegância

SENO BEL



N.º 1 para desenvolver seios pequenos
N.º 2 para reduzir e firmar seios volumosos.
A venda nas Drogarias: Pacheco — V. Silva, Neofarm, ou pelo reembolso — CR\$ 200,00. Caixa Postal, 4 — Tijuca — Rio — Tel.: 48-3087. São Paulo: Caixa Postal, 3764. Tel.: 32-3507 — Porto Alegre: rua Alm. Barroso, 625. Tel.: 2-4328 — Belo Horizonte: Av. Santos Dumont, 664. Tel.: 4-2787.

CARECAS!

Não usem carecas! Usem AKI ROL, a última palavra contra a calvície! Nas drogarias Pacheco, V. Silva, Neofarm ou pelo reembolso. Caixa Postal 4. Tijuca - Rio - Tel. 48-3087.

ASTENIA SEXUAL

Voronof revolucionou a Medicina demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e do vigor sexual. Chamamos pois a atenção da classe médica para a fórmula do TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais. Nas drogarias ou pelo reembolso. Caixa Postal 4, Tijuca, Rio. Tel. 48-3087. Peçam literatura grátis.

e mon-
nhador
e Pré-
drade!
lta?
a gai-
por ter
que co-
longe,
nsada?
o am-
cel m-
ista de
is, re-
e que
strong.
entista
stência
ada?
Mesqu-
nome:
RES
AKI
contra
Pache-
in pelo
- Tij-
UAL
medicinal-
idade da
perdição
os para
(com-
tauração
droga-
ixa Po-
49-3087.



A COMÉDIA HUMANA

CARLOS A. NASCIMENTO

A PROPÓSITO DE... MÚSICA

A MÚSICA é a arte que consiste em combinar sons de maneira a agradar nosso sentido auditivo. Desde tempos imemoriais que o homem, sentindo necessidade da música para o deleite de sua sensibilidade, criou os mais estranhos instrumentos musicais e as mais curiosas maneiras de expressão. Passada a idade de ouro das artes, a música (com raras exceções) entrou no período da decadência e hoje, proliferam por aí os ritmos sem valor temático, sem harmonia e sem melodia. Portanto, para definir a música contemporânea, ninguém o fez com mais propriedade do que G. B. Shaw: "A música é um barulho organizado". E aqui está a prova:

UM ESTRANHO SOLISTA

"Suite de Santa Fé para Orquestra e Gravador de Fita Magnética" é o nome da composição da maestrina Carven Dragon. A

composição, que teve sua "première" mundial em Washington, tem a vida laboriosa da Estrada de Ferro Santa Fé como tema. Altamente descritiva, a suite tem à frente da orquestração não um instrumento musical de solo, como um piano, um violino, etc. Não, a obra tem como solista uma máquina gravadora de fita que relata a sonoplastia de uma estrada de ferro, melódicamente entrosada à orquestração, registrando todos os ruídos de uma ferrovia: chiados de locomotiva, a voz do chefe do trem com seu clássico "uúpi", o piano desafinado do bar da estação, o ruído dos talheres no carro-restaurant. O coro da Universidade Católica dá o tom humano ao estranho solista, batendo palmas, dando gargalhadas, conversando ou imitando os gritos dos índios pelas vermelhas. Ao fim do concerto a autora foi delirantemente aplaudida pelo público. A crítica, porém, não foi da mesma opinião e atacou severamente a compositora.



Hitchcock & Ingrid.: música para assassinato.

PIANISTA AMERICANO FICA VERMELHO DIANTE DOS "VERMELHOS"

Dois dias após ter vencido o Concurso Tchaikovsky de Moscou, o pianista norte-americano Van Cliburn foi convidado pelas autoridades russas a visitar a casa onde viveu Tchaikovsky, hoje transformada em museu. Cliburn, depois de visitar tôdas as dependências da casa, não podendo resistir a tentação, pediu às autoridades que o deixassem tocar no piano do mestre russo, carinhosamente conservado. Em se tratando de um visitante ilustre, as autoridades, numa deferência tôda especial, permitiram que o pianista experimentasse a peça do museu. O cordão que isolava o piano do assédio público foi desamarrado e Cliburn, orgulhosamente, sentou-se diante da adorada peça; assim que deslizou seus gigantescos dedos (a mão do pianista alcança 12 notas) sôbre o teclado nada menos de quatro cordas rebentaram. Cliburn ficou vermelho de vergonha e os russos, que já são vermelhos por ideologia, ficaram ainda mais vermelhos... de raiva. Aliás, no dia anterior, Cliburn já havia rebentado várias cordas do piano de uma gravadora russa, cujos técnicos tiveram que trabalhar até as 5 da manhã porque o pianista não conseguia passar por certos trechos vibrantes sem rebentar as cordas do piano.

O TRISTE EPILOGO DE UMA CARREIRA

Quem não se lembra de Nelson Eddy, o romântico cantor de operetas, o maior ídolo cantante da década dos 30? Pois o mesmo Nelson Eddy, hoje com quase 60 anos, aparece num "night club" de Portland cantando "rock 'n' roll". O outrora famoso intérprete de operetas na tela disse que não se pode viver por amor à arte quando o estômago reclama seu elemento vital.



Nelson Eddy & Jeanette: rock'n'roll aos 60.

VELHICE TRANSVIADA

O rock'n'roll é, muito apropriadamente cognominado o ritmo da juventude transviada; é a música preferida pelos desajustados sociais, um fenômeno de após-guerra, dizem. Elvis Presley se tornou (tristemente) o ídolo dessa subclasse. Pois bem, agora, nos E.E.U.U., aparece um outro Presley, que de violão em punho executa números do chamado ritmo alucinante. Não se trata, como a princípio se supunha, de um irmão ou um primo do famoso cantor. Trata-se, isto sim, do avô de Elvis Presley, com 63 anos de idade. Seu primeiro disco aparece com a etiqueta da gravadora Legacy Records, de Louisville, com a qual assinou longo (relativamente) contrato.

"QUAL É A MÚSICA QUE VOCÊS QUEREM QUE EU ESTRAGUE?"

A maior atração artística da "boite" El Passo (México) é Bill Sherburne, um artista "sui generis", pois Bill, que é comico, não conta uma só piada, não faz uma só careta. Enfim não faz nada que um comico costuma fazer. Mas Bill não é só comico; ele é também "cantor". Sua voz porém é tão horrível que ninguém resistiria ouvi-lo fora do palco. Apesar disso Bill provoca encontros na "boite" em que atua. E aqui está o segredo do artista: Bill explora sua voz (a mais desafinada e rouquenha que já foi dada a um cristão ouvir) como fonte inesgotável de comichidade. Seus números consistem exclusivamente de "a pedidos". Frase tradicional de Bill: "E agora qual é a música que vocês querem que eu estrague?"

CANTA E ASSOBIÁ AO MESMO TEMPO

A única pessoa capaz de cantar e assobiar ao mesmo tempo está atuando no "cabaret" londrino do Hotel Savoy. O curioso artista, que se chama Leo de Lyon, consegue cantarolar e assobiar duas músicas diferentes ao mesmo tempo.

MÚSICA PARA ASSASSINATO

A gravadora Imperial Records (E.U.A.) lançou um disco, pelo processo estereofônico cujo título pode ser considerado como um dos mais curiosos da história do disco: "Alfred Hitchcock's to me Murdered by" (Música de Alfred Hitchcock ao Som da Qual Ser Assassinado!).

N. do R.: Alfred Hitchcock é o mais famoso diretor de filmes de crimes.



Maria Callas: a cantora lírica mais temperamental do mundo.

MÚSICA SILENCIOSA

A gravadora Bunab (E.U.A.) lançou um LP intitulado "Companion for TV" (Companhia para TV) e é destinado às pessoas que têm por hábito manter o tocadisco ligado enquanto assistem seu programa predileto de televisão. O disco, cujas gravações (?) são extraídas da faixa sonora (?) do filme mudo (?). "O Amor Fatal", podem ser tocados em qualquer velocidade com os mesmos resultados, isto é, proporciona 40 minutos de silêncio absoluto para o repouso auditivo do discomaniaco.

A MORTE DE UMA NOTA MUSICAL

Aos 72 anos de idade morreu o organista C. Sharp Minor, o homem que musicava os filmes de Hollywood no tempo do cinema mudo. A notícia em si não tem grande importância mas acontece que "c. sharp minor" significa "dó sustenido menor". C. Sharp Minor era o nome de batismo do falecido organista.

O CAUBY PEIXOTO DO SÉCULO XIX

Liszt, toda vez que dava um recital de piano, contratava mocinhas para desmaiarem na plateia durante seus saraus. Essa informação foi prestada pelo violinista e historiador russo-norte-americano Mischa Elman.

O mesmo violista informou ainda que Strauss, quando regia uma orquestra para acompanhar o elenco de uma ópera que não lhe fôsse do agrado, exigia que os músicos tocassem o mais alto possível. Nunca satisfeito com o volume, gritava para seus comandados: "Mais alto! Mais alto! Eu ainda estou escutando os cantores".



O ballet hindu: dança e execução instrumental simultâneas.



A senhora Carl Buson, solista de uma orquestra sinfônica norte-americana é uma das raras flautistas do mundo — Jacques Klein: o concertista venceu o “jazz-man”.

CURIOSIDADES

Enquanto o “cabaret” mais elegante de Tóquio chama-se Copacabana, o conjunto mais famoso de “girls” de Madri chama-se “Garôtas de Copacabana”.

O violinista brasileiro Luiz Bonfá regressou a Nova Iorque depois de uma temporada de duas semanas no Alasca, onde tocou para uma platéia de esquimós.

O “cabaret” parisiense “La Rotonde” tem telefone em tôdas as mesas para que os “habitués” possam se comunicar com a copa, a cozinha, o bar e o chefe da orquestra.

O “show” da “boite” Topsy’s Hideaway de Atlantic City mantém o recorde de inversões: todos os “homens” do elenco fazem papel de mulher e tôdas as “mulheres” fazem papel de homem. E o espetáculo é levado de tal maneira a sério que embora o fato seja amplamente anunciado na publicidade da “boite” poucos são aqueles que acreditam que os papéis estejam realmente trocados.





Grupo feito no Salão das Rosas, com o ministro Corrêa de Mello e os srs. Mário de Azevedo Ribeiro, F. E. de Paula Machado, Luiz Gallotti e Armando Trompowsky, presidente e diretores do Jockey Club Brasileiro.

A SEMANA DA ASA NO HIPÓDROMO BRASILEIRO

NO PENÚLTIMO domingo de outubro, durante as comemorações da Semana da Asa, o Jockey Club Brasileiro prestou a sua tradicional homenagem à Força Aérea Brasileira, fazendo disputar um programa inteiramente dedicado aos vultos e feitos relevantes da aeronáutica nacional. Antes das carreiras foi oferecido um almoço, no Salão das Rosas do Hipódromo, aos oficiais gerais das forças do Ar sediados nesta Capital, no qual também tomaram parte os representantes da Força Aérea do Peru. Discursaram os srs. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, e brigadeiro Reynaldo de Carvalho, oferecendo e agradecendo a homenagem, os quais trocaram cordialíssimos brindes, ambos relembrando e reverenciando a memória de Santos Dumont, o Pai da Aviação, e de Salgado Filho, o nosso primeiro Ministro da Aeronáutica e grande turfman. O ponto alto de programa de corridas, o Grande Prêmio "Salgado Filho", foi ganho pelo cavalo nacional "Kraus", dirigido pelo jockey Luiz Rigoni e de propriedade do Stud Rio Preto, a cujos titulares foi oferecida uma taça de champagne.



Na Tribuna de Honra do Hipódromo, a senhora Mário de Azevedo Ribeiro entre os ministros da Aeronáutica do Peru e do Brasil, brigadeiros Polydoro Garcia e Corrêa de Mello, e brigadeiro Fernando Ordonez, do Peru.



O brigadeiro Reynaldo de Carvalho, em nome da Aeronáutica, agradece a homenagem.



O presidente do Jockey Club, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, saúda a Aeronáutica.



O casal Kent Shelby e sua filhinha localizam no mapa a ilha de Ava Ava, da qual se tornaram proprietários. Mais tarde, eles a veriam com seus próprios olhos.

NESTES DIAS ATORMENTADOS por uma constante pressão nervosa, quem é que não gostaria de possuir uma ilha só para si? Uma ilha pequena, com alguns poucos acres de terra e que não precisaria ter mais do que uma rústica cabana e uma sombra convidativa... Uma ilha, enfim, onde não houvesse jornal, televisão ou rádio a nos trazer a preocupação em torno do mecanismo do mundo, não seria mesmo um sonho? Muita gente, é verdade, já sonhou e ainda sonha com essa maravilha, tal como o sr. Shelby que agora, como se verá mais adiante, conseguiu ver realizado o seu grande anelo na vida.

UM CONCURSO E A REALIDADE

Morando numa simples casinha, juntamente com seu marido e filha, a sra. Shelby leu, certo dia, num jornal norte-americano, o anúncio sobre um concurso patrocinado pela Metro, cuja pergunta girava em torno de um filme: "The Little Hut", que em

português recebeu o nome de "Dois amôres e uma cabana". As respostas certas seriam sorteadas e o prêmio ao vencedor seria uma pequena ilha tropical, no arquipélago de Fidji. Mrs. Shelby pensou, naturalmente, em como seria bom passar suas férias numa ilha lendária. Essa vontade foi, pouco a pouco, tomando conta de seu espírito um tanto aventureiro e, finalmente, decidiu-se a tomar parte nesse tão estranho concurso.

Passados alguns meses, já nem mais se lembrando do concurso, eis que chega um telegrama, anunciando que a sra. Frances Shelby era dona de uma ilha tropical, em virtude de ter vencido aquele concurso. A princípio, ela ficou sem saber o que dizer, mas, alguns instantes após contou, com grande alegria, ao seu marido e aos vizinhos, o acontecimento. Naturalmente, em meio à euforia geral, certos pormenores foram dispensados. Juntamente com o telegrama, vieram duas passagens de avião para a sonhada Ilha dos Mares do Sul. Era o sonho tornando realidade.

AVA, AVA, TERRA DE SONHO

A história do casal

"AVA AVA", A ILHA DOS SONHOS

Ken Shelby, que por sinal é funcionário da fábrica de aviões Douglas, sua esposa Frances e mais a filhinha Teddi, não cabem em si de contentes. E já fazem planos de, muito breve, tomar banhos de sol, nadar, pescar, etc., na pitoresca ilha que agora é sua. A ilha possui quatro acres, sendo, pois, um pequeno pedaço de terra onde o sol forte dos Mares do Sul perpassa através das folhas de 59 coqueiros.

Deram-lhe o nome de "Ava Ava", em homenagem a Ava Gardner que, foi, como se sabe, a "estrêla" do filme que proporcionou aos Shelbys esta agradável surpresa. "Ava Ava" foi posta em concurso, mas, caso o vencedor não queira ficar com ela, poderá vendê-la, ganhando, na transação, alguns milhares de dólares. "Mas quem é que não gostaria de ser dono de tal preciosidade?" — declararam os Shelbys. E acrescentam: "Não pensamos um instante sequer em vendê-la..."



ca sal que ganhou uma ilha nos mares do sul

JOHN AYRES

RESPOSTA AO CONCURSO

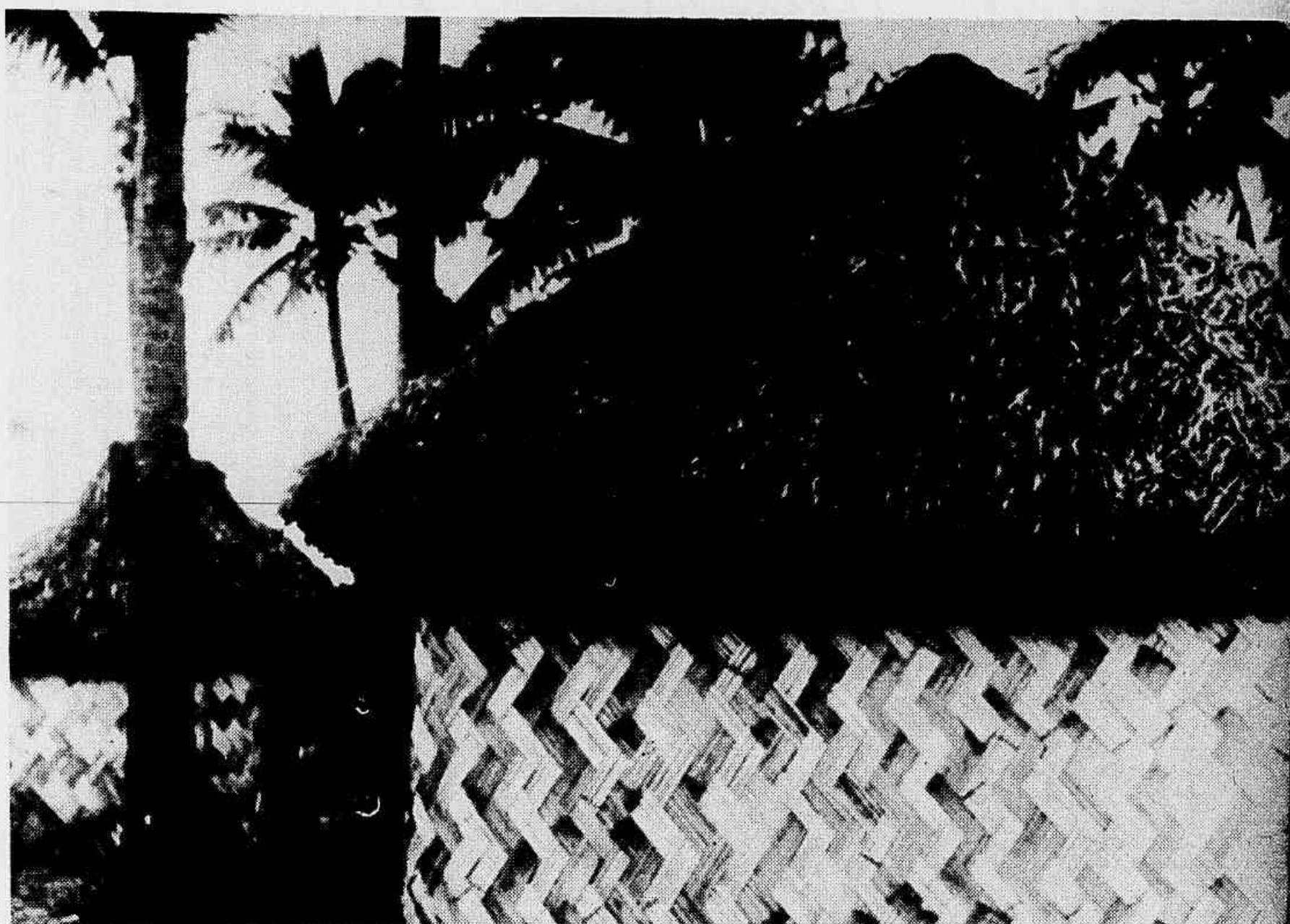
Em resposta à pergunta formulada no concurso, a sra. Shelby escreveu o seguinte:

"Numa ilha com nada mais do que um coqueiro e uma cabana,

Dois homens brincavam o jogo do "triângulo sentimental",

Até que, certo dia, um deles teve de desistir."

Na deliciosa ilha de Ava Ava, estão à disposição da família Shelby, uma cabana com teto de palha; uma convidativa sombra de umas palmeiras, que formam uma espécie de muro; um pequeno barco a motor e uma canoa nativa. A família Shelby acaudou a idéia de se tornarem perfeitos nativos e os três já estão estudando as leis e os costumes da região. Planos de férias já foram estabelecidos: vários meses em completa inatividade, em frente à paisagem esfusante, exótica e colorida dos Mares do Sul. E este é, sem dúvida alguma, um belíssimo plano de vida, digno mesmo da inveja de muita gente que ainda continua sonhando com a sua ilha solitária...



A curiosa residência dos Shelby, na ilha de "Ava Ava"...



FOGO

1900



A APARIÇÃO DOS SAPATOS



ANÍBAL MACHADO

FOI HÁ ALGUNS anos e poderia ter sido ontem. A espera prometia ser longa à porta do Cineac, uma vez que Santa Rosa não era pontual, eu sabia. Combinamos um encontro ali (tratar, se não me engano, da ilustração de uma novela).

Mais de quarenta minutos transcorridos, e nada de Santa. Para sossegar minha impaciência, distraía-me com os cartazes. Num dêles, o mais eletrizante, a moça desmaiada na garupa do cavalo ia sendo salva pelo herói, que respondia magnificamente ao tiroteio dos bandidos. O mais interessante, porém, não era o cartaz, era o espanto dos três pequenos maltrapilhos que ao meu lado o contemplavam, hipnotizados. E Santa não aparecia. O mais velho, pelo menos o mais alto, — que tinha cara de safadinho e parecia o líder do grupo — acendeu um cigarro e contemplava fumando. Fixava o colo da moça no ponto em que o vestido rasgado deixava entrever um trecho manchado de vermelho. “Ela levou um tiro!... olha aqui... tá saindo sangue!”. Os dois outros prenderam a respiração: “Oh!...” E depois se viraram, famélicos e sem esperança, para a porta que leva os que podem pagar à sala de projeção. E Santa Rosa não aparecia! Desisto do encontro.

Influenciado também pela promessa do cartaz, encosto-me ao guichê para a compra do bilhete; e os três negrinhos se aproximam, num movimento involuntário de quem espera migalhas de um banquete. O olhar dêles é súplica muda. Depois, como que caindo em si, voltam, um pouco tristes, a espiar o painel. Senti-lhes no jeito uma reação de pudor e timidez à vontade de formular um pedido. E vou entrando. Mas paro e hesito na antesala; um comêço de remorso engrossa-me o coração. Eu ia ver um filme que talvez me aborrecesse, e deixava lá fora três moleques ardendo de curiosidade. Voltei ao guichê, pedi mais duas entradas, desisti da minha e acenei para os garotos fascinados, que mais pareciam tê-las arrancado do que recebido de minhas mãos. Mas o porteiro barrou-lhes a entrada. Bonito! Havia um obstáculo, havia. Nem eu nem eles o prevíamos.

Os sapatos!

Tinham que se apresentar calçados... Podiam não ser bolina-dores, nem rasgadores-de-poltronas, nem batedores-de-carteiras — que tôda essa gente mais ou menos precursora da atual juventude transviada, era ali admitida como platéia distinta... mas descalços, não! Nem com ordem do Catete. Não se apertaram os moleques. Entenderam-se pelo olhar e — “nós voltamos já!” — sumiram-se na multidão.

PARTIRAM CONFIANTES nalguma providência. Alegres demais para uma decepção. Resolvi esperar. O espetáculo que me davam devia ser mais interessante que o que se passava na tela. Ainda não era decorrido um quarto de hora e ei-los que surgem naquele restante de rua que é a rua Chile. Voltaram felizes. E pisando com um desajeito cômico — maneira de andar que não lhes era natural, um tanto de pato, um quê de Carlitos. Calçados, todos! Os pés nadavam em botinões de adulto, sem cordões, sujos de lama seca. Um sapatinho de moça fazia parelha com uma chanca de marmanjo. Gingando e tropeçando, os garotos avançavam triunfantes. Iam finalmente saber o destino daquela moça cuja vida perigava tanto no cartaz. Seis sapatos velhos recrutados em quinze minutos! Onde os teriam desencavados os pretinhos? Nem formiguinhas miúdas em tórno do açúcar aparecem com tamanha rapidez. A miséria deve ser dona de uma bricabraque invisível, e com certeza alguma sociedade secreta abastece os maltrapilhos. As sapucaias não são o único depósito das escórias de uma cidade grande. E se aquele porteiro, por capricho, exigisse dos meninos três seringas, cinco guarda-chuvas, dois soutiens e sete chaves-de-fenda — estou certo de que êsses utensílios chegariam direitinho às mãos do engraçado. O que para a maioria é lixo desprezível, para o pobre é lembrança afetiva ou objeto de possível serventia.

Os três se aproximam. O porteiro esboça qualquer objeção que não chega a formular, porque intervenho com firmeza: “Agora já podem entrar. Estão calçados” E os meninos mergulharam no mistério da sala. Tinha urgência de saber se a moça escapara dos bandidos. Nem me agradeceram. Agradecer o que, afinal? Talvez se lembrassem, mais tarde, de um sujeito calvo, de óculos, que surgiu na hora precisa e lhes facilitou o ingresso a uma zona de sonho... Alguém que não seria nenhum protetor ocasional ou diletante da bondade, mas apenas uma peça do mundo mágico a que pertencem. Mundo onde não se agradece nem se pede nada a ninguém. Porque tudo, nêle, acontece gratuitamente.



Perla, Hostess número um (USA) J

PERLA MESTA, a "hostess" número um dos Estados Unidos, fez a sua primeira visita ao Rio de Janeiro. Recusando-se a conceder entrevistas particulares aos repórteres que a procuraram, Perla penitenciou-se na quarta-feira com uma coletiva em coquetel no Copacabana-Palace. Muito amável e simpática, parecendo bastante com o tipo retratado no filme "S. Exa. a Em-

baixatriz". Perla contou aos jornalistas sua amizade com os Eisenhower, seu intransigente democratismo e fez pequena preleção sobre as qualidades de uma boa festa e de um bom anfitrião. Finalizou dizendo estar louca para voltar para casa — e cuidar dos seus quatro (belos) "poodles".



A) Johnny, o chorão, canta no Rio

com os
na pre-
nfitrão.
cuidar

ESTREANDO SEXTA-FEIRA no São Luís (cheio) e no Fred's (lotado), o cantor norte-americano Johnny Ray deu início à uma curta-temporada no Rio. Ray foi praticamente o iniciador do estilo gemido, e soluçante dos atuais "big bosses" da canção popular norte-americana, como Sammy Davis Jr. Roy Hamilton, Elvis Presley, etc. É profissional desde os 15 anos mas só en-

controu a estrada da fama já bem madurinho, quando gravou o célebre "Cry". Daí ganhou o apelido de "Chorão" e recolheu um bom dinheiro. Ray veio para o Brasil com sete pessoas na comitiva. Um dos gajos é seu pianista. Os outros seis fazem um turismo mal disfarçado.



Oswaldo Aranha: Fora da Onu tôdas as estradas conduzem à guerra



QUINZE DIAS DEPOIS do almoço de confraternização petebista, onde, junto a Brizzola, Roberto Silveira louvou a renovação de dirigentes trabalhistas no Brasil e citou Vargas muitas vezes, reapareceu nas manchetes dos jornais o Embaixador Oswaldo Aranha. Desta vez, entretanto, pela conferência que pronunciou na Escola Nacional de Música, na data em que se comemorou o 13.º aniversário da ONU. Com a bela cabeleira branca, o eterno cigarro no canto da boca, Aranha foi saudado pela assistência. Classificou suas primeiras palavras a respeito da ONU como de humildade. E que a criatura humana, na época atual, é a grande responsável pela salvação da vida. Disse que o fato mais importante de nossos dias é o da existência de forças inteligentes, que saberão sobreviver à guerra atômica.

CITANDO CARSON

Mais adiante o Embaixador citou o escritor inglês Carson que, certa vez, afirmou que se a prática superar a consciência moral o homem estará ameaçado de enfrentar a própria moral. E advertiu: "o futuro só não está a vista dos que não querem ver e ele nos reserva, nos próximos dez anos, transformações tais que precisamos nos preparar para enfrentá-las".

SEM A ONU JÁ TERÍAMOS GUERRA

"O mal entendido do progresso material com o espiritual é também problema de hoje e a nossa missão é ajustar o Brasil a uma nova ordem irresistível que se impõe a uma velha. Precisamos colaborar na divulgação de que fora da ONU todas as estradas conduzem à guerra e que a defesa da ONU é a segurança da paz. A guerra poderá acabar com a própria guerra. Na atual trégua, que não sabemos quando terminará, está a oportunidade procurada por todos os povos para que a ONU consolide a paz. Sem a ONU já teríamos tido a guerra."

E assim finalizou o Embaixador Aranha sua conferência na Escola Nacional de Música. Suas palavras não foram diferentes daquelas pronunciadas aos novos governadores do Estado do Rio e Rio Grande do Sul, há duas semanas atrás. Dissera, então, que estava satisfeito em conhecer, a cada momento, líderes mais jovens para a administração do país. E, na Conferência, no plano mundial, repetiu sua confiança na lucidez dos dirigentes modernos, na ONU, capazes e dispostos a evitar o perigo das novas catástrofes bélicas. Oswaldo Aranha fala em renovação. Enquanto outros falam em sua candidatura à Presidência da República, em 1960.



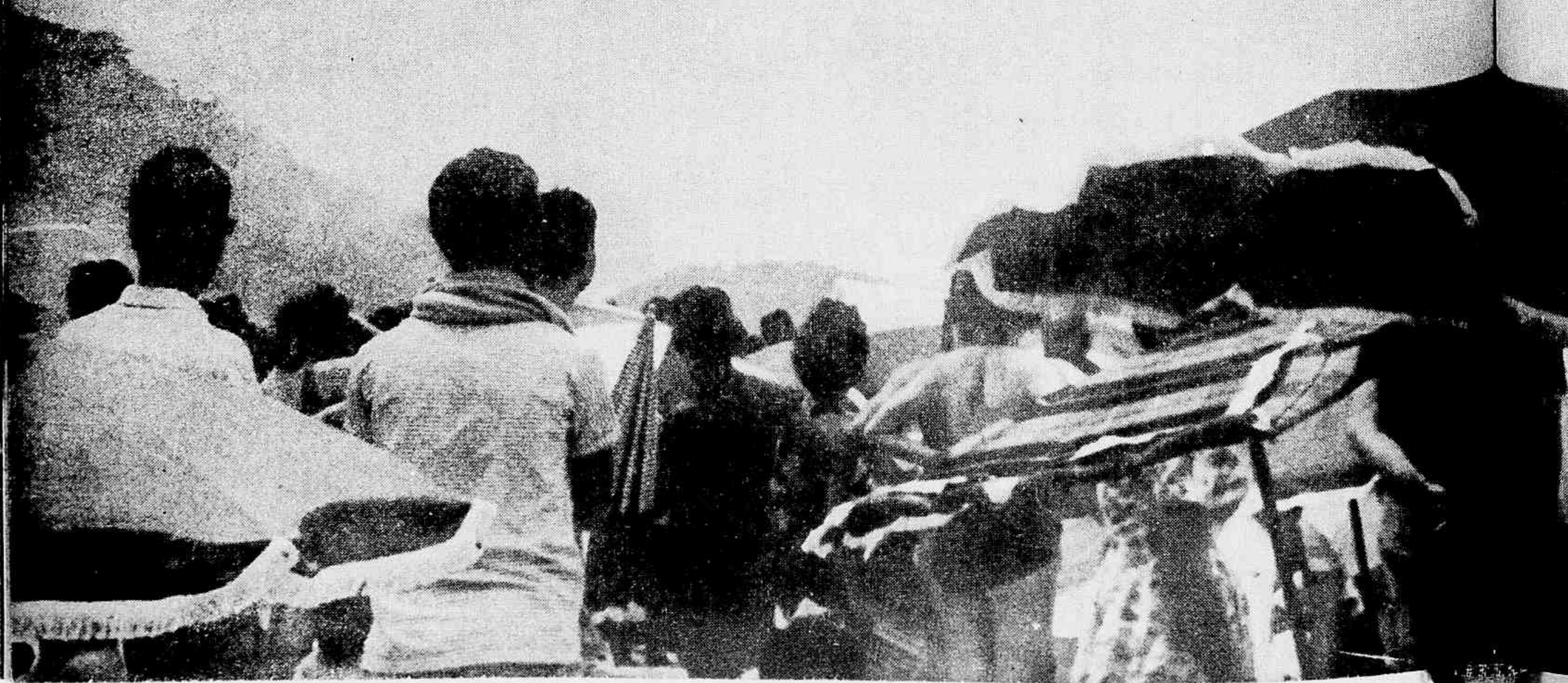
SHOW AÉREO: A MORTE DIRIGE O ESPETÁCULO

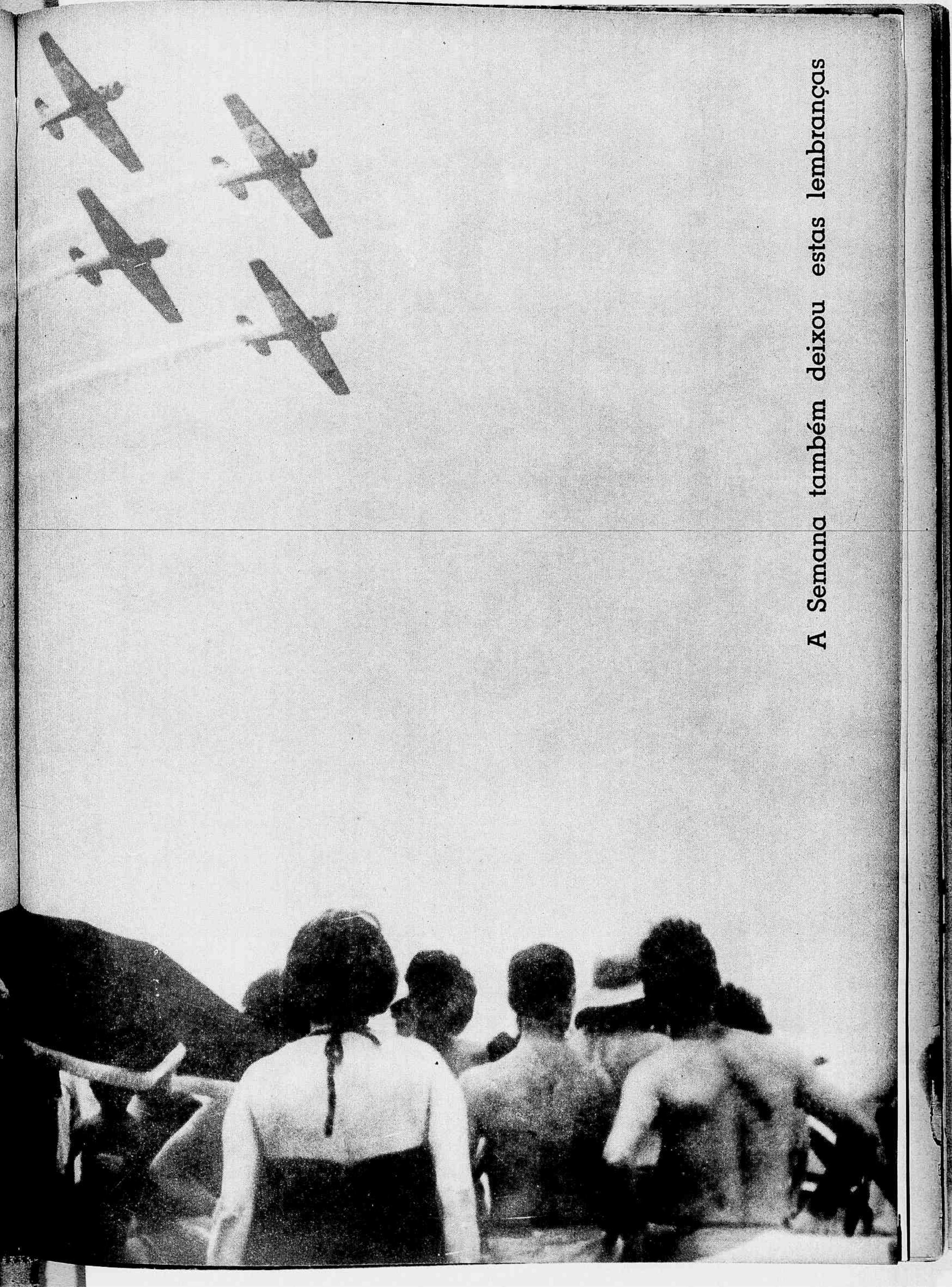
O SHOW" AÉREO-MILITAR que o mau tempo transferira do penúltimo domingo para o que passou, foi finalmente apresentado. O espetáculo, aberto por dois "Camberra" da Força Aérea Peruana, compreendeu ainda o desfile do Grupo de Transportes, da Esquadilha de Ligação e Observação, da Esquadilha da Fumaça e dos jatos "Meteor".

Por volta das dez horas, quando trezentas mil pessoas se apinhavam pela Avenida Atlântica assistindo às demonstrações de bombardeio e acrobacia aérea, 180 pára-quedistas encheram o céu de cogumelos coloridos, realizando seu perigoso número no "show". Três destes homens, o ten. cel. Ney de Linhares Barros, o sargento Hamilton Sacramento e o soldado José Riba-

mar Gama estavam fadados a desaparecer tragicamente, encerrando a alegria que dominava o espetáculo. O forte vento que açoitava o litoral de Copacabana, logo após o salto, arrastou-os pela superfície do mar. Os três se debatiam sobre as ondas e como eles os outros, que felizmente vieram a escapar. Mas tal sorte não tiveram o ten. cel., o sargento e o soldado.

As cordas e fios de nylon de seus pára-quedas enrolaram-se firmemente nos braços e pescoços e eles ficaram impossibilitados de nadar, de prosseguir lutando com a correnteza. Afogados e semimortos foram tardiamente recolhidos pelas lanchas de salvamento. Os esforços dos médicos no Pronto Socorro não foram suficientes para salvá-los.





A Semana também deixou estas lembranças



Morte de 2 cardeais antes do conclave

ELEIÇÃO DO PAPA — As oito horas de domingo 52 cardeais se encaminharam para a Capela Sixtina para iniciarem os trabalhos de eleição do sucessor de Pio XII. O Ritual do Conclave iniciou-se no sábado com a Missa do Espírito Santo, rezada na Basílica de São Pedro pelo cardeal-decano Tisserant. À tarde, os cardeais se dirigiram em cortejo à Sixtina vestidos com a sotaina e a mozeta de lã violeta, enquanto o coral entoava o "Veni Criator". Cregando ao altar o decano oficiou a prece "Deus qui corda fidelium". Logo após monsenhor Enrico Dante ordenou a todos aqueles que não fazem parte do conclave que se retirassem.

Uma vez sós, os conclavistas iniciaram a eleição do novo Papa. Os três candidatos mais fortes ao Papado são os seguintes: Grgeório Pedro Agagianian, de 63 anos, patriarca dos armênios; Aloisio Masella, de 79 anos, prefeito da Sagrada Congregação do Sacramento; e Angelo Roncalli, de 77 anos, patriarca de Veneza.

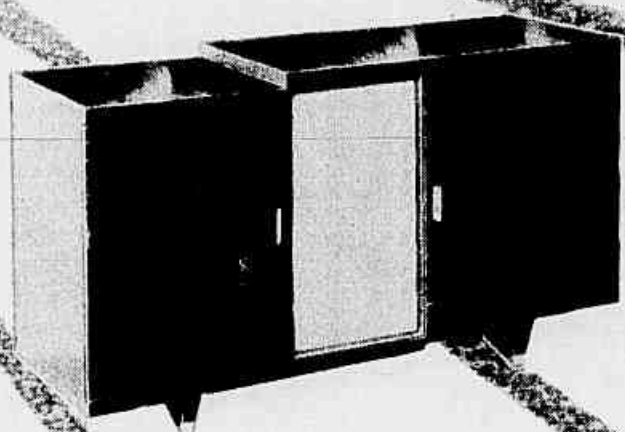
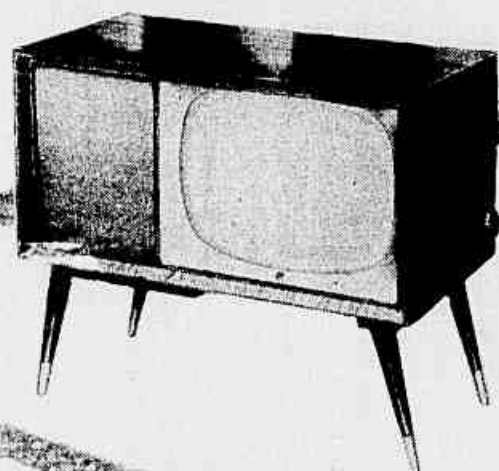
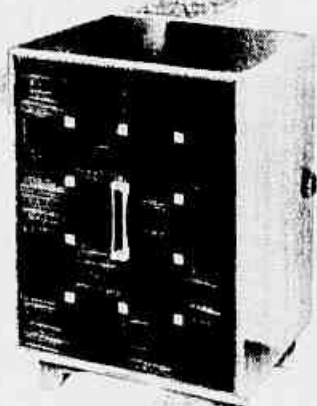
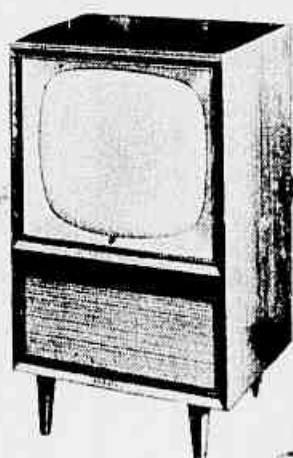
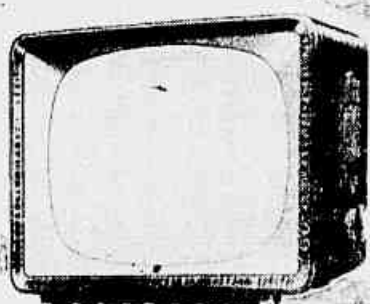
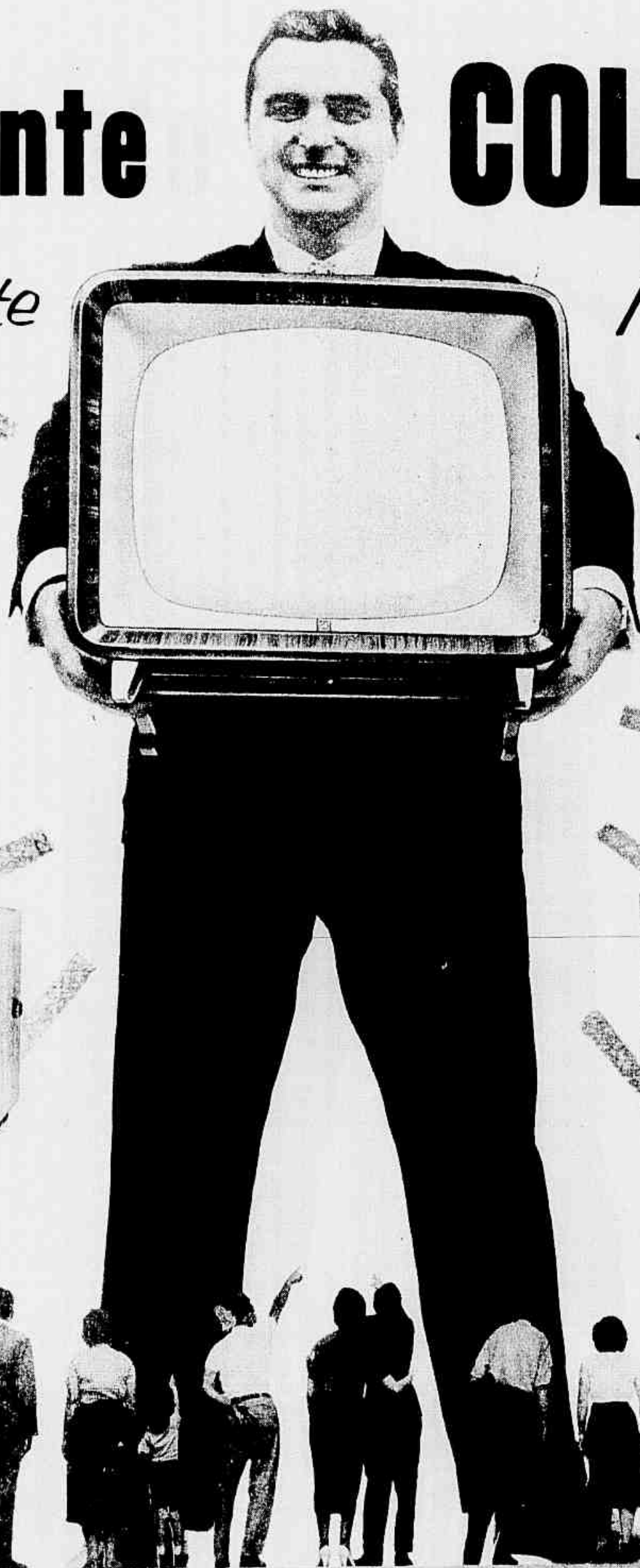
O CARDEAL norte-americano, Edward Mooney, morreu vítima de uma síncope cardíaca, em Roma, no dia 24 último, às vésperas do conclave, da mesma forma que o velho Constantini, de 82 anos (na foto), falecido a 17 — oito dias depois da morte de Pio XII.

Realmente

Inteiramente

COLOSSAL !

NOVO



televisor

PHILIPS

NEW VISION 59 !



NOVO EM TUDO!

- Moderníssimo seletor de canais, de maior sensibilidade
- "Crisper Switch", para uma imagem mais plástica
- Novo tubo aluminizado de 90°, com foco eletrostático
- Novo sistema de som "HI-Z", sem transformador de saída, proporcionando som jamais ouvido em televisores
- Alto-falante "Duo-Cone", equivalente a dois, para melhor reprodução sonora
- Contrôl de tonalidade contínuo, com chave locução-música
- Móvel altamente decorativo, de linhas modernas de grande leveza
- Nova máscara "Golden-Grey", de grande beleza

ADMIRE HOJE MESMO

NEW VISION 59



**HOTEL
AMAZONAS**

**BRASÍLIA
PALACE HOTEL**

